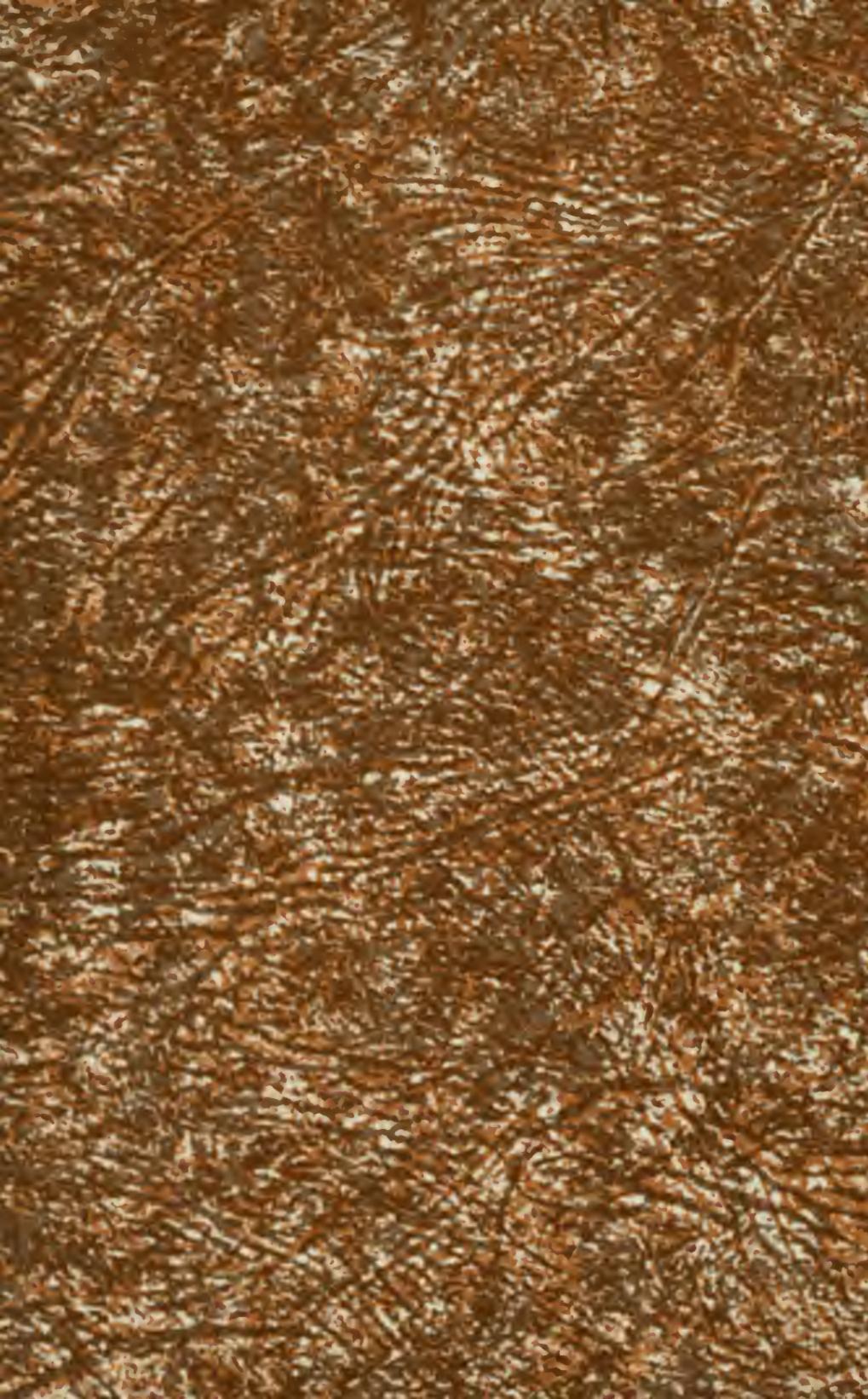
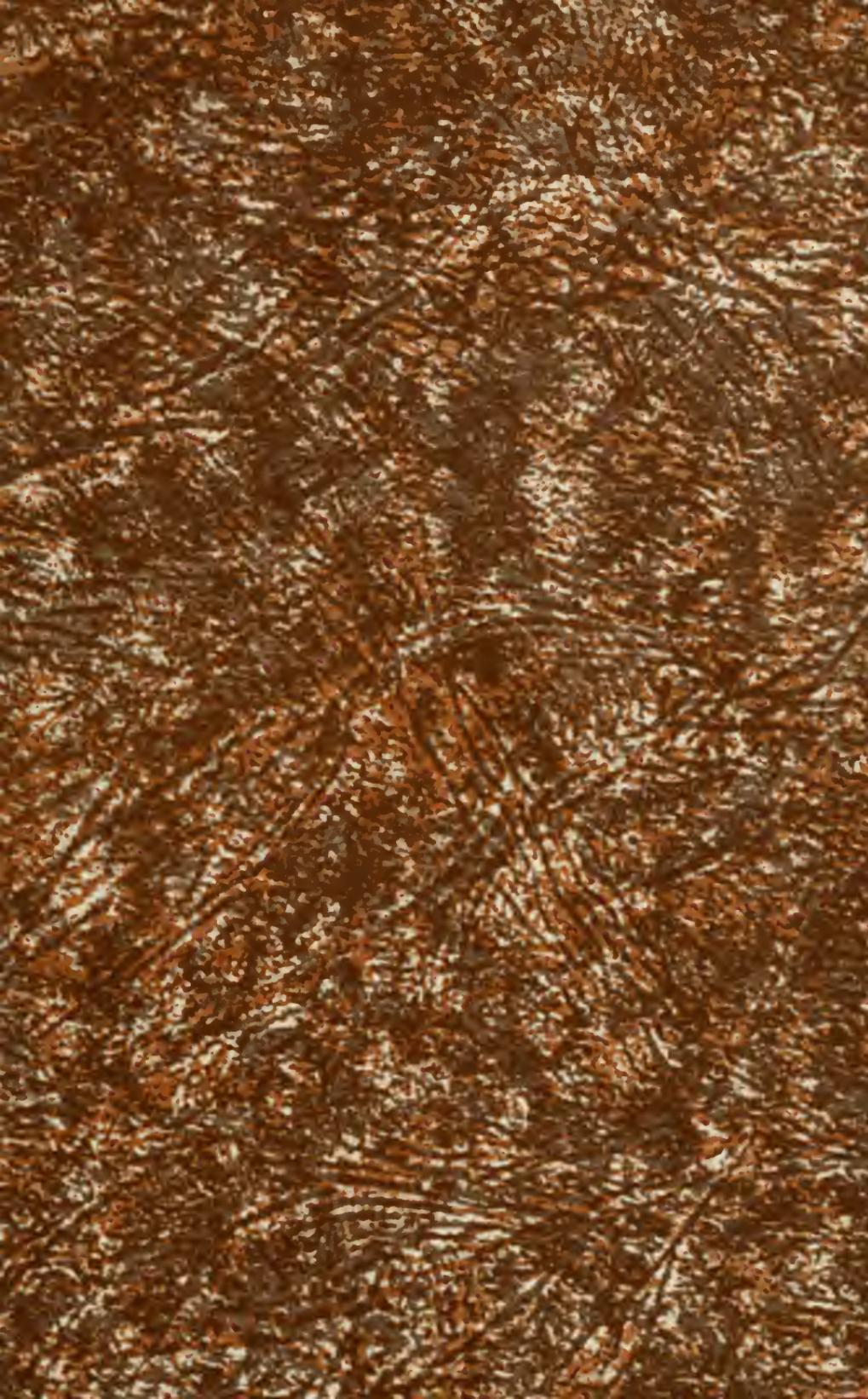




3 1761 07152548 9







Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto





MARIO DE ALMEIDA

# LISBOA DO ROMANTISMO

RODRIGUES & C. — LIVREIROS EDITORES.  
RUA DO OURO, 188. — LISBOA. — 1917.

1

# Lisboa do Romantismo



MARIO DE ALMEIDA

---

# Lisboa do Romantismo

(Lisboa antes da Regeneração)



RODRIGUES & C. — LIVREIROS EDITORES —  
RUA DO OURO, 188 — LISBOA — 1916.

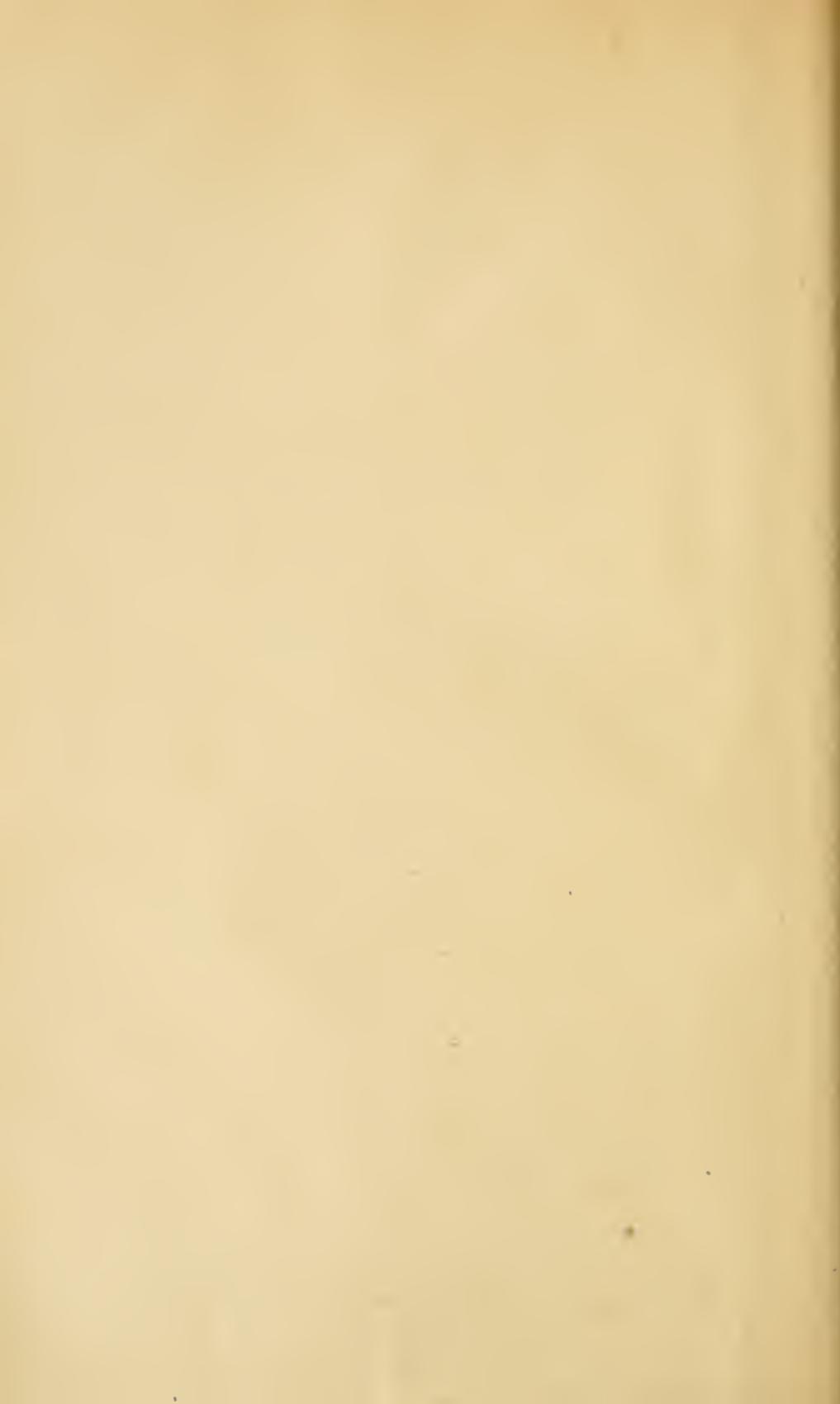
OF  
156  
14  
1516



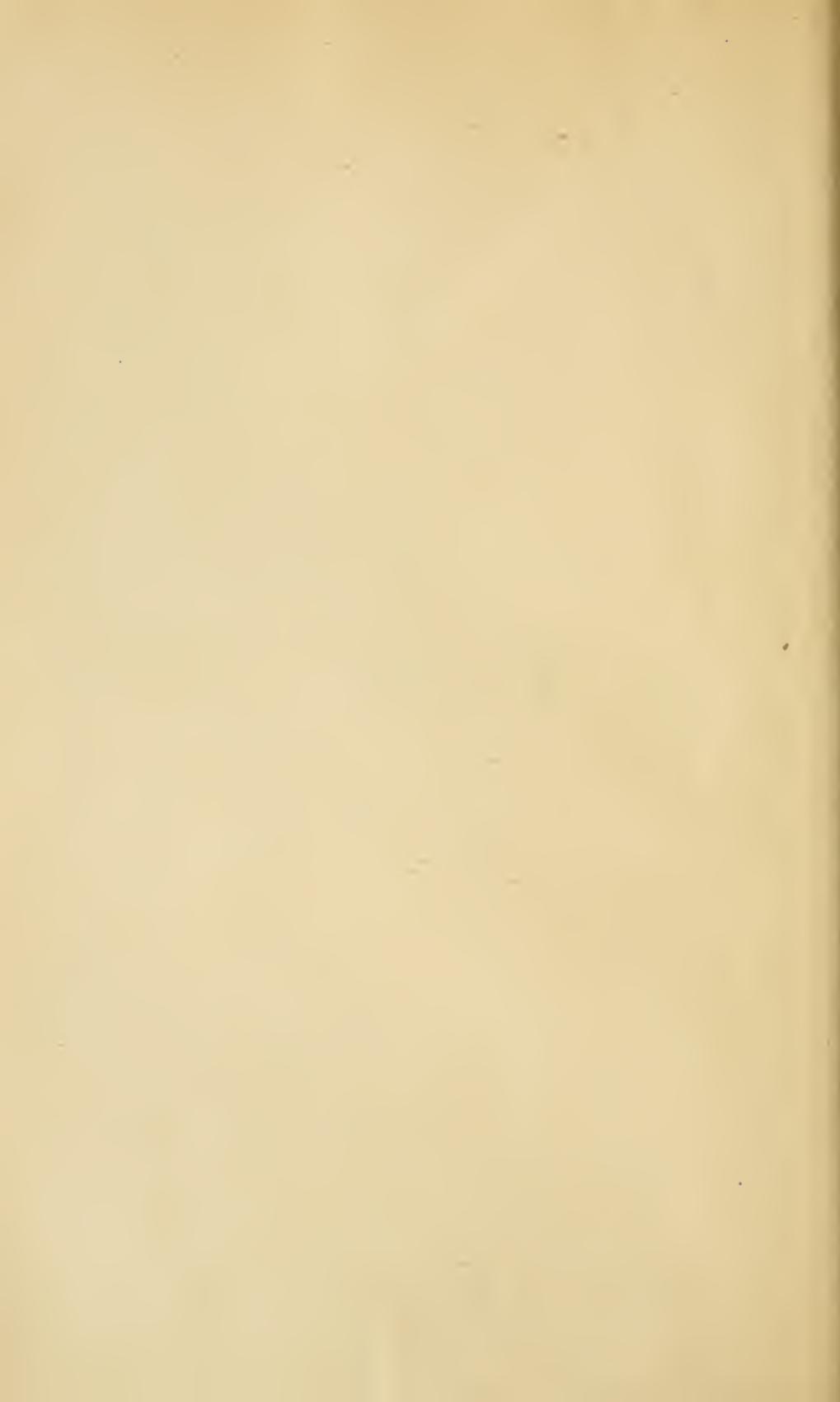
*No ilustre jornalista*

SENHOR

MANUEL GUIMARÃES



ESTA OBRA FOI PUBLICADA  
PELA PRIMEIRA VEZ EM FOLHE-  
TINS NO JORNAL DE LISBOA  
«A CAPITAL», COM O TÍTULO  
DE «LISBOA ANTES DA REGE-  
NERAÇÃO».



OS «CASACAS-DE-BRICHE»



## OS «CASACAS-DE-BRICHÉ»

A epopeia do Imperio sossobra em Waterloo, Napoleão agonisa em Santa Helena, Marat, Danton, Robespierre volveram do nada para o nada, a Convenção foi uma nuvem de sangue que passou, o sopro da Revolução que zuniu n'uma rajada épica, do mar do Norte até ao mar Tyrrheno, cahiu, abateu perante a Europa colligada; voltam os Bourbons para Napoles, entram os Bourbons em Hespanha; Luiz XVIII commenta Tacito n'um canto das Tulherias; um rei caduco domina em Inglaterra pelas vozes de Palmerston e de Pitt, na Austria, Metternich congloba os elementos da Santa Aliança e Monroe prepara o imperialismo americano com a famosa doutrina; é a reacção do poder d'outr'ora, a liga dos reis contra os povos, o pacto de familia, a vellha theoria de Luiz XV que renasce mais vivaz e mais imperiosa; Pio VII volta para Roma, não ha já illuminados, não ha já pedreiros livres, os ultimos jacobinos morrem, moralmente, depois do Thermidor, a *Tugendbund* esfarrapa-se, Kotzebue esmaga sobre o punhal de Sand, Kosciusko, extingue-se ignorado, e Ney é offerecido em holocausto a d'Enghien. Mas a Revolução, que

parecera ter morrido, nunca fôra tão viva, nunca déra tão vigorosamente os seus resultados. A semente de 89 germinara em vinte e cinco annos, principios de nacionalidade e de liberdade que rebentavam aqui e acolá com a vehemencia de botões na primavera: os *carbonarii* planeiam a Italia *irredenta*, a Grecia foge á tutella ottomana, a America latina fragmenta-se, a França sacode os Bourbons, a Espanha impõe-se a Fernando VII. E' uma agitação, uma esferescencia que prepara o maior logro da historia contemporanea: o parlamentarismo: Lafayette, Sterochini, Del Diego, Fernandes Thomaz sonham a lei — e por toda a Europa apenas se ouve um grito formidavel:  
— Constituição! Constituição!

E em Portugal forma-se a tribuna que deu, por momentos, lições á Europa. Um grupo desce do Porto, velhos-novos que ninguem ainda antevira, discursando, orando n'uma rajada d'entusiasmo, sem os colletes á Fabre d'Eglantine, sem as gravatas de Saint-Just, ignorando o *jabot* de Robespierre; não usam a toga de Brutus, mas teem a alma de Mucius Scaevola; com as faces cesarianas de Collot d'Herbois ou de Barnave, envolve-os a grandeza oratoria de Mirabeau; é uma Gironda adaptada, uma burguezia solida e confortada que sonha os bens da liberdade sem os excessos da liberdade. Não é um grupo utopista — é um grupo temporão. Não são reformistas, são iniciadores de uma reforma, acompanham o movimento do seu tempo, inspiram-se em Villéle, copiam da Assembleia Nacional, nunca da Convenção. Grandes? É duvidoso. Sinceros? Incontestavelmente. Que querem elles? Querem a

lei acima da «infallivel casaca», o acesso de todos, a derrocada do privilegio, o fim da opressão. *The right man in the right place!* — diz Palmerston na sua concisa expressão popular; *mehr licht*, mais luz, como murmura Goethe moribundo. É o que elles querem. Destacam-se luminosos — porque as suas mãos são puras de sangue, permanecem indominaveis — porque teem a fé, morrem justos — porque foram severos. Clamores de liberdade em boccas tremulas, entusiasmos de vinte annos em sexagenarios exhaustos, olhos incendiados em vistas apagadas. O braço hesita — mas a voz fulmina, sugestiona, arremeça ideias aos punhados, convence, impõe, alastrá, faz esse simulacro de revolução, onde nem uma gotta de sangue é derramada, expelle esse grito de mil gritos, ulula n'uma tarde cinzenta, em volta do Paço da Rainha, o brado europeu :

— Constituição! Constituição!

Ephemera constituição que um passeio militar derrubava, mezes depois. Mas a intensa alegria do ideal realilisado explode, enorme, é toda uma agitação fulgurante, como se tivessem nascido entre nós os Direitos do Homem. Renascem os *pater conscripti*, renasce a oratoria romana, «Portugal muda de pelle», «começa a saber-se o que seja o direito da Nação», a obra protecionista de Pombal resurge, extinguem-se, lentamente, a casaca de seda preta, a cabelleira de nós, volta a saragoça, usa-se o burel, a estamenha triumpha — e o briche é a materia prima das casacas. Borges Carneiro, Fernandes Thomaz, Silva Carvalho, Mousinho da Silveira, os viutistas convictos,

são, por excellencia, os Casacas-de-Briche. Usam-na enorme, expressamente grosseira, portugueza em todas as costuras, «de grande gola encanudada, voltada, debruada sobre colletes immensos de baetão vermelho abotoados em prata». O chapeu de pello é ainda um *quid medium* hesitando entre a alta forma do *incroyable* do Tivoli ou do Palais-Royal — e o *tromblon* vastissimo, desaconchegado, o tubo de 1830. A gravata escura colleia o pescoço em voltas multiplas, atarraca, congestiona, afoga um collarinho de largas pontas, molle, que conserva direito, por vezes delirante d'altura, como o usavam os *fashionables* de Jorge III. Debaixo do braço, entalada no sovaco, a *baudine* flexivel, a de Byron, terminada n'uma azelha de chichete, tremula, anciosa por vergastar o mundo. As presilhas sahem com negligencia, com estudado saber, das botas altas, foscas, onde habitualmente, por suprema elegancia, o canhão é debruado em còr diferente. «São melros em roupa de cerimonia», «trajos indecentes para homens de edade», commenta, com rancor, o velho Niza. Com efeito! Trajos sufficientes para galvanisar de horror o defuncto Pina Manique.

É uma elegancia singular, a que desce do Porto. Em breve descahirá no *pisa-flores*, mas tem, por enquanto, sobriedade. O que a anima não é o esforço de parecer bem, mas o desejo de ser portugueza. A ideia de nacionalização irradia para toda a parte: ha de, mais tarde, perder-se sob D. Maria II. Por agora, o patriota repellia a França; d'ella queria, apenas, a ideia revolucionaria. O movimento romantico que começa a esboçar-se, na pintura em Géri-

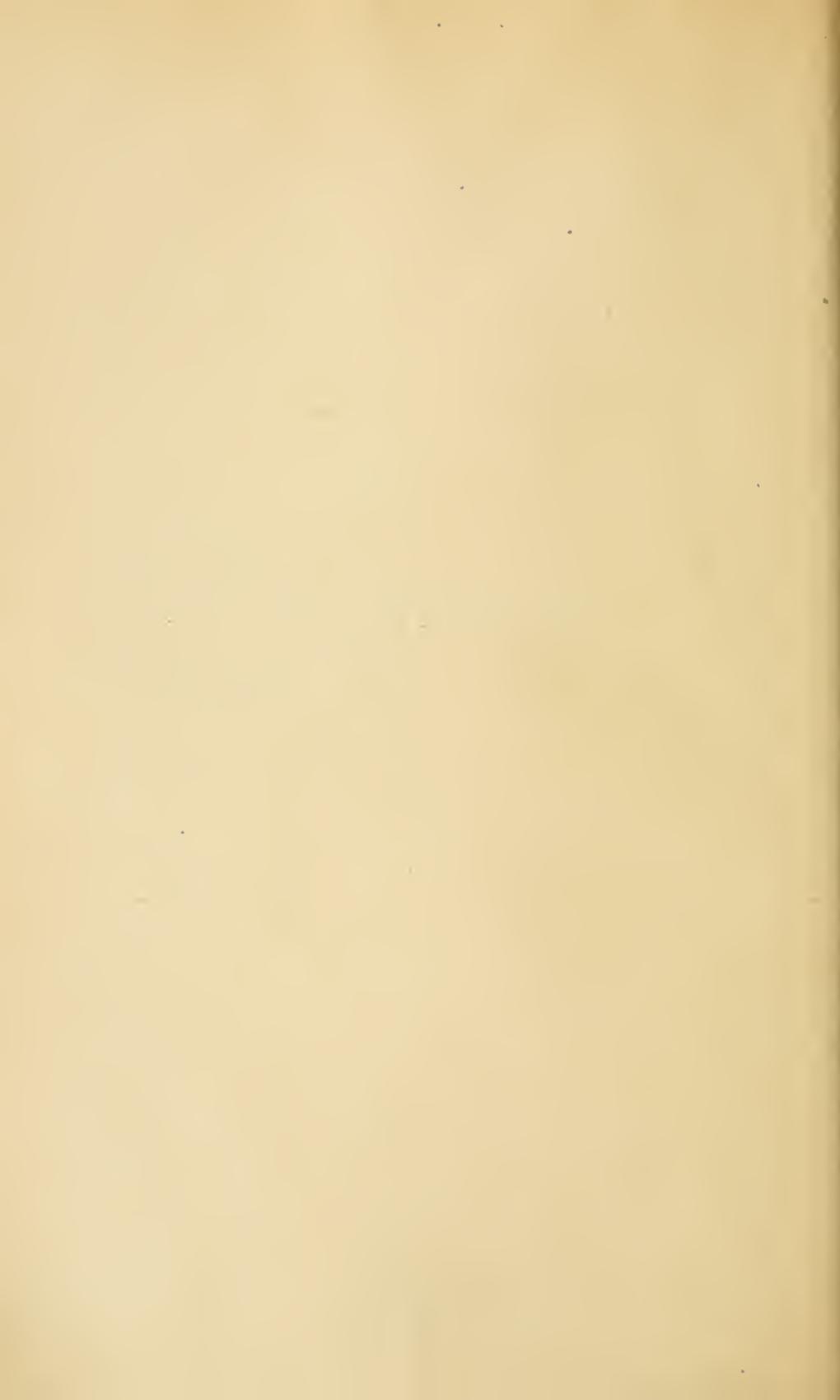
cault, nas letras em Dumas pae, em Hugo, em Walter Scott,— nem se suspeita á beira do Tejo. É ainda o gosto romano; no theatro, Catão, a vida de Paulo Emilio; nos corredores de um velho convento benedictino, Scyla, Mario, os Gracchos... Entra-se n'uma sala como Publius Cinna no triclinio de Livia, mão erguida, gesto largo e solemne, discurso *ore rotunda*, conceito grave, hirto como as pré-gas d'uma toga esculpida em marmore. É, de resto, a mesma febre intensa de 94, quando todos tinham um nome latino e todos se vestiam á grega. Estranha gente, que passa n'um turbilhão, que suppõe levantar o mundo e desapparece deixando unicamente vestigios. São felizes aquelles que, como Fernandes Thomaz, hão-de morrer pouco depois, confortados na illusão de que deixaram inabalavel o seu movimento, sem que uma vida só tivesse sido sacrificada; para esses, o supremo orgulho d'uma revolução humanitaria, elevada, generosa e nobre, que traz uma Carta e um anceio novo. Aos outros espera-os o exilio, onde haviam de morrêr alguns, onde morrera, annos antes, devorado de saudades, o poeta que, na Arcadia, fôra Filinto Elycio. São, então, sombras errantes, sem logar no mundo, corpos vagabundos onde falecem almas mortificadas usando a magua do seu grande sonho cahido. Começa o grande exilio, com flutuações, retornos subitos, expulsões dolorosas, selecção de portuguezes, bocadinhos d'amor que se arrancam com odio, martyrio, lagrimas, saudade, lucto, braços tremulos, abertos n'uma suprêmea e voluptuosa dor para essa patria pequenina tão ciosamente querida, tão furiosamente amada, offertas mudas

de todo o sangue das veias, de todo o alento da alma ; arqueia-se a formidavel auréola iriada com todos os prantos, matisada com todos os desesperos, começa a augusta magestade dos vencidos, lentamente robustecida, crescendo indomavel de fé até áquelle gesto immenso, até áquelle grito formidavel que varre tudo, despedaça tudo, leva adiante de si o anachronismo, a prepotencia, a casta. Os homens de 20, depois do triumpho, conhecem o soluço ; reaparecem menos posticos, menos declamatorios porque sofreram. Os que julgam que a ideia se mata, chamavam-lhes um sonho mau quando elles eram, irrefragavelmente, o principio d'uma grande realidade. Pode vir D. Miguel, pode vir o lamentavel retorno que pretendia resuscitar um seculo lugubre. O grito que chegou aos astros não morreu. Ha, pelos cantos onde se conspira, em velhos solares de provincia, em barracas sordidas do Porto, um lento suspiro abafado que repete uma palavra, a mesma que estrugira, a mesma que voára :

— Constituição ! Constituição !

---

AS FILHAS DE D. JOÃO VI



## AS FILHAS DE D. JOÃO VI

Um homem baixo, bonacheirão, com tendencia para a obesidade, uma vaga parecenza com Carlos IV d'Hespanha, uma fugitiva semilhança com Luiz XVI, usando com frequencia meias de um verde estridulo, larga sobrecasaca côn de folha morta, peruca sempre desleixada, espirito sempre indeciso e vagabundo, olhar incerto, pousando a medo, com lampejos de loucura, com a myopia allemã do pae, a hesitação mental e beata da pobre doida que foi a mãe. Tortuoso de conceito, com um terror sagrado de Pina Manique, rindo de Bocage, detestando José Agostinho, falando de Saint-Just como d'um monstro, prohibindo o nome abominavel de Robespierre, tendo para a Grande Revolução uma palavra que era um rônco: — «Pedreiros livres!» — polichinello movendo-se pelos cordeis que puchavam os casacas-de-briche, embrulho incommodo que se embarca n'uma nau, que se remete para o Brazil, d'onje volta, sempre como embrulho, com uma ligeirissima ideia da Constituição, aprovando, negando, concedendo, sempre fóra das suas prerrogativas porque as não conhecia, cioso das suas regalias porque as malbaratava, — os fran-

cezes tel-o-hiam cognominado *Le débonnaire*, a historia chama-lhe D. João VI, o *Clemente*, os seus contemporaneos *El-rei-o-nada*.

Em volta d'elle ha a grande familia dos patriarchas. Em treze annos tem nove filhos, vê morrer apenas D. Antonio, o principe da Beira, que transita como uma sombra e desapparece, levado pela escarlatina, aos seis annos, casa tres filhas em Hespanha, faz do marquez de Loulé seu genro, passa a vida affastado da rainha, com quem se reconcilia oito ou nove vezes, tem o aborrecimento perenne de Luiz XV, pousa, murcho e inerte, como uma bola de carne, nas corridas de Salvaterra e, quando pode, foge para o convento de Mafra a resar o seu eterno cantochão :

Nós temos um rei  
Chamado João  
Faz o que lhe mandam,  
Come o que lhe dão  
E vai para Mafra  
Resar cantochão.

As filhas iam crescendo, vivendo para destinos diferentes, nenhuma para destinos felizes. Eram seis criaturas miudinhas, tendo todas, na infancia, a pelle morena, afogueada, verrugosa da mãe. D. Augusta de Calça-Pina, vagamente aCAFATA, ligeiramente governanta, fôra recebida em Versailles, quando lá estava o nosso embaixador Sousa, entrevira a filha de Maria Antonietta, que foi mais tarde a duqueza d'Angoulême e que era então *Madame Royale*, trouxe para Portugal o penteado estranho da princezinha,

copiou das gravuras de Sanfort, entalou as infantas nos corpetes á Du Barry, emparedou-as nos brocados hirsutos de *lady Pitt*, pouco faltou para as altear com os incriveis chapeus á Théroigne de Méricourt. De Senancey, ao vel-as com um ar de precoce tristeza, hirtas, embocetadas na moda delirante de Calça-Pina, exclama : — *Comment peuvent-elles vivre là dedans?* — E a mãe, que parecia feita de madeira, mas mal feita, que não tinha gosto para vestir-se, desgraciosa, de cabello aspero e rebelde, disforme no quadril, disforme no hombro, achava-as encantadoras e approvava. A tutela da inconcebivel mulher prolongou-se até que um vôlvo a levou, empertigada e sècca, remotamente parecida com aquela *Madame* de Noailles que a pobre Maria-Antonieta chamava *Madame l'Étiquette*. As infantas tornaram-se mulheres, mas já marcadas pela tolice atroz que lhes comprimiu a infancia, profundamente des-similhantes e excessivamente mal educadas. — *Ce qui est à remarquer dans cette famille de Portugal* — diz Laura Pernon, duqueza d'Abrantes, — *c'est que pas un enfant ne ressemble à sa sœur qu'à son frère!* — Carlota Joaquina podia, talvez, explicar a razão, mas esqueceu-se de o fazer; entre o almirante Costa Feio, o marquez de Marialva, o Santos, almoxarife do Ramalhão, a duvida podia perpetuar-se, eternizar-se. E, de facto, subsistiu, subsistia ainda para Rebello da Silva e para Latino Coelho.

Passa, porém, como certo que as quatro primeiras eram de D. João VI, o que não impediu que todas seis tivessem, como de resto os dois irmãos D. Pedro e D. Miguel, uma instrucção deficientissima e desleixada. A infanta Maria

da Assumpção nunca tinha ouvido fallar de Camões e não fazia a mais pequena ideia do que fossem os *Lusiadas*. Maria Thereza, a primogenita, tinha uma ortographia monstruosa, capaz de estarrecer um bolieiro, o que não obstava a que escrevesse no fim das suas cartas : — *Viva el-rei D. Miguel Absoluto!* Foi sempre muito absolutista, defensora acerrima do antigo regimen ; estava em Cadiz quando foi da *Villafrancada*, e a sua alegria incendiou-se, enorme : aplaudiu, tripudiou, escreveu, com letra mais aperfeiçoada, o seu habitual *Viva D. Miguel Absoluto*. O historiador navarrez Échegarria pretende demonstrar que foi ella quem matou os seus dois maridos (o infante de Espanha D. Pedro Carlos, e depois (1838) D. Carlos, viudo de sua irmã D. Maria Francisca) mas não explica como, tomado d'um subito pudor, logo a seguir á sua frase malaventurada. É verdade que, mais abaixo, tambem diz que a infanta era linda, redimindo assim a predilecta de D. João VI. Com effeito, uma gravura de Pradier, bastante comum nos collectionadores da *taille-douce*, mostra-nos uma mulher alta, forte, cheia, com os traços accentuados de Juno mas com a elegancia varonil de Bellona : era realmente bella.

Como a irmã, que ignorava Camões, D. Maria Isabel supunha que no Brazil só havia pretos. Teve depois occasião de verificar o contrario, e quando da viagem que o Dom Prior de Cedofeita fèz a Lisboa, ao ouvir-o explicar como a terra era redonda, desvairou, perdeu a cabeça em pleno paco da Bemposta, gritou — «Um hereje!» — com todas as forças da sua alma, e nunca mais consentiu que

lhe fallassem do prior. O pobre homem nunca poude comprehender! Era branca, nutrida, rosada, boa e virtuosa, tinha um grande ar de bondade que lhe temperava as feições um pouco duras, um ar bonacheirão — como o do pae. E essa curiosa creatura que até ignorava Goya, que era, contudo, do seu tempo, lembrou-se de fundar o museu do Prado, sugerindo ao marido, Fernando VII, tão ignorante como ella, a ideia de juntar n'um só edificio todas as obras primas da pintura dispersas pela Hespanha. Não viu a realisaçāo da sua bella ideia porque morreu, mezes depois, de uma forma horrivel: estava gravida e teve um accidente; um dos medicos, teimoso como Fagon, inhabil como La Chaise, um d'estes medicos de cōrte que já no seculo XIX ainda fazia a medicina do anterior, a sanguaria e o emético — julgou-a morta, fez-lhe a operação cesareana para salvar o filho, retalhando á vontade e sem rebuço. A rainha voltou á si para morrer logo em seguida, na mais tremenda de todas as agonias. Tinha vinte e um annos. Alguns annos mais, n'essa soturna e adormecida cōrte de Hespanha viveu a irmã, a infanta Maria Francisca, que casára no mesmo dia com o irmão de Fernando VII. Tinha uma grande veneraçāo por D. Miguel e passava o tempo n'uma correspondencia interminavel com a marquesa de Chaves. Era da força das outras, com a variante de ter um bello talhe de letra. O duque d'Ossuna escreveu algures: — *Como é possivel que tão linda calligraphia encubra tão feia orthographia?* — E a embaixatriz de França, em Madrid, que era irmã de Descazes e do sangue da Sévigné, affrontava-se com aquillo, perdia a respiraçāo,

sibilava com rancor; — *C'est un crime!* E quando a infanta morreu, em Inglaterra, a embaixatriz não desarmou. — *Elle causait bien!* — dizia alguém em guisa d'oração fúnebre. E a descendente dos Sévigné protestava: — *C'est possible! Mais elle écrivait mal.*

A mais popular de todas, à Regente, a Infanta Isabel Maria, sossobrou também no escólio da orthographia, mas resgatava este defeito com um sorriso encantador. Ilde de Neuville, embaixador de França em Portugal (sempre os embaixadores!) dizia: — *Elle etait fort jolie, son visage exprimait, en même temps, l'intelligence et la beauté!* — Intelligente? Sem dúvida. Na sua quinta de Beinfica, (dos bens do Infantado) onde vivia, tomou o gosto ao constitucionalismo e, apesar de Regente, não se chegava. Era a mais velha das irmãs que tinham ficado em Portugal e não occultava a sua sympathia por D. Miguel. As dissensões intestinas afastaram-n'a; ia então para a quinta da Amora, do outro lado do Tejo, onde passeava a sua hysteria, a mais completa e mais perfeita das hysterias. Estava para casar com o príncipe de Condé, o ultimo dos Condés, quando, de bordo da *Windsor Castle*, desembarcou um tenente de marinha — e o marinheiro gostou tanto de Portugal que se esqueceu de ir embora, e foi demitido. O casamento rompeu-se, e a infanta, mais hysterica, mais enrodilhada nos seus nervos, refugiou-se, quasi de todo, na Amora. Morreu septuagenaria, rodeada de padres, obcecada por um terror indizível do inferno — de que se aproveitaram dois inglezinhos herdando uma fortuna redonda.

Bem mais interessante, com muito menos vida, foi aquella débil princeza que se chamou Maria da Assumpção. O cunhado, o marquez de Loulé, ousára, já depois de casado, namoral-a tambem. Era insignificante. O seu melhor tempo perpassou no curto reinado de D. Miguel; acompanhou-o sempre e, apesar de solteira, dizem que morreu de parto, já com um ligeiro *embonpoint* de trintona: parece, comtudo, que foi do cholera-morbus, em Santarem. Nas *Viagens na minha terra*, diz Garret que foi enterrada n'um caixão de folha, mal embalsamada, e na egreja do Santo Milagre. Foi em 35; a folha rebentou, empestou a egreja. Começa então a odyssenia do triste prior: durante um anno pediu, supplicou, impetrou que lhe removessem o caixão importuno. Debalde. Exhausto, mudou-o para o cruzeiro da egreja, em campa rasa, onde lá está ainda, do lado da epistola. E assim desapareceram de todo os restos da infanta....

Venus renasceu mais uma vez na ultima, a formosissima Anna de Jesus Maria. Era modelar; mas Neuville desdenha: -- *A quoi ça sert-il, puisque c'est à Loulé?* — Com efeito, era de Loulé, Antinous, Cinq-Mars, Narciso, um dos mais bellos homens do seu tempo, como lhe chamava Fletcher, empertigado nos seus collarinhos. Vagamente se sussurrou uma historia: a infanta, n'um dos corredores do Paço, ordenára ao marquez que lhe apertasse uma liga e como aquelle feliz mortal tivesse ainda uma hesitação, *par respect*, cicia Neuville, a infanta repetiu a ordem com mais intimativa, estendeu, mostrou um delicioso prolongamento de pé. — *Cetait, pourtant, un joli pourboire* —

acrescenta o incorrigivel embaixador. Mas quando o marquez, pressuroso já, recolhia o seu *pourboire*, El-Rei aparece, franze o sobr'olho — e o casamento ajusta-se em quatro palavras. Chamaram-lhe logo o *Sorte Grande*, mas como elle era muito patuleia, e ella muito cabralista, não tardou que deixassem de se entender. Tiveram o seu exílio, voltaram em 34. Elle continuou sendo o *Sorte Grande* em politica, o *Sorte Grande* até na morte porque morreu de repente no seu palacio de Belem duque, presidente de conselho, carregado de honras e de favores ; ella passeava o seu nervosismo hereditario pelos salões de Lisboa. Assiste aos bailes da Assembleia Lisbonense, aparece nas Larangeiras, muito em S. Carlos, nas *soirées* da condessa de Vianna — e vae morrer a Roma, d'um anthraz que gan-grenou, quando, definitivamente separada do marido, pensava em installar-se no palacio Aldobrandini.

Para fortunas diversas vivêram as seis filhas de Carlota Joaquina. Todas trouxeram o peso d'uma raga acabada, nenhuma foi feliz, tève a singela e doce felicidade das mulheres. A mãe, nos seus partos quasi bieniaes, constantemente repetidos em treze annos, exgotou-as, transmittiu-lhes o pobre sangue dos Bourbons de Hespanha ; o pae, todas as taras da *Piedosa*, todas as d'elle, as hereditarias, longinquas, que já vinham de D. João V e de D. José. Todavia, a fecundidade permanece ; mas os filhos de Carlota Joaquina, são, lembrando a bella expressão de Pasteur, *du sang à faire des malheureux !*

## A MEDALHA DA POEIRA



## A MEDALHA DA POEIRA

As quatro janellas do salão amarelo estão semi-cerradas. Fóra, maio refulge. O meirinho da antecamara cabeceia de pé, encostado a uma columna de faiança de Sèvres. As pesadas sanéfas de velludo rôxo adormecem em prégas molles, sem um movimento, sem um braço palaciano que as affaste n'um gesto decidido. Chegam, vagos, os rumores da rua. A meia luz escassa come os tons neutros da alcatifa, incide nos pés de cobre d'um grande tremó Imperio. Silencio. Na mesa de pau santo onde o monarca assignará a promessa de Constituição, um enorme budha em marfim, monstruoso, todo umbigo, parece dominar com as orbitas sem olhos um povo inumeravel de estatuetas, espalhado aqui e além, por sobre os marmores. Cadeiras largas, feitas ainda para a magestade das anquinhas, estendem os braços, esperam. Tapetes d'Aubusson, pannos d'Arrás. Solidão. No tecto apainelado a carvalho, a esphera armilar rebrilha a vermelho e oiro, espreita o vazio das quatro paredes onde dorme o aborrecimento. E no canto mais escuso, por detraz d'um biombo em seda de Kai-Tong, abandonado de todos, repellido por

todos, meio estendido n'um camapé, um vello de cabellos brancos, de patilhas brancas, mais Habsburgo do que Bragança, mais morto do que vivo, só, inoccupado, agitando nervosamente as mãos, parece escutar attentamente o socego adormecido do palacio. É El-rei.

Contaram-lhe um dia como Luiz XVI fugira de Paris e fôra preso em Varennes. E elle, agora, espera o seu Varennes. É uma angustia que dura ha dois annos, que vae ainda durar mais tres. Seria talvez n'essa tarde de maio, no dia seguinte, no outro mez, se a hespanhola perfida que ruminava a sua perda na humidade do Ramalhão, o não suprimisse antes. Um suspiro frouxo torna ainda mais pesado o silencio do salão amarello. Na antecamara, a pendula bate regularmente o meio-dia e, logo a seguir, a toada argentina do costumado minuete de Cimarosa vibra estranhamente no calor suffocante da tarde de verão.

O conde de Soure affasta um reposteiro, procura o rei com a vista, inclina-se ligeiramente, responde com gravidade a uma pergunta muda:

- O senhor Infante sahiu esta madrugada da Bemposta e está em Villa Franca.
- Em Villa Franca?
- Em Villa Franca.
- E o que foi elle lá fazer?
- Por enquanto, quasi nada. Mas disse alguma coisa.
- Ah! Disse alguma coisa... E que disse elle?
- Disse: «Morra a Constituição!»
- É pouco. Toda a gente o diz!

—Mas disse-o á frente de quinhentos soldados.

E contou. Logo de madrugada, D. Miguel sahira surateiramente do palacio e, de combinação com o brigadeiro Ferreira Sampaio, amotinára o vinte e trez d'infantaria que levou de roldão, n'um frémito de entusiasmo, ao encontro da divisão transmontana. Eram claros os planos do Senhor Infante; tratava-se de rasgar definitivamente a Constituição. E agora, soberbo, refulgindo de vida e de mocidade, desempenado em cima d'um potro d'Alter, animava com a voz e com o gesto, ameaçava de marchar sobre Lisboa — e reclamava, com instancia, El-rei. Mal ia para os pedreiros livres, sobretudo se a divisão chegasse. Era, d'esta vez, o sangue que se evitara em 20. E o palaciano, desorientado, sugeria ao monarca a milicia, o sete d'infantaria, a força opositiva, todos os elementos conglomerados para esmagar essa ninhada de toupeiras que detestava e não queriavêr o sol radiosso da Grande Revolução. O conde de Soure, afecto a D. Miguel, *ancien-régime*, aterrado com aquella diversão que o ia talvez baldear para incertos destinos, ardia em puro fogo constitucional — e propunha medidas tão violentas que nunca, sequer, tinham passado pela mente do famoso Santérre.

O velho desenroscou-se do sophá, passou lentamente os dedos pela testa. De novo surgiu a visão de Varennes. E chegára aos cincuenta e seis annos, toda a sua vida fôra uma transigencia para que, já pendido sobre o tumulo, tivesse a dôr devêr o filho revoltado, como tinha tido a magua de saber a mulher sonhando a sua supressão. Agora era o fim; e o seu encolher resignado d'hombros marcava

realmente, o fim da sua auctoridade de pae, da sua dignidade de rei...

Dias depois, affirmava um grande amor á Constituição. A pressão exercida de todos os lados era enorme. E como podia suppôr-se que, intimamente, a sua sympathia pelo antigo regimen prevalecesse, quando em baixo rugia a soldadesca, defronte do Paço da Rainha Catharina, mandava as infantas á janella, a explicar:

— O pae não quer ser absoluto!

— Ha-de ser! Ha-de ser! — clamavam, da rua, os pretorianos.

El-rei passava as mãos pelos olhos no seu gesto habitual, indeciso e hesitante. E transigia:

— Bem! Pois então serei!

E aquele velho que suspirava pelo descanso definitivo, andou ao sabor de todas as paixões como uma careassa seu governo que a agitação das aguas baloiça no oceano seu fim. Rei Lear esbulhado do seu throno, a sua coroa foi, em verdade, uma coroa de espinhos. A príncessa de Constituição era uma nuvem de fumo temeu que elle desculposamente assoprou. Foi a Villa Franca, rodeado pelas tres infantas, reunir-se ao filho, entregar-se-lhe. Varennes ainda. O entusiasmo explodiu. Todo o paiz repudiava com rancor as ideias liberaes, acclamou D. João VI. O carro em que voltou para Lisboa foi desatrelado, puxado depois por brigadeiros, por capitães que maculavam no pó da estrada o ouro das suas agulhetas, soberbos, triunfantes, plethoricos do orgulho de puxarem a carruagem de tão bondoso rei. No dia seguinte, a *Gazeta* publicou

os nomes d'estes «notaveis motores humanos» e o capitão Ruy Barbosa, lacrimoso, indignado, protestou contra a falta da sua pessoa na lista memoravel — porque puxára tambem, tambem se atrelára e injustamente lhe haviam omittido o serviço e o nome. D. Miguel impunha-se, e aquella sombra de rei, sem prestigio, sem energia, atormentada, vacilando como uma chamma de véla no redemoinhar de todas as paixões e de todas as torpezas, referendava simplesmente, d'olhar vago e absorto — o terrivel olhar dos velhos! — as exigencias de Villa-Flôr, d'Angeja, dos condes d'Avintes e da Figueira. Appareceu então a medalha commemorativa, a medalha da *villafrancada*: no verso, a legenda «Heroica fidelidade transmontana»; no anverso, «Fidelidade ao Rei e á Patria». Todos tiveram a medalha, ciosos de mais aquelle *hochet*; o visconde de Santa Monica dava-lhe o primeiro logar nas condecorações do seu uniforme, e o conde de Soure, que relembrara o sete de infantaria e outros meios de repressão, tambem a usou largamente. Fidelidade ao Rei e á Patria! O rei, na revista ao vinte e trez d'infantaria, levou-a na sua farda. Os officiaes da divisão transmontana tiveram-n'a como o rei. E a medalha da revolta, colhida na felonía e na traição, era um objecto de horror entre os liberaes esmagados, silenciosos. Quando ella repassava, brilhando n'um peito que se julgava esteio e que era apenas um degrau, uma exclamação medrosa traduzia o desdém:

— A medalha da poeira!

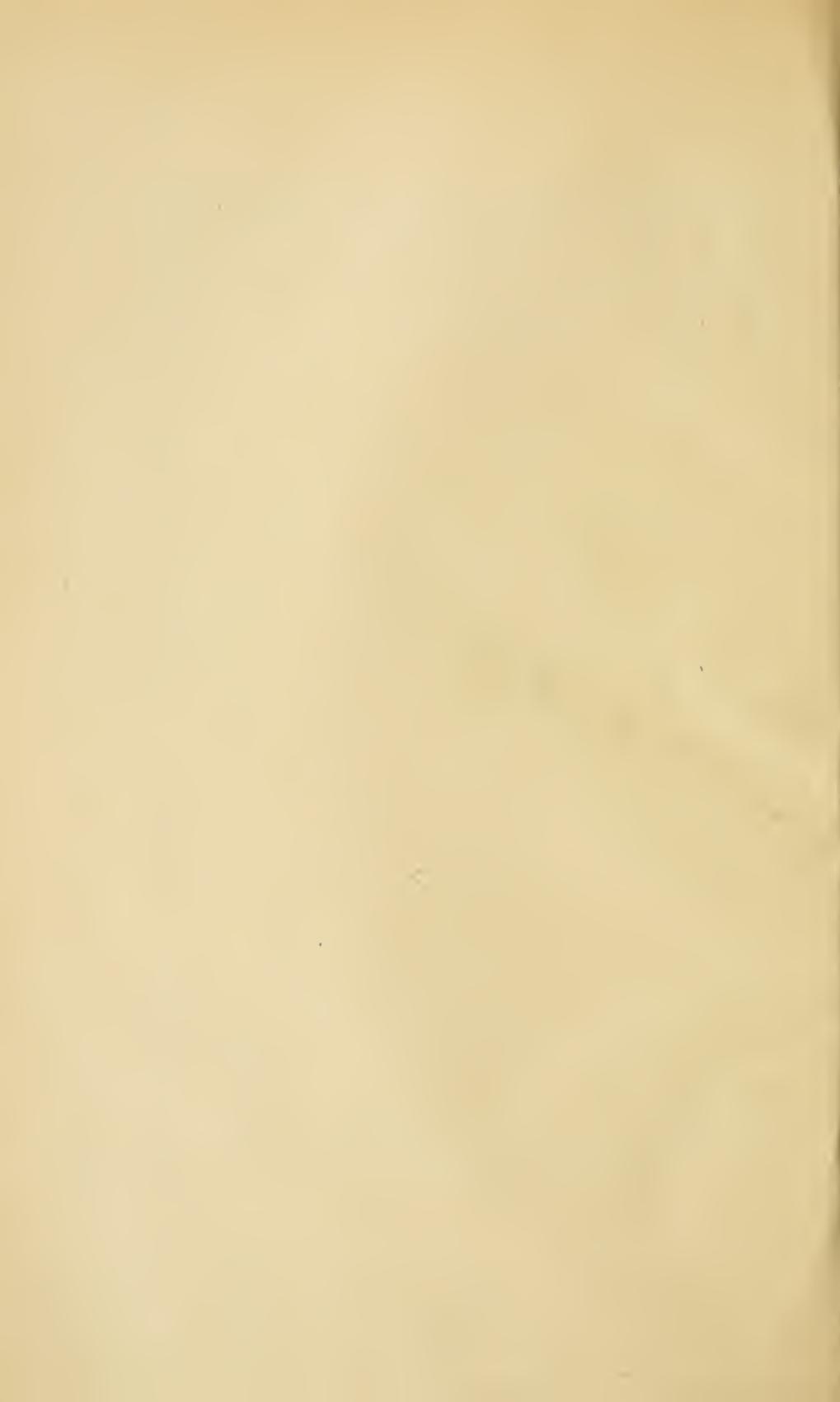
Com a medalha da poeira suspensa da sua casaca verde-negra, El-rei tremia com receio de que a mulher o

mandasse matar. Era um sér lamentavel, terrificado, de-perecendo celere, supplicando mudamente, humildemente a paz dos seus ultimos dias. Quando o conde d'Amarante chega a Lisboa, á frente dos seus transmontanos, abraça-o chorando d'alegria; n'essa mesma noite, a medo, com a voz da consciencia, faz o elogio de Borges Carneiro. A loucura da mãe accende-se, por vezes, no seu olhar apagado. Tem a mão incerta e tremula; o filho apavora-o e como se não bastasse toda a crueldade fria do moço que pretende dal-o por coacto, é ainda o infante que o avisa, sem fundamento, de que as lojas maçonicas tencionavam assassinal-o. Sofreu, remiu. Noites passadas no silencio da alcova, tremendo senilmente com o pavor da morte, dias horriveis sem o conforto decidido e corajoso de um homem entre tantos homens. E é quando o cardeal-patriarca espalha a sua pittoresca pastoral em que D. João VI é *a luz da nossa cara, a respiração dos nossos narizes*, que o Rei, tocado por aquella dedicação que se exprime d'uma forma tão estranha, mas que se advinha tão commovida, vae a S. Vicente, procura o prelado, se lhe lança aos pés e longamente chóra a sua velhice amarga que o não deixa morrer em paz. Já não é um mau rei, — é apenas um pobre rei, sombra desgraçada de rei que, a um tempo, repelle e enteorce. E n'esta epopeia de sofrimento e de doblez faz o ultimo e desesperado esforço em favor da sua tranquillidade; sae, com indifferença, da sua prisão real, afecta um passeio a Caxias e bruscamente embarca na *Windsor-Castle* que fundeia no Tejo. D'ahi proclama em segurança. Livre, em territorio d'Inglaterra, é de novo

constitucional. D. Miguel, commandante em chefe do exercito, é mandado viajar pela Europa. Em terra os liberaes recomeçam apparecendo. Olham-se com surpreza e murmuram aturdidos :

- Acabou-se a medalha da poeira !

---



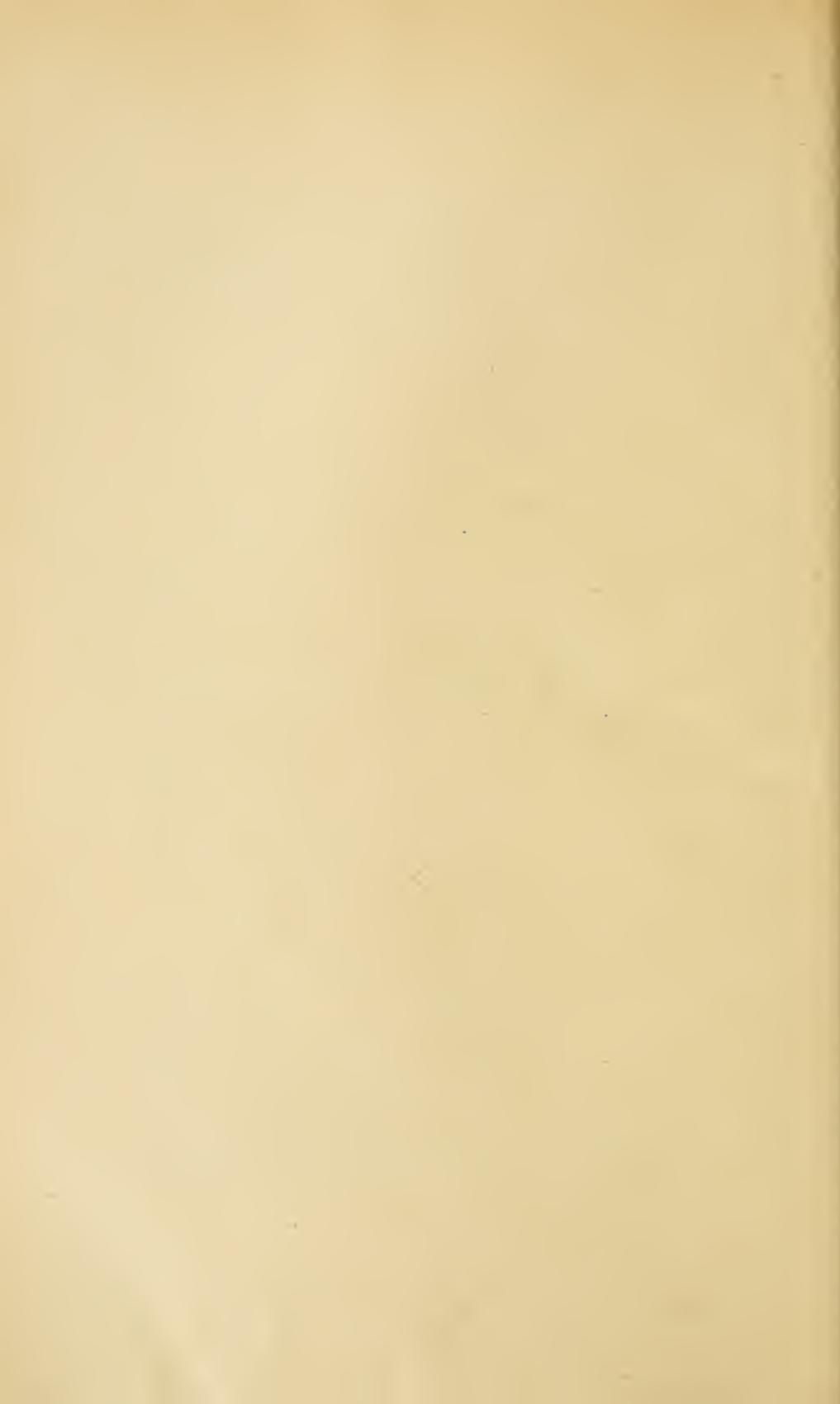
parte, um sacco de duplos-luizes que lhe dá calafrios de dia e de noite torturantes pesadellos. *Est-ce que ce serait un peuple de voleurs?* — pergunta elle, admirado. E sob esta atmosphera de latrocínio campeando sem reserva, as condições higienicas da cidade são tão deploraveis *que se morre mais n'um anno do que outr'ora em dez.*

No entanto, nunca os arrabaldes de Lisboa foram tão lindos e tão frescos. Os freixos das quintas do Campo Pequeno eram, talvez, os mais formosos de Portugal, mais ainda que os de Ratton, no Passeio Publico, um Eden revolto, ensombrado, onde a fidalguia arejava, respirava longe dos palacios do Bairro-Alto. Cantava ainda, então, a fonte do satyro, que tão bem frei Luiz de Sousa descreve no seu limpidão e harmonioso portuguez. A matta de S. Domingos era quasi a mesma ainda, fradesca, magnifica, recolhida, com o seu relogio de sol meio gasto pelo tempo, as suas ruas de buxo, em torcicos de labyrinto ingenuo. Desde o palacio de Palhavã até para cima da quinta da Regente, todo o formosissimo valle de Bemfica, o mais suave e mais delicado dos nossos arredores, era um vasto e largo pomar emaranhado e rescentido, onde Vertumno e Pomona espalhavam, com simplicidade, os fructos que Lisboa devorava. Em volta da cidade ignobil corriam as aguas, ciciavam as fontes, rumurejavam verduras, os montes amaveis atapetavam-se com a modesta flora campesatre, estridente de cores, sensual, quasi selvagem. N'uma préga voluptuosa Quéluz suspirava com o mais ligeiro vento, Bellas tinha ainda os formidaveis carvalhos onde Beckford scismára, onde Bocage vertêra para portuguez

as *Plantas*, de Castel, Cintra era a floresta, a solidão que a melancolia teutonica de D. Fernando havia de escolher para levantar um castello do Rheno, taciturno, sombrio e soberbo. No valle, ao lado dos bens do Infantado, um parque á francesa, d'áleas ensaibradas e lagos de cimento, borda uma collina escalada pelos pinheiros bravos; um palacio emerge da verdura: são as Larangeiras. E toda esta exhuberancia de vida é um cinto de natureza opulenta que envolve um barril de lixo.

Lisboa fermentava. A *Revista Universat*, em 40, pede lastimosamente, mas muito a serio: — *Tambem conviria muito varrer e limpar as ruas e as praças «de oito em oito dias, pelo menos», para que não sejam intransitaveis em certas ocasiões como frequentemente acontece, sobretudo no inverno.* O lixo faziam-no, com desmedida prodigalidade, a incalculavel porção de *ferros-velhos*, que, sem rebuço, lançavam á via publica o rebutalho do seu commercio. Além dos ambulantes, havia os de poisos certos d'onde as posturas forcejavam por desalojal-os. Durante a semana, aos domingos, dias santos, um estendal das coisas mais miseraveis, mais heterogeneas, apodrecia e liquidava pelas ruas—que ninguem varria. Estendiam-se pelo Corpo Santo até ao Pelourinho, Terreiro do Paço, invadiam a rua do Ouro, o Rocio, pegaram com a feira da Ladra que atravancava a rua occidental do Passeio desde a calçada da Gloria até á praça das Hervas, junto da Alegria de baixo. Sempre odiado, sempre repellido para o Campo de Sant'Anna, (d'onde depois foi para Santa Clara) este mostruário de coisas sem nome viveu desde 1809 até 35

e só desappareceu, de junto do Passeio, quando das obras d'este. Empestava. Lisboa popular munia-se alli; o *ferro-velho* era o symbolo, era o typo, provava a vida da cidade. E Beckford que chamava a Lisboa *a cidade dos cães*, poder-lhe-hia ter chamado *a cidade do lixo*...



## OS AGUADEIROS



## OS AGUADEIROS

Como, n'essa manhã, o bom rei D. Miguel estava melhor, vendeu-se muito pouca agua em Lisboa. Foi em abril de 1829. As caseiras d'Alfama, durante todo esse mez, vociferaram em torno do chafariz de Dentro, todo o Bairro-Alto se precipitou para as trez bicas da rua Formosa. Em volta, agachados sobre os barris, os gallegos impassiveis que tinham carpido a doença do senhor rei, saudavam-lhe, agora, as melhoras. Companhias inteiras d'aguadeiros erguiam os braços ameaçadores ao mais simples pedido d'uma pêuna d'agua; um capataz do chafariz do Caes do Tojo, condoido, vendeu um barril por entre grande grita que o tratava de vendido. Os trinta mil gallegos de Lisboa apenas se interessavam, apenas viviam pela saude do rei.

Era quanto restava dos seus tempos de explendor. Quando vieram elles para Lisboa? Talvez nos principios do seculo XVIII, talvez antes; foi, decerto, por esse tempo que a sua emigração se tornou mais intensa. Fervilhavam pela margem do Tejo, dormiam ao sol, em todos os recantos da Ribeira. Nas *Grandezas de Lisboa*, frei Nicolau d'Oliveira falla de meio milheiro de patifes que vadia-

vam e andavam ás cargas; não explica, porém, se eram gallegos. A venda da agua, por esse tempo, ainda estava na mão dos *ribeirinhos*, mestiços, pretos e pretas, horri-velmente sujos, levando a mercadoria em grandes quartas de harro d'Extremôz. Mas tudo leva a crér que a gente de côn' foi absorvida, n'esse serviço, por aquellas pacientes e laboriosas «machinas de suor» segundo a pittoresca expressão de Coelho de Figueiredo. Eram, então, formida-veis. O auetor da *Voyage en Lisbonne*, em 1796, exhala o seu rancór, o seu desespero. Peores do que os *lazzaroni* de Napoles, infinitamente peores do que os guias de Mi-lão ou de Florença, arripiantes como os mendigos da An-daluzia, assaltavam, devoravam o viajante que desembar-cava, inundavam-no de serviços, desembaraçavam-no de todas as bagagens. Não havia que resistir. Por essa occa-sião, existiram, talvez, quarenta mil que, não mercadejando ainda a agua, catavam, publicamente, a vermina, uns aos outros, na soleira das portas ou na sombra dos pateos.

\* Posto que a opinião geral lhes désse fôros de honradez e de probidade, eram antipaticos por excesso de servilismo; toda a gente os repellia; Nicolau Tolentino não se cançou nunca de os guerrear na satyra, Barbosa du Bocege fa-zia-os heroes facetos das suas incomparaveis phantasias, o proprio Agostinho de Macedo representava o gallego como um symbolo de parvoice aliada á estupidez.

Em vão. Foram crescendo. Honestos, economicos, fa-zendo uma vida á parte, alimentando-se com a parcimonia de spartanos, eram, já no tempo de D. Miguel, quasi que os unicos carregadores d'agua da cidade. Antes da Regene-

ração a Camara organisou-os. Havia então em Lisboa (1840) vinte e seis chafarizes, com variado numero de bicas, sem contar quinze outras bicas isoladas, algumas celebres como a da Carreirinha do Socorro ou a da Boa Vista (dos Olhos), onde a credice popular encontrava virtudes. Cada trinta e trez gallegos formavam uma companhia d'aguadeiros sob o comando de um capataz ou de um cabo ; o numero de companhias, em cada chafariz, era igual ao dos tubos de correr agua. As bicas tinham a mesma organisação. Só no chafariz do Rei, o mais reputado de todos, os tubos eram nove sendo, todavia, dez as companhias ; primitivamente tinha tido apenas seis, mas passando a nove, contou no seu serviço trezentos e trinta mariolas muito ufanos do seu chafariz, muito quesilentos e especialmente altivos da sua hierarchia ; para elles, ser gallego do chafariz do Rei era como ser duque e par d'Inglaterra no tempo de Carlos II ; e eram perto de trez mil e quinhenhos, com o numero da Camara, sempre descontentes, sustentando com a avidez propria da sua raça, uma questão que se arrastou trinta annos a proposito d'uma parte da cidade que dispensava os seus bons officios por ser directamente abastecida pelos Arcos das Aguas Livres. Com efeito, era incalculavel o numero de pessoas que tinham, como particulares, aguas do aqueducto, ou porque pertenciam a edificios que o Estado havia vendido, ou mesmo porque o Estado as cedia, praticando a avença.

Foi tambem durante esses trinta annos que se conservou suspensa sobre os aguadeiros a velha questão que ameaçava destruir a sua omnipotencia. Tratava-se da canalisação

das aguas de Lisboa. Em 1823, Francisco Sodré apresentou um projecto, mas era de tal forma phantastico que nem amedrontou os gallegos. Propunha a collocação, em cada chafariz, de oito carros de bois com trinta pipas cada um, para a distribuição da agua, e mais dois carros para serviço d'incendios. Havia, n'esse anno vinte e quatro chafarizes na cidade; eram duzentos e quarenta carros, quatrocentos e oitenta bois que os puchassem, um numero indefinido de homens para os guiar. Sodré abateu n'un tumulto de risota, os aguadeiros tripudiam. Grande pausa de vinte e dois annos até 1845 em que o general António Bacon apresenta novo projecto de canalisação, calhindo a fundo sobre os gallegos na mais verrinosa de todas as catilinarias, accusando-os de só virem a Portugal arranjar o seu pé de meia. Era a mesma coisa que elle, Bacon, cá viera fazer. O projecto ficou em projecto. Em 1847 Francisco Martins trouxe outra proposta; ainda n'esse anno Duarte Cardoso de Sá tentou fazer approvar uma outra, muito parecida com a de Bacon. A Camara rejeitou ambas e só mais tarde, oito annos depois, a terra tremeu cedeu e começou o fim do imperio dos aguadeiros.

No entanto, elles juntavam o pé de meia que Bacon tanto havia reprovado. Placidamente iam vendendo inconfundíveis manilhas d'agua (dezeseis annéis, cada annel quatro pêmas). Faziam também o recado que o lisboeta tanto apreciou sempre; já então levavam a carta de namoro mas não usavam ainda a corda d'uma forma commun. Iam ás compras, pousavam, sem cessar, na estalagem dos Andrade, um immenso antro, proximo das Olarias, onde

as encommendas da provincia se reuniam. Como hoje, guardaram sempre a sua lingua, a sua attitude favorita, escarranchados nos barris pintados de verde, em volta das aguas cantantes, ouvindo e contando interminaveis historias no seu dialecto imutavel. Esse typo moderno do Zé popular, vagamente minhoto, de beiços rapados, largas suicas, provém, talvez, d'elles, dos gallegos de 40. A face larga, serviçal, era raramente rebarbativa. Vasta camisa, fortemente decotada, sem gravata, jaqueta em bombazina de lã grosseira, debruada nos punhos e na cintura com pellas ordinarias de coelho, cinco ou seis botões enormes, de madreperola, em cada aba. Era um pouco a jaqueta do campino. Por debaixo do collete, meio desabotoado, a camisa surgia na mesma dobra habitual nas ovarinas, com a tradicional cinta vermelha cabindo com uma negligencia puramente gallega e que elles repuchavam constantemente para melhor segurarem os calções de briche côr de garrafa verde-negra, terminados por debaixo dos joelhos com dois fólios muito curtos e muito brancos, de bordados tóscos ; uma grossa meia de lã cobria-lhes as pernas ; nos pés, a rude manufactura dos sapateiros d'Alfama mas onde ás vezes se via a larga fivella de metal branco, sobretudo nos dias de festa, quando se juntavam, abandonando o chafariz, ao pé da vellha càncella verde do Passeyo, uas pedras agudas do largo de S. Domingos ou vadiando regaladamente pela Ribeira e pelo Terreiro do Paço.

Foi então, durante as luctas liberaes e absolutistas, que todos os gallegos de Lisboa se tomaram de estranho amor pelo rei. Eram todos ferrenhos admiradores de S. Miguel

Archanjo. Quando elle adoecia, havia prantos em todos os chafarizes; ao melhorar, agapes sem limite. Foi por isso que, n'uma d'essas ultimas manhãs d'abril, na franca convalescência do rei, resloveram uma festa religiosa na ermidinha dos Terramotoes, galaica até aos alicerces. Uma commissão do aristocratico chafariz do Rei organizou a homenagem e a festa foi, realmente, magnifica: muita alegria estrondosa, foguetes, urros, sermão, missa cantada. Em 29 d'esse tépido abril, por esse motivo de peso, Lisboa não teve agua; até mesmo a mudança, esse prazer tão grato aos lisboetas, soffreu um eclipse momentaneo. Não houve fretes. Apesar dos avisos, as donas de casa, pouco ao facto da fé politica dos aguadeiros, não se tinham prevenido de vespera. Não houve sedições, mas os pedidos ferveram. Um barril d'agua valeu, n'aquellas horas benditas, muito perto d'un crusado; os mariolas, porém, foram incorruptiveis. Um barril? Não. Nem um annel, nem mesmo uma pénna. Como era possivel vender uma góta d'água, sequer, n'aquelle dia excenso em que se celebravam as melhoras de tão formoso rei! Ali estavam, por exemplo, quatro patifes do chafariz da Esperança, pensativaente empoleirados sobre os seus barris verdes, tratando de arcar, com rapidez, os botões de metal de quattro inconfessaveis jalecos. E no entanto, nenhum d'esses suenos subiria uma escada n'esse momento solemne. Era assim.

Já estralejavam foguetes junto á ermidinha dos Terramotoes; um grande magote reuniu-se perto do chafariz das Janellas-Verdes, defronte do palacio que, foi, depois, o da

Imperatriz-duqueza; pelo convento dos Marianos, a Alcantara, passavam festivamente ás duzias, aos bandos, divorciados do barril, muito lépidos, com os bordados brancos hirtos do trincal, com os capotões de briche, das noites frias, enrolados, como cordas, ao longo das costas aliviadas. Ao voltar das esquinas, um grupo chocava outro, dois chafarizes encontravam-se. As companhias fraternizavam, com magna copia d'alarido, perante Lisboa sequiosa, embasbacada, julgando incrivel aquillo tudo. Outro grupo, maior, passou, levando á frente uma pobre velha mente-capta, quasi hemiplegica, a *velha do passarinho do atirador*, um typo popularissimo da rua, andrajosa, hedionda de lixo, um pobre diabo, mas com o rictus tão feroz, uma tal expressão diabolica, que lembrava aquelles monstros de face humana que, nas ruas de Paris, conspurcaram o cadaver da princeza de Lamballe. Tinham-n'a ido buscar a um antro da rua do Machadinho onde a vizinhança a vigiava d'alto. E foi tambem para os Terramotoes, com os seus bons amigos aguadeiros, já prodigiosamente embriagada ás dez horas da manhã, talvez sem ainda ter mettido na bocca um pedaço de pão.

A bica dá Ribeira das Naus, na sua maxima força, trepou, em seguida, pela encostada da Fonte Santa. Esses, teimaram em levar os barris e, ao longo das aduelas, ornamentaram-n'os com toda a especie de flores campesinas, malmequeres, papoilas e muita herva da fortuna roubada pelos quintaes, aqui e acolá. Os barris iam cheios — mas de vinho, o que deu logo uma rija animação áquelles solitarios ermos do alto dos Sete Moinhos. Dez mil

gallegos rodearam a ermida, ululáram, festejando o rei com libações desmesuradas. Um padre expediu celeremente uma missa — mas na capela só tinha penetrado a commisão promotora: um capataz e trinta e tres gallegos do chafariz do Rei. A multidão, resmungando, assistiu fóra. A simonia religiosa descachiu em função bacchica, volvia-se n'uma merenda animada quando, perto do meio dia, irrompen, d'improviso, a força publica; a companhia da Ribeira das Naus conservava ainda os seus barris — mas lamentavelmente vazios, de forma que a agitação cresceu, rumurejou, transformou-se em desordem, uma Babel de gritos ferozes, de ameaças inconcebíveis em palavrões duros como calháus. E os senhores aguadeiros foram surrados com vehemencia, por ordem do regedor do bairro da Madragoa. Tão placida demonstração acabou n'um tumulto de desastre; aquella extraordinaria festa custárá aos gallegos uma sova e duzentos e dezenove mil réis. Nessa mesma noite, em virtude da orgia matinal, *a velha do passarinho do atirador*, fundamentalmente paralytica, completou a sua hemiplegia. Regressou á rua do Machadinho, tolhida de todo e Lisboa deixou de a ver á porta da *Loja do Hespanhol*, no largo do Camões, seu poiso habitual.

MORRER!



S. MIGUEL ARCHANJO



## S. MIGUEL ARCHANJO

Aquelle moço bello, de cabellos negros, olhar rasgado e provocante, espartilhado na sua farda escura, d'alta góla doirada, esbelto, fogoso, meridional, com effluvios que sugestionam, langor que faz sonhar as mulheres,— é o terceiro rei popular de Portugal. Na sua loucura sombria e phantastica passou D. Pedro medievo; n'uma claridade de sonho, epico e cavalheiroso, desappareceu D. Sebastião, na tarde d'Alcacer-Kibir. Agora é elle terceiro e ultimo. Vem de gladio vingador, olhos chaminejantes, limpar a terra da Revolta e da Ideia Nova; portuguez cruzado de hespanhol, impetuoso, ardente, impulsivo, é um dos Titãs que, na guerra, acumularam Pelion sobre Ossa n'um clamor de triumpho e de orgulho. Cruel, estouvado e maldoso. É portuguez. Os crepusculos quentes de Queluz viram-no, muitas ocasiões, enleado n'uma pensativa melancolia sem forma e sem nome, arranhando, dolente, uma guitarra d'alquilador; mas, eis-o que se ergue d'arremeço, faz relampejar a espada de fogo, fulmina, anathematiza, condena, estende o braço arrogante, amaldiçoando e renegando; é Miguel, o representante do Senhor, que esmaga o dragão.

do liberalismo, bello e formidavel como o de Raphael, bellicoso e ousado como aquelle outro chefe da milicia celeste : — é S. Miguel Archanjo.

Curta expansão do genio a caminho da epopeia ! Entre uma tarde cinzenta de fevereiro e um dia resplandecente de maio, seis annos passaram rapidos. Seis annos ensanguentados e sombrios mas seis annos bem portuguezes de entusiasmo, tão vivazes, tão fortes que ainda hoje teem vestigios. E, desconhecendo ainda a pesada amargura de Sines, um rapaz de vinte e seis annos, a bordo da sua pesada fragata, por entre a neblina que lhe esfuma as margens do Tejo e envolve em mysterio as collinas doces e amaveis da Outra Banda, — tráz grandes projectos e grandes sonhos. E enquanto os largos olhos avelludados sondam curiosamente as margens abençoadas, começa em terra o formidavel delirio que vai viver quatro annos e agonizar durante um seculo. Reunem-se grupos enormes, gesticulantes, discutindo o Messias que chega á terra portugueza. Ha, pelas esquinas, oradores apopleticos e desbotados que vociferam : — *Vae chegar ! Vae chegar !* E em roda o côro repete, deliciado : — *Vae chegar ! Vae chegar !* A cidade está em festa, empavesada, transbordando de galhardetes e bandeiras. Um doceiro das cruzes da Sé, antecipando cincuenta annos a reportagem moderna, affixou, na sua loja, um letreiro magistral, de fulgorantes maiusculas onde a multidão, espêcada, soletrava : — *A «Perola» demanda a barra !* Um selleiro da rua dos Correeiros pintou na sua porta, a ócea e a vermelhão, o archanjo S. Miguel, a cavallo, de longos cabellos ondulados, brandindo

uma lança faisante e por debaixo, em letras de palmo, elucidava : — *Este é o nosso bom rei S. Miguel I que vem restaurar a Patria!* O notario Sebastião Pereira arvorou uma bandeira branca onde se lia, em letras d'ouro : — *Viva o valente de Villa Franca!* — e até o «Roberto Pim-pim», um typo conhecidissimo da rua, que apainhava bordoada por uma pá velha, por habito ou por mera distracção, rouquejava na sua algaravia aguardentada, semelhante á de preto : — *Viva Dom Migué! Viva Dom Migué!* de companhia com outro mariola, o «Paixão-siel-de-feitos», gatuno, vadio e burlão, ambos acolytados por uma incalculável porção de criaturas inconfessaveis mas profundamente miguelistas, obsecadas por aquelle bondoso rei que gostava tanto de toiros e estafava com tanta galhardia parrelhas de pilécas em batidas alucinadas até Queluz. Havia döces á D. Miguel, lençós á D. Miguel, botas á D. Miguel, todo um estendal baptisado com amorosa idolatria que a multidão, desordenada de jubilo, levou a Belem nessa tarde famosa para que o tenente-general, ao desembarcar, logo deparasse com as affectuosas provas da dedicação do seu povo. A *Perola* fundeou entre a chuvinha miuda que não conseguiu, todavia, dispersar a multidão enegrecendo os areaes da Junqueira e que, n'um relance, viu o mancebo aureolado saltar ligeiramente na praia fulva, deslunhar o velho *landau* do Fletcher, o primeiro que viera para Lisboa, e desapparecer a palacio. Foi a orgia. Até de madrugada, em toda a margem, magótes delirantes accenderam enormes fogueiras, as fogueiras portuguezas da clara noite de S. João e, durante horas, como rondas de walki-

rias, n'um *sabal* furioso dançaram e beberam, urrando sem cessar:

Rei chegou !  
Rei chegou !  
Em Belem desembarcou.

N'um fragor d'apotheose El-rei, cuja noiva ainda não tinha dez annos, por entre vivas interminaveis «ao rei absoluto», fez um simulaero de juramento á Carta perante as Còrtes reunidas, depois de ter recebido a regencia da infanta Isabel Maria. E logo circularam estranhas novas. Dizia-se que El-rei não jurára ! Em substituição dos Santos Evangelhos, a edição dos *Burros*, d'Agostinho de Macedo, recebêra o complemento das palavras sagradas e em plena magestade da Camara o duque de Cadaval ocul-tára D. Miguel aos deputados da nação no momento preciso da formula que empenhava a sua honra. Com o favor popular crescia a sua impassibilidade. Foram os dias temerosos do ministerio de Cadaval, Leite de Barros, que mais tarde havia de ganhar o seu condado de Basto, Rio de Mendonga, Villa Rei, Louzã. Immediatamente as còrtes foram dissolvidas e as camaras municipaes supplicam a D. Miguel que «cinja a corôa», terminando definitivamente a Constituição. El-rei passeando o magico effluvio dos seus olhos de velludo, moreno como um cigano, com a languidez de Fortunio, o descuido garrido de Berry, cavalga pela cidade, petulante, cheio de garbo, ladeado pelos marqueses d'Anjeja e de Loulé, pelos condes da Figueira, orgulhosa fidalguia, dominadora e altaiva que faz scintillar

ao sol peninsular uma chuva d'oiro desprendida das dragonas d'uniforme. O entusiasmo recrudesce. Era frequentemente levado em triumpho, n'uma idolatria sem causa e sem reflexão e, para lhe agradar, n'um reflexo de corte, espancavam-se os liberaes. Então relampejava-lhe o olhar meigo e a mesma crudelade nativa de Carlos IX fusilando huguenotes atravez d'uma janella bastarda do Louvre, renascia no moço de apparencia contemplativa — e só aplacava nas viellas que elle, disfarçado, percorria em cata dos seus faceis e favoritos amores, repicando uma viola, envolto n'um capote cinzento de briche, dissimulando a face popularissima debaixo d'um vasto chapeu de pèllo de lebre.

Mas a este rei estranho que quatro quintas partes do paiz acceptavam, calorosamente, no pavor do incerto futuro d'uma rainha de dez annos e a quem a Universidade envia deputações de lentes, trucidados em Condeixa, — faltava o prestigio das armas para que a sua popularidade subisse ao apogeu. E foi só depois que o general miguelista Povoas bateu, n'uma escaramuça ligeira, o liberal Saraiva Refoios, obrigando o exercito da Constituição a emigrar para a Galliza, que o clamor idolatra de Lisboa se tornou indescriptivel. Foi o guerreiro christão exterminando a impiedade. As mulheres abençoavam-no, vultos immoveis deixavam que as barbas se lhes ensopassesem em lagrimas d'alegría quando elle passava, formoso, galopando com a longa vára entalada na sélla, á maneira dos campinos; e nas salas lobregas dos hospitaes, os moribundos erguiam as mãos ao céu em favor d'aquelle rei tão bom, tão justo e tão clemente, que amava os pequeninos e só

dos pequeninos queria os seus prazeres. Por isso as pré-ecas publicas foram infindaveis, interminaveis os *ex-voto* pendurados em todas as egrejas de Lisboa n'aquelle dia medonho em que El-rei, viajando para Queluz n'un carro puxado por duas mulas *malhadas*, n'un solavancô mais violento, partiu uma das pernas. Foi, em Lisboa, uma tempestade de desespero que apenas acalmou ao saber-se que a fractura não tinha importancia. Mas como a cura fosse demorada, o povo voluntariamente se recolheu, se privou das alegrias que não podia, de momento, partilhar com o rei. A corte caiu n'uma monotonia pavorosa; não havia caçadas, nem folguêdos, nem toiradas. Todos regoungavam latim solicitando a atenção de Deus para os ossos de D. Miguel; e, enquanto Sua Magestade continuava de perninha, os lisboetas, enternecidos, cantavam *Te-Deum* aos centos. No dia em que elle, de novo apareceu em Lisboa, forte, curado, mais bello, a alma da cidade explodiu n'un grito memoravel e a sua ternura estranha e sugestionada, fundiu-se na quadra popular, cheia de poesia e de enlevo:

Quando os passarinhos choram  
Que não tem entendimento  
O que fará quem não vê  
D. Miguel há tanto tempo!...

Recomeçou aquella vida de corte, que ia buscar ás classes communs as razões mais fortes do seu divertimento. Enquanto a forcea funcionava no Caes, do Sodré, El-rei agia n'uma exhuberancia de vida, á boa luz do sol. Eram as jantaradas épicas, á maneira de Gargantua, com João

Sedovem, o picador, o Damasio e o celebre Leonardo, sota das cavalariças. A *morgue* do theatro lyrico, os seus amores insousos com a Bruni, bailarina e empresaria de S. Carlos, em breve murcharam, definharam de todo nas recitas abafadas da *Myla di Portici* para revoltearem em redor da saia escarlate da Margarida Adriôa, uma saloia redonda e esplendida que fazia sorrir o macabro Telles Jordão e que era cantada por Curvo Semedo, Barradas, Pedro Lopes, todos os poetas do tempo. A sua semelhança de gostos com o povo era a causa maior da sua aura popular. Familiar, provocava a familiaridade. Paráva em longas conversas, aqui e acolá, com tricanas, ovarinas, vendedeiras do mercado — e a multidão ao vêr aquelle rei sem vaidade, inflamava-se, dava a vida por elle, porque o sentia do seu sangue e do seu temperamento vulgares. Entre a filha de um sapateiro e a filha de um barbeiro, achava, ás vezes, logar um curto idyllo de corte — e a todas El-rei deixava, como recordação, um filho, feito galhardamente, á portugueza. Os seus crimes são resgatados pela exhuberancia facil e descuidosa dos seus actos. Não é Habsburgo, D. Miguel; é Marialva. Outros homens hão de vir, igualmente crueis, mas vêm já tintos do ingle-sismo, do francesismo que trouxeram do exilio, mais civilizados talvez, mas cobrindo de tons neutros a verdade da vida lisboeta. D. Miguel é o ultimo rei portuguez. O povo no seu subtil entendimento bem o comprehendeu, e é por isso que o ama, é por isso que vibra, estremece, palpita quando elle passa, sentindo vagamente, com a prescienzia das multidões, que depois d'elle não voltará

outro, nunca mais, jámais. E na sua ternura simples, ao sentir-o formidavel e amoroso, bom e mau, homem feito á imagem do povo, colloca-o no céu polytheista da sua devoção e n'um grito soberbo em que vae toda a sua rude alma, exclama, exclama sem fim :

— É S. Miguel! É S. Miguel Archanjo!

## A CIDADE DO LIXO



## A CIDADE DO LIXO

O inglez Twiss, que veiu a Portugal nos fins do seculo XVIII, deixou um curioso livro de recordações sobre o que viu em Lisboa. Uma das coisas que mais espevitaram o *cant* perfeitamente britannico d'este insular respeitavel, já engravatado á Marceau, com a arguta critica de Lioncelli, foi, sem contestação, a vida miseravel dos pateos de Lisboa, toda a pachorrá indolente e despreoccupada do vadio estirgado nos recantos de sol, as creanças caçando percevejos, o mulherio estridulo intrigando e descompondo. E, por cima das barbudas comadres, por cima de todos os antros que Lisboa conservou e ainda hoje conserva, o bom inglez descobre uma porcaria immemorial, gothica, formidavel, já patinada pelo tempo, um requinte d'estruimeira, um gosto muito vivo e muito pronunciado pelo sujo que transformou os bairros ovarinos da Esperança e da Madragoa em *ghettos* abominaveis onde Thavia peste no estado endemico, qualquer cousa — diz elle — tão fetida e tão ascorosa como uma cabana de lapão. E ainda, com severo pasmo, observa o viajante, nos pateos da Ribeira, grandes macacos unicamente ocupados em catar a ver-

mina dos marítimos em descanso, coçando ao sol, com negligencia, todas as chagas exóticas adquiridas ao longo do litoral africano. Twiss evapora-se em horror.

Lisboa era, com efeito, uma coisa torpe. Fechada n'um cinto de verdura, envolvida em quintas por onde escorria a agua, murada em frescura, sombra, solidão perfumada de pinheiros,— a cidade de D. Miguel era, no seu tempo, a mais sebenta de todas as capitais europeias, como ainda hoje, de resto, corre esse risco. O desleixo sobre o lixo aggravava-se com o desleixo sobre a ordem. Não havia milicia, não havia polícia capazes de conterem e disciplinarem um caudal de descontentes e de vadios que contaminavam o ar, empeçonhavam as grades onde se encostavam, expeliam todas as injuriás, atacavam toda a gente. O dólogo e o roubo assumiram proporções épicas — e só raramente eram punidos. No curto reinado de D. Miguel, *quinientos e setenta e quatro assaltos conhecidos se fizeram publicamente, á mão armada, para roubar, muitas vezes, os mais miseráveis outros, — sem que, d'uma forma efectiva, pudesse haver repressões e castigo para o exemplo.* Mas, em compensação, o bolieiro da sége das actrizes da Rua dos Condes foi preso n'uma noite de 1829 por ir, pela rua do Ouro, cantando o hymno constitucional e durante muito tempo a creatura soffreu, na cadeia, o castigo de tão espantoso crime. No largo de S. Domingos acumulavam-se, ás tardes, os profissionaes do roubo, *uma multidão de mulheres perdidas e de rapazes vadios que ali estavão a jogar e a praticar actos indecentes (os peores!) e a proferir palavras deshonestas com escândalo da vizinharia*

e de quem passa. Quem transitava era roubado impunemente e por pouco que levasse um colete encarnado, um simples par de luvas, com rapidez se arguia de jacobino e, sob esse caviloso pretexto, surrado com boa data de bordoada — e desprovido, em seguida, do relogio, do alto chapéu de pêlo e até, muitas vezes, da gravata, quando, por acaso, era de seda. Os malsins de D. Miguel assistiam de quando em quando e, por ocasiões, ajudavam. Em 32 era chicoteado com aparato quem tivesse cinco botões no colete, o que significava sem remissão: «viva D. Maria II». Os amigos de D. Pedro revelavam-se pelo ultimo botão do colete, desabotoado, pelas cores azul e branca do vestuário, usavam as calças á *lord Grey*, feitas d'uma fazenda em quadrados brancos e pretos e, sobretudo, pelo *lorgnon*, o *lorgnon* á Théroigne de Méricourt, que renascia — e logo indicava o mais irredutivel inimigo de D. Miguel ou do conde de Villa-Verde. Tudo era um pretexto para paulada, tudo um motivo para cadeia — excepto o crime. E ainda mesmo, annos depois, o assassinato permanecia impune frequentemente, sobretudo quando havia dinheiro. Um certo José Anastacio máta, publicamente, um homem. *La garde a voulu le mettre en prison à quoi Anastacio c'est opposé en criant qu'il était extrêmement riche.* (*L'Abeille*). Sobre esta liberdade de crime reinava uma incrivel liberdade licenciosa. Havia bordeis quasi ao ar livre. Pina Manique iracundo, fulminante, truculento, já não existia — e, ao tempo, a paixão politica afogava, assoberbava tudo. Em 1835 não se pode passar pela travessa de S. Domingos: na rua do Arsenal, as enxergas veem para o meio da rua,

para limpeza, juntamente com os farrapos mais imundos e mais reveladores. Depois das oito horas, as ruas estreitas da Baixa grullam de vicio e de planos de luxuria. Bandos de mulheres desbocadas, invando como bacchantes, acumulam-se no Rocio, em volta das obras que já então transformavam a praça, no inverno, n'um charco de lodo e de lama. Na *debacle* do regimen tripudiam os padres, o frade espreita ainda; nas egrejas, as naves regorgitam; todas as pustulas de Lisboa marcam local na Conceição-Velha e em S. Julião e logo pela manhã era um interminavel desfilar de mendigos hediondos que, nas horas matutinas, pediam uma esmola, e á noite, nas Portas de Santo Antônio, exerciam o antiquissimo e rendoso officio dos *tire-laine* com uma tranquillidade e uma segurança invejaveis. Uma onda de comadres de capote e lenço, curiosa modificação da duegna, cheirando a rapé, com um vago perfume de bedum, alastrá, e invade com tal violencia que se vae pensar, a serio, em lhes prohibir a entrada no Passeio. É o bom tempo do commercio d'amores. Aqui e alli apparece o valentão, de relações longínquas com a Intendencia, vestigios do Grondona, cacete nodoso, vasto capotão d' briche, chapéu repelente e sebaceo, que tem por missão *descascuar os liberaes*, amachucar os *pisa-flores* que se penteiam no Catélineau da rua dos Capellistas, falando d'alto a favor de D. Pedro. A guarda foge d'elles. São os guardas tambem, famigerados guardas que fazem preferir o convivio dos ratoneiros. É um horror. É uma abominação. Ninguem vive seguro dos seus bens. Lichnowsky, que viaja em 42, traz consigo, por toda a

## MORRER!

N'uma clara madrugada, em julho de 1829, Manuel Godinho, veterano da Legião Portugueza ao serviço de Napoleão, levantou-se do seu cochicho de Bello-Jardim, vestiu os velhos calções d'anta, enfiou as curtas polainas de botões, cruzou sobre o dolman còr de pinhão e sobre o peitoral vermelho as correias brancas da ordenança, pôz na cabe a o schako deformado — e foi á villa da Praia alistar-se, voluntario, no exercito do Conde de Villa-Flôr.

Agora, n'un bastião desmantelado do forte da Luz, Manuel Godinho faz o seu quarto de sentinela. Depois de quinze annos socegados, no canto da sua ilha, encosta-se, de novo, á espingarda, no gesto habitual de quem passou a vida olhando em frente. E o soldado, aprumado ainda nos seus cincuenta annos, sacudindo, negligentemente, uma ou outra das suas dragonas vermelhas, encosta o bigode grisalho ás costas da mão apoiada no cano, d'olhos glaukos, onde fulge por vezes o clarão d'extinctos dias de gloria — e vigia porque sabe, porque lhe disseram que em volta da Terceira paira, talvez, uma esquadra miguelista e elle vestiu a sua farda de epopeia, limpou a antiga pederneira para

que o seu velho coração moço sinta a aurora da liberdade triumphando e ainda vibré, entre lagrimas e fé, n'uma explosão suprema de lusiada. Está alli, defronte d'aquellas aguas que navegaram os seus maiores e toda a aventura dos antepassados reapparece, devagar, no homem que, confusamente, com indizivel emoção, renasce para o fogo, para a defeza da Carta, agora que Portugal começa a conhecer o sagrado bem da liberdade, esse bem tão ignorado, tão desdenhado mas com que elle topára, a cada passo, nos campos ensanguentados da Europa. O soldado da Terceira quér mostrar como se combate e como se morre; foi por isso que deixou o seu campo de luzerna, o seu pardieiro de Bello-Jardim, para, no explendor da tarde agonisante, forte como um moço, firme como um veterano na sua velha farda desbotada, onde apenas um ou outro detalhe fôra modificado, provar que bem pôde o tempo abater o corpo perecível mas não dobrar a energia dos homens. Elle, que nunca vira D. Pedro, amava, contudo, a sua ideia porque representava todo o passado em que vivéra estrangeiro, mas tão invadido d'epopeia, tão impregnado de gloria que vibrava com ellas, chorava por elles, como uma creaça, ao lembrar coisas que não voltariam nunca mais — jámais. Outros tinham sulcado aquelle mar que se desfazia, oflegando, nos rochedos da praia, fulgindo como uma imensa placa de prata sob as chamas vermelhas do poente; e ainda hoje se fallava d'elles, falar-se-hia sempre d'elles até aquelle dia, perdido entre os designios de Deus, em que o derradeiro homem exhalasse, sósinho, o derradeiro suspiro. O que era, então, a vida, tão curta, tão difícil, ao lado

d'aquelles épicos trabalhos que tornavam os nomes immortaes? Dos seus cincuenta annos vivera apenas sete, levado n'um tal fragor de victoria, n'uma tal explosão d'entusiasmo heroico, que lhe haviam passado como um sonho tenue esses curtos sete annos. Manhãs luminosas em volta da fogueira dos bivaques, contemplando farrapos de nuvens no azul ferrete, gracejar, sofrer, depois andar, trilhar a Prussia, sob rajadas de neve, combater, combater sem fim, entrevêr, por vezes, uma mancha cinzenta e pequenina — a do Imperador — como uma nódoa estampada no ouro do Estado-Maior. Aquella epopeia dos outros, levava-a consigo, occulta na magua de não ser a sua tambem e na verdade, comprehendia, agora, como fôra uma radiosa dadiva de Deus o voltar são e com vida para o seu canto natal. O seu velho coração portuguez pulsára sempre pelos outros: agora, já moroso e cançado, batia pela soberba ideia de patria. Algun mysterioso designio o afastara das chamas sangrentas de Montmirail, lambendo o céu, espalmadas na negrura da noite; escapára da morte no sombrio mata-douro de Saint-Dizier, batendo-se, como um louco, em pleno nevoeiro, nas ruas incendiadas de Moscow marchára impassivel, em cadencia, sem que nenhuma parède de palacio, sem que nenhuma torre de Kremlin abatessem para o sepultar entre pedras queimadas. E voltára! Voltára com os cabellos brancos, como outr'ora tinham voltado, tambem, os soldados de Fontenoy. Viéra aureolado com a mais formidavel, a mais colossal de todas as epopeias para servir no seu exercito ainda — e com os olhos rastos d'agua, na fileira, elle, o soldado de Lutzen e de Bautzen, vira pas-

sar deante de si, descalço e palido, a caminho da sua forca, o general Gomes Freire. E não morrerá na Moscow, não morrerá em Leipzig — para ver aquillo! Com que revolta sombria e muda, vergando pesadamente a cabeça, não voltará aquelle velho espectro de gloria a procurar, de novo, as rochas da sua ilha, para morrer entre elles como morrerá também, longe, no fim dos mares, aquelle Outro que Deus não quizera ter feito portuguez! E só agora, treze annos depois, comprehendia. Era ali, no chão da sua terra, no ar da sua terra, no horizonte bendito da sua terra, com toda a nobreza d'Homem, com toda a bravura d'Homem, na sua velha farda cerzida e remendada, que elle havia de cahir — depois de vencêr. E com infinita emoção, como se balbuciasse um nome de mulher, com a lentidão, com o recolhimento com que se pensa n'uma coisa querida, o velho soldado murmurou:

— Morrer!

Com efeito! Morrer! A situação era difícil. Villa-Flôr, na reacção energica do seu desfalecimento no caso desgraçado do *Belfast*, multiplicava-se. E na agitação d'aquelle general tão bravo, tão activo, de remota parecença com Kléber e com Hoche, ninguem diria que fôra elle um dos condecorados com a medalha da poeira. Está preparando a sua gloria de soldado com o desembarque malogrado dos miguelistas na Praia da Victoria, lança a primeira pedra do seu futuro ducado da Terceira. Em volta d'elle, com a calma decisão dos bravos, o nucleo do Mindello espera. Já viera a noticia da entrada da *Perola*, já sabiam da recepção triumphal feita ao Rei, em

Lisboa. E aíi, cercados pelo Oceano que batia, sem descanço, a rocha plutonica, erectos no alto das falasias, dissimulados pelos fortes philipinos, esperavam, a todo o momento, a fróta d'aquelle rei tão duro e tão imperioso, que vinha com terriveis ordens d'ataque. Aqueles bravos que iam vencer, receavam ser vencidos. Já a Terceira, que trez seculos antes resistira á Hespanha e por ela fôra esmagada, sonhava com largos dias de lucto e de lagrimas E o pensamento dominante do soldado Manuel Godinho era, de facto, o pensamento de todos. Morrer! Morrer! Morrer cem vezes! A Patria não esquece, a Patria vinga. Elles não sabiam talvez bem o que fosse a Constituição, o que fosse a Carta, mas Villa-Flôr tinha-lhes dito, em ordem do dia, «que era o bem de toda a gente» e elles criam do fundo da sua alma ingenua e simples, anciavam por esse singelo bem de toda a gente, n'um tal desejo de victoria, n'uma tal aspiração de triumpho — que toda a ilha fremia d'entusiasmo, trepidava como uma caldeira de vapor prestes a explodir.

Julho finda n'uma apoteose de luz. E por todos os primeiros dias d'agosto, a excitação dos homens, forçados á defensiva, interrogando mudamente o mar infinito, na expectativa e na ignorancia, — sóbe de ponto, alastrá, no desesperado desejo de acabar uma agonia moral na certeza da morte ou da victoria. E é na madrugada de 11 que no horizonte, em semi-circulo, surge a resunida frota real. Emfim! Villa-Flôr, n'um dos bastiões do forte de Santo Antonio, sonda a vastidão liquida. A matriz tóca a rebate, as companhias formam, carregam, automaticamente, em

doze tempos, os artilheiros passeiam carinhosamente as mãos calosas pelas guélas de bronze, entre as ameias as peças espreitam — mudas por enquanto. Finalmente o fogo abre e, n'um torvelinho, duzentos e cincuenta homens, trazendo consigo o famoso capitão Cândido Vilhena, desembarcam da esquadra, põem o pé na areia fulva, formam rapidamente em duas columnas d'ataque que procuram estender em colchete uma vez transposta a linha da fala-sia. Quasi no mesmo forte, a dez metros de distancia uns dos outros, fusilam-se liberaes e miguelistas. Mas o assalto, mal ordenado, fôra mal lançado e a phalange invasôra recua, reembarca precipitadamente, perseguida por um imenso clamor de triumpho dos terceirenses. E sob o sol canicular, termina a aventura, termina a agonia — os peitos dilatam-se.

Na restinga do sul do porto um grupo reduzido de liberaes, que avançou inconsideradamente, retira, por momentos, deixa um prisioneiro. É um soldado estranho quasi um velho, com uma farda méselada, vagamente parecida com a dos granadeiros do primeiro imperio, de singular loucura nos olhos dilatados, contrastando com a impossibilidade militar do seu porte. É o veterano da Legião Portugueza ao serviço de Napoleão, é o soldado Manuel Godinho. De roldão, enquanto os outros tomam as chapelas vivamente, o homem é empurrado d'encontro a um penhasco negro, de granito, um sargento, n'um gesto, junta seis homens. E, n'uma suprêma ironia, pergunta ao prisioneiro:

— Queres alguma coisa?

Que pode querer Manoel Godinho n'aquelle tarde de luminosa victoria? É bem simples o que elle quer. Com a acuidade dos ultimos momentos é um soldado que vê toda a sua vida cheia e grande, que sente que em si já nenhuma outra gloria pôde caber, depois de tantas, senão a da morte varonil deante de seis espingardas. Pensa na tarde tão proxima ainda em que desejou desaparecer, prostrado pela fadiga d'uma raça heroica, sete vezes secular — e diz com simplicidade:

— Quero morrer!

E foi assim que o veterano de Napoleão veio a dormir o seu ultimo sonno em terra portugueza.

---



EXILIO



## EXILIO

Logo á saída d'Evoramonte, na baixa, a estrada inflete para o sul e a fita branca e poeirenta estende-se, a perder de vista, por toda a vastidão do Alemtejo. Calor, névoa rosada no horizonte, esfumando em sonho os casas barrados de amarello. No silencio fresco da manhã esvoaça, fremente, a vida da planicie. Ao passar dos estabulos as récuas resfolegam, fóssam presentindo gente; nos mameões destacados um balido mais agudo rebola na amplidão elastica juntamente com um grito d'homem, um ladrido de cão contemplando, n'um assombro, o sol nascente. O matto restolla, rumorejam, vagamente, os choupos da varzea, dobrando em cadencia ao sopro leve da madrugada quando já as linguas de fogo do astro que desponta accendem incendios curtos, fogáchos breves nos vidros das herdades e nos charcos estagnados: o perfume acre da charnéa sóbe da terra humida, ondeia na aragem com olenças simples de rosmaninho e de tojo. A pouco e pouco o véu de sombra que foge da Hespanha empurra consigo, lentamente, para fóra do curral, a boiada pensativa. Paz.

Magestade. Crepusculo. No alto, um planeta curioso espreita.

Foi por essa manhã que elle partiu, abandonando-se ao chouto de um cavallo ligeiro d'Alter, silencioso, amargo pela primeira vez, seguido por meia duzia d'outros tão silenciosos, tão espectraes como elle. Uma escolta segue impassivel, com os bridões, as armas, os cinturões tauxeados de metal, rebrilhando na apoteose do nascente, irisando a luz em curvas de capricho; e atraz, no conce da column, quatro mulas brancas e gordas carregam os bahnüs toscos que são toda a exigua bagagem d'aquelle homem palido, sulcado d'olheiras, que fita o horizonte vermelho, de olhar absorto, com a tempestade dentro da alma, agitando todas as paixões sob a appareneia resignada do triste e pensativo Manfredo. É que atravez da candura timida da manhã está vendo, pela primeira vez, aquelles sagrados campos de Portugal que subitamente se lhe tornam tão queridos, tão queridos que o seu desejo mudo é estender os braços, beijar a terra dos maiores, de joelhos, soffregamente, n'uma grande explosão de lagrimas redemptoras. Aqui e além, n'un pedaço de verde, entre pedras, uma vacca lenta pára de retoiçar, ergue vagarosamente a cabeça, fitando com olhos meigos e enormes a cavalgada que passa e no seu apagado entendimento, com a expressão quasi humana com que desvia o focinho para seguir ainda o grupo negro e phantastico, parece resolver consigo:

— É El-rei D. Miguel que vai para o exilio...  
É volta a retoiçar.

No canto bemdito onde cresce e rumureja a mésse, já loira, de junho, o trigo ondula em reflexos fulvos, linhas de espigas maduras, em cortejo, cumprimentam, erguem de novo as hastes carregadas, batem de vagar umas nas outras — e ciciam :

— É El-rei D. Miguel que vae para o exilio...

E as papoila em sangue repetein, convulcionadas :

— É El-rei D. Miguel que vae para o exilio...

A luz vae crescendo ; o sol já brilha alto. E aquelle mesmo sol glorioso e peninsular que, do espaço, chispan-do, arremegando fléchas incandescentes, viu Saldanha bater os miguelistas na jornada d'Almoster e viu Terceira des-baratal-os na tarde angustiosa da Asseiceira, — aquece-o com effluvios carinhosos, immitavel, mostrando-lhe, no seu caminho pelo azul, o caminho doloroso do exilio. O olhar procura adormecer a dôr na magia dos cambiantes mas todo o seu sentir se revolta, se confrange, remexe no es-tranho caso. Mau tempo para reis ! Um cahira do seu ca-dafalso com tal fragor que abalára a Europa inteira, ou-tro perdêra um grande e vasto imperio na tarde enter-necida de Fontainebleau e n'aquelle outra mais desgraçada em que, pela primeira vez, pisára o convez do *Bellerophon*: o velho Carlos X refugiara-se, para toda a eternidade, no seu feudal retiro de Goritzia. E era agora elle, e não se-ria o ultimo, porque o destino esperava severeiro de 48 para expulsar Luiz Philippe, aguardava setembro de 60 para embarcar á viva força Francisco II de Napoles, dez annos mais tarde, entre lucto e lagrimas, repellir o terceiro Napoleão — e setenta e seis annos depois, quasi dia por

dia, debaixo da mesma exaltação que a um tempo esvurnava odios e bebia saudades, havia de exilar um outro Bragança, nas primeiras brumas d'outubro, sob o olhar attonito e in-líferente dos grupos dispersos na falasia da Ericeira. Na lei fatal e inevitável que excluia os reis, chegára o seu momento. E agora, quasi redimido porque levava consigo a auréola cem vezes sagrada dos vencidos, o vigessimo oitavo rei de Portugal partia para todo o sempre, para trinta e dois annos de vida em terra estranha, para toda uma longa existencia de paixão pela Patria, paixão cada vez mais imperiosa, cada vez mais cheia da máqua das coisas que se perdem e nunca mais, nunca mais, para toda a eternidade, para todo o sempre se recuperam...

Foram trez dias de longa e pungente agonia essa jornada do rei que, tão tarde, no começo da sua expiação, descorlínava nas fontes, nos caminhos, na attitude vergada dos cavadores, na saia escarlate das mulheres, em todo o céu de brancas nuvens portuguezas, alguma coisa que a sua alma popular inconscientemente entrevira mas não analysára nuncia. Era a Patria que nascia na primeira hora d'exilio, essa oppressão do peito, o nó da garganta, que se desfaz n'um soluço, o gesto indeciso dos dedos enclavinhados que procuram febrilmente agarrar em tudo ou em nada que lhes lembre o chão da terra querida, que lhes dê o perfume, a vitalidade inebriante do torrão nata. O seu olhar absopto incendeia-se, reflecte a surpresa imensa d'aquelle sentimento que só tão tarde conhece. Recorda as estradas da Beira, correndo, entre sountos, nas en-

costas da Estrella e do Caramúlo, o Lima, claro, luminoso, ciciando entre salgueiros, o Marão alvejante, coroado de neve ephemera, que outra não consente este tão rico e tão bondoso céu de Portugal, o valle do Mondego, ensombrado e pensativo, reflectindo todas as historias, todas as lendas da velha monarchia, a leziria immensa do Tejo, horizonte sem fim, onde, á maneira dos campinos, elle corréra horas e horas, vibrando, fremendo no supremo bem de viver. E todas aquellas coisas em que elle agitára a sua exhuberancia sem nunca lhes pesquisar a alma! As feiras poeirentas e ruidosas onde o rude falar dos portuguezes esturgia em desordens de alquiladores e de boieiros, as romarias ingenuas pululando de saias de burel, de varapaus alçados, caminhando em filas multicores pelas estradas, a reverenciar as mil Senhoras que tão simples e tão evidentes milagres faziam no recanto das capellas pequeninas! Era Portugal! Era ainda Portugal aquella linha vaga e hesitante que delineava, no azul carregado do espaço, o outro azul mais palido, diaphano e de sonho, da serra longinqua do Caldeirão, onde nascem riachos á sombra das carvalheiras, murmuram aguas cantantes segredos de nymphas amorosas, d'onde desce esse Odemira caprichoso, coleante, d'agua tão fresca e tão limpida que se bebe, com delicia, como o melhor e mais delicado dos vinhos... E vergado, aturdido por esse mundo de emoções que se hão-de exasperar durante trinta e dois annos e crescer, crescer sem fim, El-rei entra, no seu ultimo dia de marcha, na villa de S. Thiago do Cacem.

D'ahi até Sines é uma fuga precipitada. Aquelle ho-

mem que fazia rebentar lagrimas de alegria, deante de quem os outros ajoelhavam, que rendia todas as mulhereis no langor dos seus olhos aveludados, — ouve os mais baixos doestos, escuta as mais vis imprecações. O motim não recua deante do desejo de morte, ha fousc segadoiras relampejando ira em turbilhões que vêm desfazer-se na impassibilidade da sua face de marmore. A escolta a custo o protege. Quanto mudou aquella gente que juneava de flôres as ruas por onde elle passava! Em Sines voltam-lhe as costas, fogem com o pavor supersticioso d'aquele homem analdiçoado e no explendor divino da primeira manhã de junho, El-rei, com a escolta reduzida pelas fugas cobardes, abandonado, já, por alguns, só pensa em sair; para sempre, da terra ingrata que lhe revolve no peito o punhal da ingratidão.

O brigue *Stag*, hasteando as còres d'Inglaterra, está de capa, impossibilitado de fundear. E elle, o primeiro, embarca com detalhes de angustia, eom pormenores amargos que o destino havia de reproduzir quasi inteiramente, para aquelle, que nos nossos dias, nós vimos sahir tambem. Dez pescadores de pernas nuas, mettidos á agua, empurram para além da ressaca o barquito de pesca que o vae levar ao *Stag*; mas elle não volta costas á terra. De pé, voltado para ella, estende o braço e n'esse curto momento reapparece S. Miguel Archanjo, de olhar incendiado, fulminando a maldade dos homens. E assim vae até ao portaló de bombordo, tão concentrado que não lhe dirigem a palavra, envolvido em mysteriosos pensamentos, negro, palido, contrabindo os cantos da boeca para

que não rebente, não lhe cõrra pela face a lagrima rebelde que lhe baila teimosamente nas pestanas. Junto ao traquête de prôa um mólho de cordas alcatroadas está arrumado no convéz. E elle senta-se.

O *Stag* bolina contra o vento leve mas ponteiro; a cada bordada foge da terra para voltar de novo; e a cada uma se affasta mais. Agora, esfumada em nuvens de calor, a costa estende-se a perder de vista desde a fóz do Sado até Villa Nova de Milfontes, dominada, no extremo, pelas alturas de Monchique. A linha de arrebentação demarca o littoral confusamente, com uma grande franja branca, incerta e caprichosa. A terra bemdita torna-se cada vez mais pequenina; já não chegam rumores, já não chegam perfumes. Portugal desfaz-se lentamente em passado. Nunca mais! A agua chapinha nas precintas do barco, murmurando. Nuvens, d'alto, espreitam attonitas, immoveis, a vastidão inquieta dos mares sussurra tambem, levando o brigue carregado de dôres:

— É El-rei D. Miguel que vae para o exilio...

E a lagrima rebelde cahiu emsím.



## O «REMEXIDO»



## O «REMEXIDO»

O *Remexido* não é uma figura execravel nem uma sombra poetica. Seminarista como Miguel Pezza, não debuta, todavia, como elle, por um crime e está longe da auréola romantica que ainda hoje envolve *Fra Diavolo*. Não é, tampouco, um guerrilheiro como Larochejaquelein, fazendo uma Vendêa a um tempo cruel e cavalheirosa, nem um barbaro como Mandrin ou Cartouche, nem mesmo um Kwiss ou um Darstchimann, dirigindo com severa impiedade uma *Tugendbund* misteriosa. Semilhante ao *Remexido* — não ha uma figura. Seria preciso ir buscar a uma sieção de Schiller um typo que se lhe approximassem e então o Karl Moor, dos *Ladrões*, poderia offerecer analogias curiosas. Pintam-no baixo, atarracado, de pêllo hirsuto e craneo asimetrico, olhar feroz, bárbaras revoltas que nascem quasi por debaixo dos olhos, prognatismo pronunciado, bocca descahida e cruel; calça larga, de bombasina, cahindo em refègos descuidados sobre fortissimas botas de montar, jaleco azul ferrete com agulhetas de prata fôsea. Da camisa desapertada sae, fogosamente, um

cacháço de touro, sustentando um cráneo exíguo. Toda a sua face é um resumo de bestialidade, uma amostra de bandido, com detalhes que espevitam o horror e a repulsa. É assim que a gravura popular mostra José Joaquim de Sousa Reis, o *Remeixido*, considerado um bandido quando é apenas um revoltado, tido como um facinora quando é, simplesmente, um grande coração.

É um grande coração que uma fatalidade de todos os momentos a pouco e a pouco foi enchendo d'odio até explodir n'um clamor de revolta e n'um desvairo de sangue. Tudo, desde o nome com que nasceu, até á casa onde viu a luz, na villa remota d'Estombar, lhe presagiava um destino quieto, obscuro e feliz. Durante annos, no seminario de Faro, dobrou submissamente a sua alma feita para as fortes e puras alegrias d'homem. Recebeu ainda as primeiras ordens quando suppunha, talvez, a carne morta para sempre; conservou até á edade madura a ingenuidade d'uma creança, um sentimento nato de justiça que o fazia cerrar os punhos, chispar os olhos em face da prepotencia ou da maldade dos outros. No dia em que, entre os pomares de S. Bartholomeu de Messines, viu aquella com quem havia de casar, o seu destino fixou-se e decidiu-se. Lança fóra a batina, n'um arremesso, affronta a indignação dos que lhe queriam dobrar a alma como lhe haviam dobrado o corpo, agita-se, debate-se entre a reprovação de todos, esgrime contra a resistencia dos parentes,— e cásia. A sua diligencia febril angaria-lhe o nome de *Remeixido*, a maldade dos seus vizinhos préga-lhe, nas costas, o lettreiro terrível de relapso. Que importa! Cria o seu ni-

nho, vê, com serena satisfação, nascerem-lhe os filhos. A sua vida social decorre em profissões de repouso; foi capitão d'ordenanças, recebedor de concelho, enfileirou entre os graves da terra, entrou, regaladamente, n'uma burguezia ciosa e placida, foi um homem honesto e probo, como toda a gente, sem nenhum característico notável, destinado a viver ignorado, com facil ventura, sem nada que o distinguisse e o fizesse apontar dos seus eguaes. Mas como quer que o seu meio cerrasse, obstinadamente, o entendimento a ideias novas, nasce a pouco e pouco n'elle o miguelista fogoso, com planos de repressão que melhor se desenvolviam no ambiente em que déra entrada, conservador e rotineiro por sua natureza, imperioso e dominador pela sua situação. Com trinta annos, em 26, condena-se ao exilio, quando o infante parte para Vienna. Mas volta dois annos depois e, de sob a pelle do seminarista disfarçado em capitão d'ordenanças, irrompe, com violencia, uma alma irreprimivel de partidario. Lucta com tanta fé, com uma tal convicção de que combate pela boa causa, que nada o detém; no seu criterio simples e de rectidão, o outro é usurpador; bom rei, excellente e verdadeiro rei— só D. Miguel. E á medida que os absolutistas perdem terreno, exaspera-se, explode em violencias que o turvam de cólera tumultuosa, descrè dos homens, descrè de Deus, todo se confrange no assombro immenso de vér uma injustiça perpetrar-se.

Quando Terceira desembarca no Algarve, o guerreiro acossado, desorientado, transforma-se em guerrilheiro e é então que se refugia na sérra. A sua centena d'homens

não lhe chegava, tinha projectos que difficilmente se conjugavam, queriam ligar uma base d'operações methodicas com a sua guerrilha irregular para, n'um esforço commun, actuar sobre o litoral, n'um largo colchete offensivo com os pontos d'apoio flanqueados pelas serras de Silves e de Monchique. Foi debalde. O general Molélos, que então commandava, no Alemtejo, o exercito miguelista, abandonou Sousa Reis á sua sorte e foi n'uma estranha vida, em bréjos, em tócas de raposa, dissimulado no matto, voltando lentamente para uma apparencia de bandidos, que elle e os seus homens viram chegar o dia d'Evoramonte.

Já, por este tempo, o odio dos liberaes perseguira a familia Sousa Reis. Uma noite, um grupo armado incendiou-lhe a casa, brutalisou-lhe a mulher e os filhos, cortou-lhe o direito e a protecção da lei. Na serra, onde soube do caso, o *Remexido* trepidou de furor. Aquella injustiça desvairava-o. Infamia aquella que punia, nas creanças, os erros dos paes! O seu rancor estendeu-se, tomou taes vôos de vingança, taes desejos d'emancipação e de esmagamento,— que apenas vivia para os satisfazer. É então que se torna aquelle homem hirsuto, indomavel, com lampojos de loucura nos olhos incertos, afogados em ira, raiados de todo o odio do fraco contra o forte. Cresce-lhe a grenha básta e densa, no emaranhado dos fójos em cada dia se desprendem, do seu jaleco em pedaços, farrapos sem nome. Como, vinte annos mais tarde, Tippo-Sahib, na grande revolta dos cypaios, anima-o o mais formidavel anceio de desfôrra, tem, então, a philosophia sangrenta de Karl Moor, o desespero sombrio e cruel de Fra Diavolo.

Desce dos montes em incursões curtas, saqueia, trucida sem piedade e por cada casal a que péga fogo, por cada herdade que devasta e incendeia, fulge-lhe o olhar tórrvo n'uma cólera que funde em soluços bramidos, em lagrimas que lhe transbordam do peito revoltado. Fóra da lei ! Está fóra da lei, elle, a quem arrazaram a casa, que foi raiado impiedosamente do numero dos homens, considerado, a frio, como besta féra nociva e abominavel. Revolta, mil vezes revolta, morte, sangue, lucto, dôr, tudo era pouco, tudo seria pouco para os miseraveis que lhe tinham destruido tudo, estragado tudo, patria, mãe, filhos, esposa, tudo que lhe fôra caro, que elle comprára com a sua apostasia e regára de boas e santas lagrimas. Agora, só morrer, carregando ainda a clavina, insultando até ao ultimo alento, de peito largo contra os malditos que o iam ferir nos seus affectos sem terem a coragem de lhe sahir á frente, em campo raso e leal, onde elle se batesse, alucinadamente, para morrer da bella e nobre morte de soldado...

O guerrilheiro sustentou quatro annos esta situação. Ainda em 38, muito depois de Evoramonte, elle se mantinha com duzentos e cincuenta companheiros, cégos de dedicação, agindo um pouco á maneira dos *tard-venus*, com um processo de vida que lembrava o das Grandes Companhias que tanto mal fizeram á França, na guerra dos Cem Annos. Depradação e roubo quasi legaes, tornados imperiosos pelas necessidades do estomago. Para as almas simples, eram facinoras ; para os pensadores, homens que reclamavam, com energia, o seu direito á vida,

volvidos ao mal pela fatalidade das cousas, riscados da lei pela propria rudeza d'ella. O *Remexido* tinha uma tactica rudimentar, mas bem definida, semilhante á dos bretões, por occasião da segunda Vendéa. Esgueirava-se como uma sombra, dessiminava os seus homeus em forrageadores, coroava os pinheiros da serra com bacartes manejados tão habilmente que tornava inaccessibleis os cabeços ásperos. Quando o governo se viu forçado a decretar o estado de sitio no Algarve, o *Remexido* impou d'orgulho estridente. Era emfim um poder, um fulcro de resistencia que obrigava a gente da rainha a tratá-lo com as honras d'inimigo. Contra elle organisou-se uma columna, uma verdadeira columna, como se se tratasse de bater uma força regular e reconhecidamente belligerante. O coronel Fontoura reuniu cavallaria 5, infantaria 8, caçadores 4 e 5, a guarda nacional de Messines — e marchou. Já a tropa tomara o logar da policia e o considerava como partidario sério. Só assim acabou a epopeia local do *Remexido*; um simulacro de combate, na Portella da Corte dos Velhos, destroçou os dois centos d'homens que tinham partilhado da sua existencia. Sousa Reis, negro de pólvora, resumando odio, num clamor de vingança, — jogou a ultima cartada da sua vida politica. Semi-nú, gotejando sangue, sem nada de humano, no desespero sem palavras dos que até ao ultimo momento são vencidos, caiu ferido; apanhou-o um capitão do 5 de caçadores. Era o fim. O conselho de guerra julgou-o summarientemente, em Faro, e, pela madrugada de 2 d'agosto de 1838, aquelle homem de quarenta e dois annos, hediondo, feróz, saturado de rancor impotente,

viu nascer o seu ultimo sól. Levaram-n'o para o campo da Trindade e foi ahi que, impassivel, mudo, crusou os braços na atitude de quem não teme a morte; o bandido ia morrer com toda a grandeza d'um heroe obscuro. Escorregou, devagar, ao longo da parède, com o corpo crivado de balas; nem a morte lhe retirou o peso da fatalidade com que elle, e os seus, haviam de nascer. O filho andava a monte, veio a morrer, com dezoito annos, n'um catre d'hospital, roido de fome e de dòr. A amargura que redime e purifica, não enterneceu a posteridade — e o guerrilheiro José Joaquim de Sousa Reis, no fim d'oitenta annos, vive ainda, na recordação de muitos, como um ladrão e como um assassino. Pobres vencidos! Como se não tivessem direito á vida tambem!

---



QUÉLUZ



## QUÉLUZ

Os palacios vivem e morrem como os homens — dizia Viollêt-le-Duc. Quéluz morreu, ha mais de oitenta annos, com o ultimo suspiro de D. Pedro, depois de ter vivido quasi um seculo. Foi só depois do terramoto que se resolveu transformar a quinta em palacio real ; tinha sido um vinculo de Christovão de Moura, mas logo em seguida ao sequestro que, depois de 1640, se fez aos bens dos portuguezes favoraveis á Hespanha, - passou á casa de Bragança e constituiu parte das propriedades da primeira Casa do Infantado. A povoação só muito tarde beneficiou da proximidade do Palacio. Em 1804, D. João VI elevou-a á cathegoria de villa ; o favor ficou, porém, no papel porque, mezes depois, o rei fugia para o Brazil. Só na primeira metade do seculo XVIII, n'aquelle baixa sem horizonte, envolvida por colinas escalvadas, surgiu, em estylo ruim e ortodoxo, um aglomerado de cantaria sem gosto, incaracteristico, que fez as delicias do rei D. José e abrigou até á loucura os receios d'inferno da *Piedosa*. Em todo o resto do seculo XVIII e nos annos de D. Miguel e de D.

Pedro, Quéluz foi o nosso Versailles, o Trianon da corte portugueza, onde, com as modificações de successivos arquitectos, o Paço foi, a pouco e pouco, tendendo para a forma desconfortada de Luciennes, conservando os jardins, quasi como ainda hoje se veem, o antigo e nobre estylo francez, a concepção magestosa e severa de Le Nôtre, lembrando, vagamente, os parques de Marly e os jógos de agua de Vaux-le-vicomte.

Ali, entre o bater desordenado das portas, a rua que transbordava, o jardim que inundava as salas, pousou, algumas vezes, Carlota Joaquina; lá acampou D. Miguel durante o seu curto reinado, deixando pelos sitios onde viveu uma fama á Guillaume de La Marche, a lembrança de uma impetuosidade que recorda o Redgauntlet do escossez Walter Scott. Foi tambem lá que morreu aquella criatura singular, que se devorou a si propria, primeira vítima dos bens que atirou prodigamente e que tanto ambiacionou para tão pouco alcançar: D. Pedro. Quéluz é um grande cemiterio onde fluctua, ainda, o fugitivo perfume d'uma sociedade morta e onde, enquadrada a ouro, de grandes olhos abertos, rebrilha a figura da tela de Giovani Ender, dominando e dirigindo um mundo desapparecido. Está deserta a longa serie de camaras, deserta a sala do thrôno, onde grandes vasos de majolica e de porcelana chineza coloriam a multidão de moveis; sobre o espelho do *parquet* nenhuma saia Pompadour, nenhum sapato á Maria Antonietta fazem uma ligeira sombra; não reflectem espelhos figuras de cortezãos e os máus frescos do tecto contemplam, desolados, a solidão do pavimento.

Deserta a sala de D. Quixote, pintada para o infante sob a direcção de Robillon, onde as aventuras do Cavalleiro viram, impassíveis, agonisar e morrer o Rei-Soldado. Nenhuma cabeça piedosa e crente se curva na capella forrada a damasco vermelho, carregada de douraduras circumdando a columna d'agatha que Pio VII enviou a D. João VI; e, na casa de jantar mais intima, sós, esquecidos, os retratos do principe de Metternich e do pequeno duque de Bordéus parecem fitar-se melancolicamente, resumindo a alma e o sentir da multidão que ali viveu, penou e desappareceu para todo o sempre. Vasia a sala das talhas, onde as figuras dos sere-nins de D. José espreitam do tecto, de sorriso enigmático e triste, de expressão indefinível, exhalando a entristecida saudade d'outras épocas, d'outros costumes e d'outras alegrias. Deserta a sala dos espelhos; as façanhas de Alexandre, as aventuras de Thétis e de Peleu jazem immobilisadas nos velhos pannos de Arrás; uma aristocratica pendula de Grégg adormeceu nas cinco horas; cadeiras d'Aubusson offerecem o seu conforto e as restearas de sol, coadas através das janellas, vêm morrer nas rosaceas do tapete. Fóra, sobre as magnolias, chilream melros e o silencio das longas salas desertas pésa com o peso de todas as máguas, de todas as saudades, de todos os prazeres que se agitaram e fremeram dentro d'aquelles painéis. Solidão. Quéluz morreu. A rainha vive nas Neccessidades, esperando o retiro feudal de Cintra — e o velho palacio permanece abandonado.

A multidão de pedra quédase, immovel, pelos cantos

misteriosos do jardim. Os vultos enrougados em mantos hieraticos, espreitam-se immutaveis, mudos, em gestos eternamente colhidos no marmore. Amphitrite segura, receosa, a clamyde que lhe escorrega das ancas, escutando o murmúrio da fonte que sussurra ao lado; os golphinhos abrem as guélas por onde não salta já o jorro de agua. Neptuno impunha o seu tridente inutil, Hermes sorri, de dedo pousado sobre os labios. Silencio. É o parque da Bella Adormecida. O jardim resconde, solitario, polvilhado de magnolias e de geranios do Cabo, povoado de estatuas, amavel, claro, ensaibrado nobremente para o sapato de setim, curvando as áleas com moléza, para um passeio distraido e sem fito. Os vasos de louça branca transborram de rosas-chá, de cravos de perfume acre, de sardinheiras ensanguentadas. Ninguem no jardim pensil, ninguem junto do portico dos cavallos, apoiado na balaustrada. O parque do seculo XVIII ramalha incomprehensiveis segredos d'outros tempos, cobrindo de verdura as prégas das colinas. Quéluz morreu.

De Quéluz ficou, todavia, uma larga historia. Abrigou miseras e dôres de reis. Ahi, algumas vezes, o ferreiro D. José fez mover o seu melancolico torno, rosnando modinhas de Pernambuco enquanto a rainha D. Marianna de balde procurava, entre os amores perfeitos das placas,\* o *vergiss-mein-nicht* das suas colinas da Baviéra. A miudo, no ladrilho das salas batixas, sacudiu a sua juba crespa o marquez de Pombal, lá disse versos o melodioso Fylinto Elysio, lá ciciou rimas de mél a estrovinhada Aleippe. O placido socêgo dos jardins ouviu reboar, de colina em co-

lina, o echo dos gritos da rainha louca. Todo o seculo XVIII portuguez, fradesco, intolerante e lascivo, pousou, de leve, em Quéluz, imprimiu no Palacio o seu cunho decorativo, grave, taciturno e pesado. E, na largura nobre dos seus alisares, Quéluz viu, ainda, o fragor vergonhoso d'uma corte estonteada, presa de panico, empilhar em bahús sèdas, toucados, joias e abalar, de roldão, para o Brazil, aguilhoada pelo medo dos fraucezes. Em quinze annos de abandono adornece o Palacio, emaranha-se o jardim que rebenta por toda a parte, mais viçoso em cada primavera. E na volta da corte, com a multidão bariolada, meio-brazileira, rodeada de moléques côr de chocolate, de catatuas estridentes, de papagaios pavorosos, de saguis inconfessáveis, Quéluz renasce, — mas de outra fórmula. Não é já o velho Paço magestoso, severo, intangivel, onde vem expirar, sem mésmo lá ter entrado, o clamor rumoroso da miseria de Portugal. É, agora, a feira onde se debatem paixões, onde se não vive mas onde se acampa, onde os reis e poderosos da terra agonisam, soffrem, como simples homens, sob impassibilidade immutavel d'aquellas paredes. N'uma grande poltrona de marroquim vermelho, encostada no vão d'uma janella, agonisou, enfermo, D. João VI, redimido pelo sofrimento, alanceado, torturado entre o filho e a mulher. Foi tambem n'ella que D. Miguel, quando do seu desastre, permaneceu de perninha dias infindaveis, enroscado no mesmo vão, amarfanhado sobre as mesmas molas que tinham já rangido com o peso léve de seu pae. E como se esta cadeira attrahisse, fatalmente, escuros destinos de vidas acabadas, foi tambem no mesmo

marroquim vermelho, sempre no mesmo vânio, que o coração ulcerado de D. Pedro achou as suas ultimas nobres lagrimas para abraçar um soldado da linha antes de morrer da ingratidão dos portuguezes que pretendéra fazer melhores. E assim como ao Versailles magestoso de Saint-Simon, sucedeu o Versailles inquieto de *Madame Campan* — a magnifica Quéluz de D. José, a pouco e pouco se fina na Quéluz manchada e cinzenta de D. Miguel. Explendôr e decadencia. É alli o nucleo d'onde irradia a revolução portugueza; d'ali saem reis que vânio combater portuguezes, sem terem a certeza de voltar. Ali entram, admirados, os que nunca se suppozeram lá. E todos volveram ao nada, deixando um rasto fugitivo. Só o jardim ramalha, imarcessivel e eterno, renovado, em todos os outonos, em todas as primaveras, pela mãe natureza, evolutiva e indiferente. A ruina alastrá, a ruina insensivel, feita de solidão e de descuido, antecipando a outra, formidavel, que faz abater paredes e ruir, entre escombros, recordações antigas. Assim Quéluz fecha o seu cyclo como o fechou Versailles, transformada, definitivamente, em Museu Nacional. A civilisação niveladora edificou-lhe uma villa em roda, abafou-a em *chalets* abominaveis, qualquer dia lhe talhará o parque para um novo bairro sordido e burguez. O presente cerceia o passado e invade-o; a tolice dos homens suppõe, ingenuamente, que o destroe. Pobre retrato de Giovani Ender! Lentamente lhe vae faltando o quadro onde elle podia ainda reviver, despedir o magnetico effluvio dos seus olhos sobre a sombra de gerações perdidas. É o fim. Os palacios vivem e morrem como os homens... Quéluz morreu.

## O REGRESSO



## O REGRESSO

Atrás de D. Pedro veio a multidão dos emigrados. Com elle voltaram, tambem, dois homens, um militar e um diplomata, que lhe garantiram a coroa e a firmaram na cabeça da filha: Terceira e Palmella. Com estes dois homens, de decidida innovação, entraram em Portugal o francesismo e o inglesismo que vão preparar a elegancia romantica portugueza. Não morrem, definitivamente, as velhas Fórmas, mas começam a alterar-se e a tomar aquella apparencia incaracteristica que não constitue o fundo de nenhuma nacionalidade, porque o é de todas. Tornam-se cada vez mais raras as casacas de seda negra, os *jabots* correctos, os largos sapatos de fivella que, através das revoluções, alternadamente brilharam e desapareceram, revivendo com teinosia. As velhas almas também se vão; o desembargador *ancien-style* a custo permanece. O homem começa a ser um burguez de Luiz-Philippe, a mulher, com resoluta franqueza, retoma a linha e o aspecto da geração antecedente, onde fulgiram a Cabarrús e a Récamier. Os que regressam do exilio lá sofreram, mas lá se impregnaram d'outras ideias, d'outros costumes

— e abrem, ao canto portuguez, as portas da Europa. O constitucionalismo que fôra, até então, uma theoria politica quasi abstracta, vagamente firmada nas victorias sociaes da Grande Revolução, vae irromper com ardor, combativo, intransigente, sanguinario, quasi tão absoluto, tão penetrado de dogmas, como o velho direito divino. Começa o reinado dos *devoristas*, impondo a sua ideia, ensopando-a em sangue, creando facções alucinadas que se inspiram, a quarenta annos de distancia, na Gironda e na Planicie. Vae iniciar-se a grande agitação politica que durará vinte annos. E Portugal, inquieto, começa a copiar, com furor, da França e da Inglaterra.

Palmella e Terceira parecem dirigir a immensa copia, o primeiro entre as sedas do seu palacio, ao Lumiar, o outro na sua casa senhorial de S. João da Praça. Palmella era um homensinho d'insignificante estatura, rosto palido, nariz adunco, feições decididamente italianas, uma figura que não inculcava distincão nem auctoridade e que não ficaria mal enroupada na samarra do cardeal de Mazarini; de resto, as caracteristicas do pae, conde de Sanfré, retilincamente piemontez, permanecem n'elle. Astucia. Nunca se sabe quando ri ou quando falla a sério; com a dynamastia dos Pitt colheu o mutismo diplomatico que pesa e age; é o unico portuguez do seu tempo que não commenta nunca a politica e parece alhear-se d'ella. Improvisa e rima com elegancia. Casaca azul-ferrete como Descazes, o gesto sobrio de Polignac, a eloquencia persuasiva e concisa de Labeydoière. Afinidades com Casimir Périer, ministro de Luiz Philipe. Ironia. Placidez. Decisão. É um aris-

tocrata hodierno, portuguez volvido em lusiada pelo espirito de aventura. Em seu redór os regimens, que sustenta, aluem; elle permanece de sorriso enigmatico. É o diplomata que o seculo XVIII desconhece, rolando atravez da agitação inquieta dos povos, mantendo-se apezar de tudo. O exilio deu-lhe circumspecção, despreendimento, a philosophia facil e sensualista de Condilac. É um forte.

Terceira tem uma bella apparencia calma, nascida aqui e além, nas dificuldades militares da sua vida. Corre-lhe nas veias um dos mais velhos sangues de Portugal. Antes de ser Terceira liberal foi Villa-Flôr absolutista. O fracasso do *Belfast* amadureceu-o; é, depois, realmente, a espada de D. Pedro. Bate methodicamente, a frio; para elle a guerra é um xadrez, de taſ forma combina e prevê; já de Cacilhas, apóz o desbarato de Telles Jordão, ainda na margem esquerda, escreve a El-rei comunicando-lhe a tomada de Lisboa, onde ainda não estava, e que era, toda-via, de bem facil defeza n'aquelle opportunitade. Clarividencia e poder de synthese. Têm o *facies* do marechal Bugeaud, conquistador da Argelia. Quando, depois da sua marcha fulgurante pelo sul do paiz, embainha, definitivamente a espada, revela-se um delicado. Gastronomo. Cosinha ſuperiormente o macarrão — como o cardeal Alberoni, põe em pratica as maximas theoricas de Berchoux e de Brillat-Savarin mantendo-se constantemente marechal-duque, constelado d'ouro, digno e placido como compete a um chefe, affrontando a tempestade perpetua da camara dos pares, subjugando-a com a compostura britanica da sua attitude castigada. Olhar frio e agudo, efflusão polida

e condescendente. Em volta d'elle, como em volta de Costa Cabral, gira toda a politica do seu tempo. É a espada que talha e dispõe. É o ultimo chefe militar portuguez que conserva pura a sua auréola guerreira.

Estes dois homens notaveis, no seu tempo, porque foram os dois pólos da sociedade portugueza em que viveram, tiveram, com tudo, uma ephémera posteridade. N'outro meio teriam sido grandes; entre nós foram pouco mais de innovadores. São elles que trazem do exilio a experientia reflectida, o «fructo da vida» como diz nobremente Michelet, e com ella temperam o tumultuoso sonho de D. Pedro. São duas culturas diversas, ambas superiormente intelligentes, que uma vez tiveram a visão fugitiva de uma sociedade desconhecida em Portugal e que todo o resto da vida ficaram com o bello anseio de a ver superior e confortavelmente instalada no ambiente em que nasceram e se agitaram. E, com efecto, estes poderosos iniciaram, involuntariamente talvez, uma Lisboa nova, menos caracteristica — mas incomparavelmente mais commoda. Começa a polir-se a vida de todos os dias. O luxo que d'elles dimana, irradia e atrae. Surgem, nas multidões, cambiantes delicados, vindos d'essa atmosphera longinqua de França e de Inglaterra; sob o sol resplandescente de Lisboa apparece, bruscamente, o gosto do *home* trazido, talvez com farrapos do nevociero de Londres, pelos inumeráveis emigrados que regressavam. O confortavel francez dos ultimos Bourbons surge, Poisignon, estofador de Paris, abre um estabelecimento da sua profissão — o primeiro — no largo de S. Car-

los e na sua casa se fizeram as primeiras cadeiras «Voltaire» em que Lisboa, abysmada, se refocilou; a boa sociedade só queria os *fauuteuils* do feliz Poisignon. Um outro francez instala-se tambem na rua do Carmo, no sitio onde estava, antes, o *Bazar Artista* e vende cōisas que estarrecem o que ainda restava da Lisboa do senhor Principe Regente, quadros *imitando o gothico*, quadros franceses, inglezes, algumas aguas-fórtes de Tommy, altos espelhos de Veneza, moveis doirados para salões, a *bibelotage* esquisita e sarapintada, muito em voga nos palacios burguezes da monarchia de Julho; era Margotteau, o tronco da velha dynnastia dos Margotteaus que ainda hoje se conserva no mesmo logar, vendendo as mesmas *pelluches*; Lisboa nova funda, com estrangeiros, grande porção de estabelecimentos que ainda hoje existem e entre elles prospéra e adquire logo larga fama o papeleiro Verol (\*).

(\*) A *Capital*, de 27 de Maio de 1916, inseria a seguinte carta: «Sr. Manuel Guimaraes. — No folheto *O Regresso*, do livro em preparo *Lisboa antes da Regeneração*, assignado pelo ex.º sr. Mario de Almeida e que saiu no numero de ante-hontem d'A *Capital*, depara-se-me a citação «o papeleiro Verol». Como do texto se pôde deprehender que era estrangeiro, venho informar v. que elle era portuguez de lei e filho de portuguez, e, como tal, tendo ideias avançadas, serviu no exercito liberal, tendo mais tarde obtido a medalha de cobre das Campanhas da Liberdade, Algarismo n.º 2, de que muito se usanava.

O papeleiro Verol era meu pae, a sua profissão era encadernador, estabelecendo-se em 1836 na rua, então muito vulgar, dos Algibebeis, passando depois para a rua d'Alfandega e d'ahi para a rua Augusta, sempre com oficina de encadernador, a que juntou mais tarde a papelaria. Meu pae faleceu a 25 de fevereiro de 1898.

O apelido Verol provinha-lhe de seu avô, que era italiano, natural de Genova, d'onde veiu para Lisboa, no tempo do Marquez de Pombal, para a fabrica de ceramica do Rato, indo d'ahi para Bellas, ou suas proximidades, onde estabeleceu uma fabrica da sua especialidade, e ali constituiu familia, cuja descendencia é toda portugueza.

Estes esclarecimentos, tenho a honra de os comunicar a v. para a verdade dos factos e confirmagão da sua e nossa nacionalidade, a que nos honramos de pertencer e que tanto amamos.

Deseulpe se com esta minha carta o importuno, mas acima de tudo sempre a verdade bem definida. De v. etc. — Victor Verol.

Os grandes armazens de fazenda, que fazem fortunas pacientes e honestas, invadem a Baixa. O gosto refina. Cessa o lundum, finalisa a modinha da Bahia; Nicolo e Dalayrac entram em Portugal, triunfalmente abrigados no clarinette de Truchy, um discípulo famoso de Gambaro, que vem a Lisboa ensinar o seu instrumento por processos novos, enquanto Cossoul, professor de violoncello, volta, de novo, ao meio de onde o governo de D. Miguel o havia expulso. Começa a ler-se além dos poetas da Arcadia e Paulina de Flaugergues, governanta dos filhos da Infanta Anna de Jesus Maria, traduz, com delirante êxito, o velho romance de lord Lytton, *Os últimos dias de Pompeia*, que, no nosso tempo, tiveram também tão estranha voga no livro e no cinematographo. No theatro começa uma carreira real o melodrama que vai desde Pixérécourt até Feuillet — e que vai fazer chorar gerações inteiras; todavia Lamartine ainda aqui não chegaria! Disponta, timidamente, a *réclame*: madame Belém insere nos jornaes que é a proprietaria do mais *chic* hotel de Cintra e que a sua hospedaria, apesar do incendio (o do Thesouro Velho) continua — deuses immortaes! — a manter «todos os confortos da civilisação». A mocidade vê, com pasmo, crear-se o collegio moderno, o pensionato dos senhores Pontes de Athayde, na rua de S. José, onde, ainda com muito latim, se começam a ensinar às gerações teúras os bons princípios da Revolução Fräumeza, deixando funcionar o Collegio Militar, então em Rilhafolles, com a rotina sebacea e intolerável que compete aos estabelecimentos do Estado. Atrás da Imperatriz-duqueza vieram as soberanas legisla-

dóras da moda, a Levaillant, a Lombré, a Isaure, a Elise, todas francezas, transformando, n'um apice, a lisboeta insonsa, que vive por detrás de uma rótula, na parisiense garrula de Luiz Philippe. Lemos e Moraes, na sua profissão de alfayates, rivalisam com Right, de Londres e Robin, de Paris. Elegancia, perfume. Falta, porém, ainda, o que nunca o Nicola deu, o que não dá o Marrare, o que só mais tarde dará o botequim do Gonzaga: o restaurante á franceza; um andaluz negregado vem a Lisboa, funda a *Loja do Hespanhol*, no largo de Camões, com frente para o Rocio e nessa bemdita loja, perante a multidão emparrado com a novidade, dá almoços á *lista* e uma outra inconcebivel tabella de *almoços pobres*; café e torrada, noventa réis; chá e dita, cem réis; um gró (grog) cincuenta réis, meio gró trinta réis. Mas o clarão d'apoteose deslumbrava com os banhos do dr. Nilo, na rua do Príncipe. Este homem inverosímil, inicia os ignorantes no prazer, nunca sonhado, da limpeza. Dá banhos de aguas thermaes, sulphuricas, aromaticas, quentes, calmantes, de vapor, de chuva, de irrigação, *douches* descendentes e horizontaes, fumigações simples e compostas... Dá, sobretudo, banhos de asseio. Lisboa, n'um clamor, começa phreneticamente a lavar-se — e entra, com arreganho, na civilisação.



IDYLLIO



## IDYLIO

Aquella senhora, mais gorda do que magra, mais baixa do que alta, de cara redonda, sem expressão, penteada á Lafarge, pouco á vontade nas sedas que arrasta e que nós suppomos sempre de dedo espetado e olhar arguto ve-lando pela Constituição, — é a Rainha.

É assim que ella apparece, como uma creatura desagradável, com atitudes de matrona, enfaixada em preconceito, irritada, movendo-se furiosamente no seu Paço, onde a nossa phantasia a imagina constantemente a assignar decretos, á pressa, nos cantos desocupados das mesas. Talvez porque a vêmos atravez da agitação do seu tempo, não a podemos separar dos homens que a rodeiam e por que, enfim, se a Rainha do antigo regimen se não virilisava e permanecia pairando sobre as paixões dos seus contemporaneos, muito ao contrario esta outra, que se achou envolvida no embate de todas as agitações, fremeu, odiou e acolheu — como se não tivesse um throno.

Teem as rainhas mocidade? Aquela brazileirinha de olhar admirado, que viu a luz no luxo híbrido de uma

chicara real, teve, decerto, atravez da sua odysseia, uma radiosa mocidade. Não puderam, a melancolica tristeza dos mares, a incerteza da coroa e da terra — apagar-lhe, em precóce gravidade, o dom bendito da alegria. Já por entre a mangrovia agreste dos penedos escaldados do Rio, já a bordo, incerta como o de Ithaca, vogando, ao acaso, para um porto que lhe não fosse hostil, ainda nas sabias lições do velho Dupanloup, a pequena rainha mostrava a sua exuberancia, aquella vivacidade febril que é sempre o prenuncio de uma vida curta e accidentada. O amor cioso, exclusivo, commun talvez, mas tenaz — havia de irromper. O principe Augusto de Leuchtenberg, filho do celebre principe Eugenio de Beauharnais, e que foi o primeiro marido da rainha, passa, como uma sombra; é um espôso de dois mezes, quasi um estranho, apagado como a Imperatriz-duqueza, sua irmã, e que uma angina impiedosa fez reentrar na obscuridade. Mas quando surge aquelle rapagão alto e forte, que foi o rei D. Fernando, com a sua estatura desempenada de allemão educado em Heidelberg, direito como um pinheiro das dunas, de boa face rosada e ingenua, — a rainha tinha desesete annos; *c'est une petite veuve ravissante*, commentava lord Howard. Bonita? Não. Talvez, mesmo, de feições communs, grossas, herdadas directamente da mãe, D. Maria Leopoldina, archiduqueza d'Austria; mas tinha o encanto inexprimivel que dava o penteado das mulheres de então; os baulós, muito aperfados, abriam uma risca impeccavel, alongavam-se sobre as fontes, em caracoes encanudados, curtos; usava, a miudo, o toucado de *boucles* com flores,

mas vulgarmente o simples ornato de grinaldas de rosas ou de rosêtas de setim escarlate e outro, enfeitado com myrtos e marabús, á Sevigné ou á júdia, com os bandós achatados, resplendentes, envernizados como as azas de passaros exóticos.

Era uma loira d'olhos azues, com a graça dengosa e um pouco reservada das loiras. D. Fernando era loiro também; no fundo, ambos tinham a mesma alma germanica ingenua e sentimental. Tiveram cortos enleios sob a clara paz das noites estreladas. *Vergiss-mein-nicht*. A raiinha não fallava o allemão, posto que o comprehendesse; arrulhavam então na linguagem universal dos amantes e em todos os cantos ensombrados e de bucolica, organisavam o scenario do seu silencio amoroso. E como elle, em Cintra, fizéra, d'un velho convento, um grande castello feudal, debruçado sobre as escarpas d'un Rheno imaginario, ella, nas tardes macias d'autuno, á hora em que os montes se recolhem e tomam, no horisonte, a còr de prata velha, procurava, nas aquas placidas do Tejo, o colorido voluptuoso e sensual das lagôas de Civitta-Veccchia ou de Acquapendente, fulgindo sob o céu d'Italia eternamente azul. Vogávam, então, os dois; as colgaduras de setim roxo pendiam das amuras da galeota, rasavam as superficies inquietas, os reinos caíam em ritmo, faziam jorrar, na luz do crepusculo, catadupas de diamantes. E no loquaz emudecimento dos enamorados, elle ouvia palavras que ella, decerto, não murmurava, pensando, talvez, o que pensava Musset nos canaes de Veneza ao escutar o silencio de George Sand: — *Parle!... Parle encore!... Lenta partida para Cythéra.*

Pousavam no Alféite quasi sempre, perpassavam pelas áleas debruadas de medronheiros que já então lá existiam ; era delicioso de frescura e de mocidade ; e sob as frondes copadas, sob a influencia d'Elvira, do Lago, de Lamartine, recomeçavam o eterno cyclo d'amarguras enleadas e de alegrias castas, quinta essencia d'amor que, á semelhança d'Anteu, só pousa na terra para de novo se lançar no azul com redobrada impetuosidade. Mas como o amor mais íntimo requer as suas horas sociaveis, a sua expansão livre, era frequente verem-nos, a cavallo, pelas ruas de Lisboa, muito simplesmente, sem escolta, ou nas manhãs claras, como dois burguezes, admirar, em S. Pedro d'Alcantara, a casaria branca da cidade espalhada pelas sete colinas.

A rainha recebia aos domingos, no Paço das Necessidades, mas como El-rei ia muitas vezes a Cintra vigiar com amorosa solicitude, a construcção do seu castello de balada rhenana, era frequente ausentarem-se, ambos, de Lisboa. Em Cintra, já o passeio estava subordinado a uma etiqueta mais pesada. A rainha, na sua volta diaria pelas ladeiras agrestes da Pêna, usava um grande burro cinzento, enorme, em que se pousava uma cadeirinha vermelha, semelhante ás que usavam os montanhezes dos Pyrinéus ; as burricadas, nesse tempo, faziam furor ; o rei montava a cavalo, seguido do seu inseparável, o conselheiro Dietz, precedidos todos pelo velho general marquez de Santa Iria, camarista accentuadamente preferido. Mas esta etiqueta, que era a mais simples de todas as côrtes da Europa, tornava-se terrivelmente fastidiosa aos dois enamorados.

O idyllo continuava. A familia real, boa, solida, unida, augmentava todos os annos com uma prolixidade que mais parecia d'Orleans do que de Braganças-Coburgos. *Une bonne pondeuse*, commentava Casimir Périer. D. Pedro, D. Luiz, D. Maria, D. João, D. Maria Anna, D. Antonia, D. Fernando, D. Augusto, D. Leopoldo, a segunda D. Maria e D. Eugenio tinham nascido ou haviam de nascer. Este ultimo custaria a vida á mãe, que não resistiu ao undecimo parto, com trinta e quatro annos d'edade — porque morreu com trinta e quatro, fresca e moça, essa rainha que a historia nos fez tão velha. E isto durou dez annos, quinze annos...

Houve quem amasse durante os massacres de setembro, amou-se na Conciergerie, em vesperas de guillotina, amou-se em pleno Terror, em Thermidor. Estes, amaram-se no meio d'uma tempestade perpetua. Logo de principio o commando em chefe do exercito foi vivamente disputado a El-rei que teve de o abandonar — e isto foi uma fonte de desgostos. Reaparecem, de novo, as discordias politicas, nos *clubs* conspira-se com largueza, a oposição alo Porto é recebida em Lisboa, entusiasticamente e a tropa de linha ressuscita e proclama a constituição de 1822. Surge então um homem de estreitas affinidades com Mirabeau, o defensor das regalias populares, Passos Manuel, arrebatado, impulsivo, animado por um fulgorante amor da patria, claro genio de propagandista e de agitador; infelizmente tem, como Mirabeau a teve de Maria Antonietta, a antipathia tenaz da rainha. Veio a Belemsada que o deitou a terra, vieram todas as dissensões rancorosas,

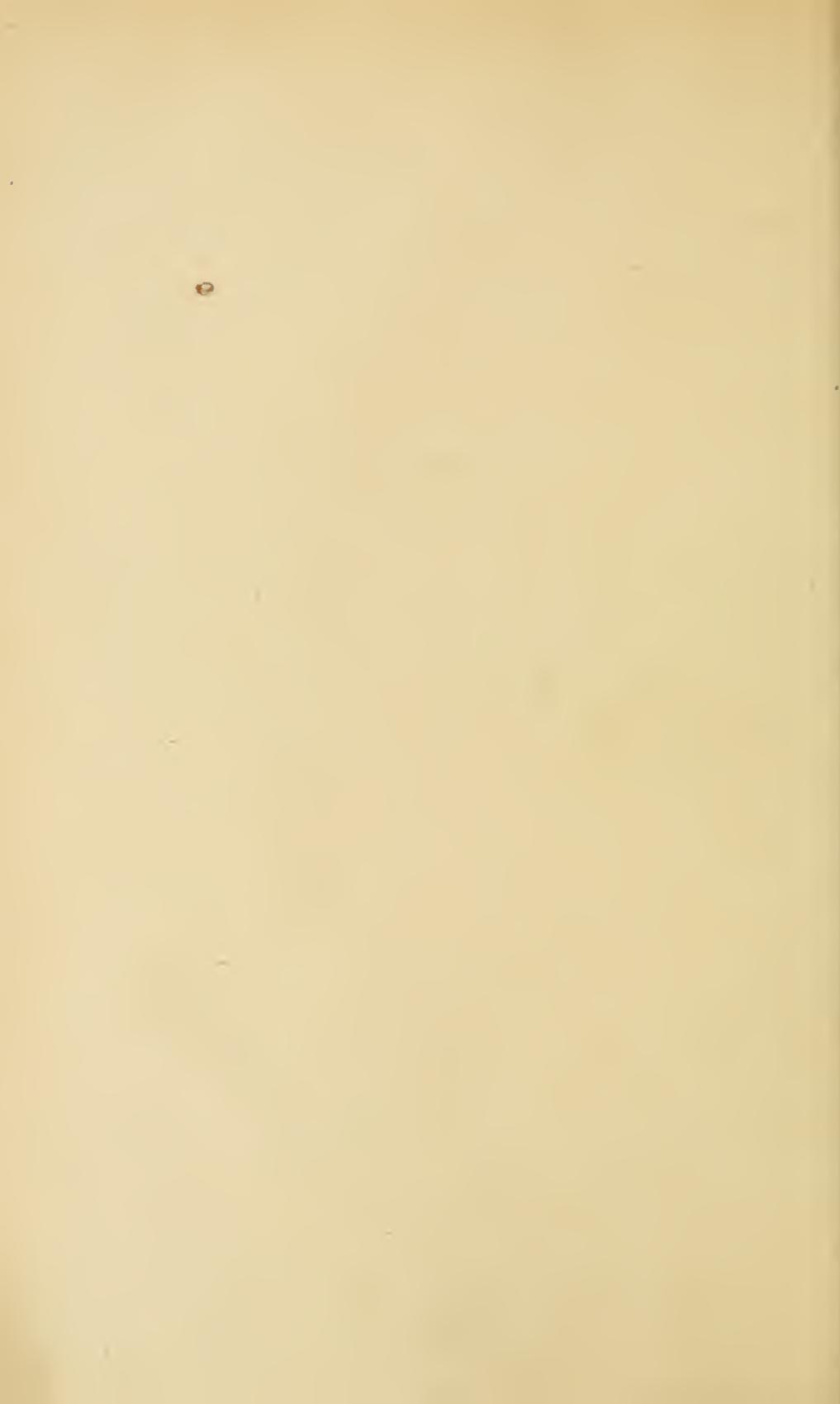
a prepotencia dos Cabraes, que só no fim do reinado o movimento da Regeneração adormeceu.

Não era, sem duvida, um terror fulminante, afogando em sangue homens e ideias: era peor e mais longo, uma agitação perpetua e inquieta, a agitação d'um regimen mal plantado e novo. É essa agitação que envelhece uma rainha sem rugas e sem um fio branco; a calumnia não a poupou; e como dispensava a Costa Cabral um accentuado interesse, d'elle se tiraram conclusões perversas. Mas nem mesmo a calumnia lhe estraga o socegado amor dos seus, lhe altera o riso franco. O rei, como todos os homens, define-se ligeiramente inconstante, pousando aqui e acolá olhares de orthodoxa pureza. Mas a rainha continua amando, continua o seu idyllo real entre as sombras do Alfeite, nos penhascos de Cintra, debaixo das bellas arvores das Necessidades. Foi simples: as emoções rudimentares eram as que mais perduravam no seu espirito. A todas preferia um bello riso, apesar da fama que ganhou de ser taciturna e reservada. Frequentava pouco os theatros mas não disfarçava a sua predilecção pela farça, preferindo-a muito ás interminaveis tristezas do melodrama; quando lá ia, a direcção, esperava, de vespera, uma indicação do Paço sobre a peça a representar. Em quanto o Epiphanio e o Tasso diligenciavam interessal-a, commovêl-a, a rainha espairecia e bocejava mas, na farça, o Sargèdas, o grande Theodorico e a Bárbara faziam-n'a rir com um riso franco e contagioso, onde se advinhava muitissima juventude e pouca complexidade. O segredo da sua ventura domestica, através da confusão do seu reinado, cabe n'uma palavra: amou.

Soube amar até ao fim. Os annos passam ; não é já a rapariga inexperiente, boiando á tona das paixões ; sabe a vida, sabe o throno — d'essa sabedoria tira um tom auctoritario que podia parecer rude — e refugia-se nos seus. A expressão plebeia cabe bem n'ella : Era uma mulher de bem.



A RUA DOS CONDES



## A RUA DOS CONDES

O theatro da Rua dos Condes, um dos mais antigos de Lisboa, é, todavia, aqueile cujo periodo d'explendor foi mais curto ; esse periodo, porém, foi decisivo para o theatro portuguez. Antes d'elle, teve a existencia incaracteristica dos theatros da capital. Anteriormente ao terremoto havia já o Pateo dos Condes, similar do Pateo das Arcas e do primeiro theatro do Bairro Alto, no mesmo local, proximo da cadeia do Tronco e do palacio dos condes da Ericeira. Reconstruido, em meio do seculo XVIII, pelo architecto Mazzoni, constituiu, durante mais de um seculo, um pardieiro immundo, condemnado á derrocada e constantemente de pé. Foi o theatro da Zamperini, do conde d'Oeiras e de José Agostinho de Macedo. No tempo da rainha D. Maria I, passou a ser o Theatro Nacional, um extraordinario theatro nacional, sem comicos e sem peças, rigido, incrivel, sebento, enredado em vigilancia, debaixo do olho severo de Pina Manique e, para maior segurança, sob a tutela gelada do senhor juiz do crime do bairro do Mocambo. Fluctuou em todas as dissenções, re-

presentou as peças mais inverosimeis, ardeu em zélo por D. Miguel — e fechou.

Quando parecia que o pardieiro immundo acabára, de vez, a sua carreira de escandalos e de companhias hespanholas ou italianas, incrustada a dynnastia dos Lodi no theatro de S. Carlos, o *Nacional*, de 30 de dezembro de 1834, pela pêna de *um assignante fixo dos theatros*, noticiou a chegada a Lisboa, de Emilio Doux, de Mr. Paul e de *madame Chartron*, com trinta artistas de *ambos os sexos*, munidos de bom repertorio e de *alguns utensilios necessarios para illuminação*.

A companhia era franceza. Uma duzia de annos antes tinha estado no Salitre e depois no segundo theatro do Bairro Alto, uma outra que representou o *Hamlet* em arranjo detestavel de Ducis, o *Tartuffo* e quasi todas as peças de Moliére, algumas de Racine, duas ou trez do velho Corneille. Mas como essa companhia não sabia dos velhos moldes do reportorio classico, desconhecendo ainda o movimento romantico que apenas se esboçava, em França, com a juventude de Hugo diluida em pedaços de Walter Scott — pouca vóga teve, passou como uma sombra, despercebidamente. A de Doux, vinda com os primeiros sòpros de liberdade, trouxe um nucleo de peças que revolucionaram Lisboa, outras ideias, outros processos. De principio os lisboetas, fascinados pelo immenso lustre de candieiros d'azeite com que Doux, ousado e progressivo, illuminára o theatro, acabando com as vélas, não prestaram uma attenção muito seguida áquelle teatro ductil, estranho e novo que se infiltrava capiosamente em ouvidos

habituidos á interminavel cantilêna do *Homem das florestas* ou dos *Aventureiros da serra maldita*. Mas quando, passadas as delicias do azeite, surgiram Scribe, Melesville, o horrendo Pixérécourt, o joven Dumas, trazendo pela mão o seu collaborador Adolpho de Leuven, Lisboa estacou, apurou vorazmente o ouvido — e começou a reagir. O uso do francez era, talvez, n'essa epoca, muito mais vulgar do que hoje. (A *Abeille*, de Lisboa, jornal d'alta elegancia, publicou o seu primeiro numero em francez). O mal continava com violencia. Que litteratura era aquella? Que theatro era aquelle? Obra insulsa dos escriptores de França, obra devastada pelo relaxe e pela immoralidade. E aqui estava, agora, Beaumarchais derribando o velho Voltaire, toda a boa ordem commedida e pautada do antigo theatro dos Pateos atirada para o canto, como lixo inutil, para que surgisse, ainda incerto, um outro theatro de paixões e de conflictos, com almas torturadas e sentimentos intimos. E o que chocava, sobretudo, era a desenvoltura ligeira dos actores que tomavam o seu lugar debaixo do sol e não eram já, como d'antes, um rebutalho cuidadosamente posto á parte, como nos remotos tempos de Bellerrôse ou de Marie Vran. Uma certa *mademoiselle Louise*, da companhia, provocou paixões ao milheiro, levou o maestro do theatro a desafiar sangrentamente Meneville, actor, rival installado com segurança no coração da bella. *Madame Chartron* fallava em varrer, com decisao, Moliére Corneille, Racine, *tout le tremblement*: Doux, pessimo actor, mas excellente innovador, ameaçava os renitentes com *Amy Robsart*, *Heloisa* e *Abelardo* e até com o

*Casamento de Figaro*. Foi um bômbo de festa. E as mesmas pessoas que logravam lér, entre quatro paredes, a prosa sensual dos Crêbillon e as edições d'Hollanda, do marquez de Sade,— mais alto clamavam, impetrando a boa ordem, o regresso a Millevoye, a Alcippe, á Arcadia, julgando que essas reliquias pudessem alguma vez reviver depois da Grande Revolução.

O *Nacional* rugiu; rugiu a *Revista Universal Lisboense* pela bocca de Antonio Feliciano de Castilho. De balde. A companhia franceza continuava, impassivel, os seus espectaculos, trez vezes por semana, no pardieiro imundo e quanto mais a imprensa a condenava, mais a sala se enchia de espectadores assombrados, mas satisfeitos. Entrou, então, pelo *vaudeville*; no fim de maio de 36 deu a *Gillette de Narbonne* e um acto immensamente garôto: *Une fille d'Era*; a rainha, que assistia ao espectáculo, teve occasião de córar varias vezes; a celeuma foi enorme e, em altos brados, agitou a palavra que tantos echos repetiriam, de futuro: *pornographia*. Então Doux, alucinado, despediu a ameaça pendente, e trez dias depois, com reforço chegado de França, deu o tão anunciado *Casamento de Figaro*. A companhia atravessou uma borrasca perpetua até abril de 37, dando alguns espectaculos em S. Carlos. Foi, depois, embora, mas Doux ficou. Este terrível homem permaneceu na Rua dos Condes, firme — e em portuguez. E o *facies* que a companhia franceza tinha dado ao theatro com o pessimo mas novo melodrama, ia agora ter o seu periodo triunphante; continuou-o elle. Doux, privado dos seus auxiliares francezes, principiou fa-

zendo actores nacionaes. Da sua escola sahiram todos os grandes do romantismo. Era um homem alto, herculeo, espadaúdo, com uma voz de trovão e um nariz minusculo; encarregava-se dos papeis de segunda ordem onde, apesar d'isso, tinha sempre pateadas de primeira cathegoria. Mas este actor, sem voz e sem fogo, foi o mais extraordinario ensaiador do seu tempo; de gosto muito fino e decidido, o theatro portuguez deve-lhe quasi tanto como a Garrett. Com elementos hibridos, continua a obra dos seus compatriotas, infiltrando entre nós o grande movimento litterario francez, transmittindo-o vivamente aos nossos autores. Depois de 40, com o subsidio de Farròbo, que ali enterrou sominas fabulosas, fez chegar o theatro ao apogeu da sua carreira; o casarão continuava immundo mas a ideia que se agitava nas tabuas do palco era a auróra d'uma grande revolução intellectual. Ahi se puzeram em scena as primeiras peças portuguezas do periodo romantico. Logo de principio Doux fez representar o *Marquez de Pombal ou 21 annos da sua administração*, peça que despertou grande polemica e consideravel intriga, mesmo antes de ser representada. Silva Abranches dá; depois, o *Captivo de Fèz*, com que meia Lisboa soluçou. Já então a Talassi, Epiphanio, Sargêdas, Vannez, Ventura, Theodorico Junior, Meyrelles, Vianua e Tasso áhi brilhavam com seguro fulgor. Nasce o *Garôto de Lisboa*, essa tão velha peça que ainda hoje, oitenta annos depois, é uma criação da actriz Adelina Abranches. E Garrett, que já debutára com o seu *Catão*, no segundo theatro do Bairro Alto, surge, formidavel, com o *Alfagême de Santarem*. Eclosão, brilho,

triumpho. O *Nacional* rugia em menór contra a devassidão dos costumes, já avassalado pela onda que sentia subir. E para que se não perdessem bellos habitos e a critica reclamasse, fulminando, sóbe á scena a peça de Dumas, *As primeiras proezas de Richelieu* onde, pela primeira vez, perante os esgáres da imprensa, Emilia das Neves deu um *travesti* que Lisboa, suffocada, contemplou com assombro e saboreou com gula. Foi tudo prohibido pela censura do Conservatorio mas os dois actos romperam, apesar da oposição. Peça *saturnal e immoral*, commenta Castilho na *Revista Lisbonense*. Na segunda vez que foi, acrescenta o severo adaptador de Molière, a sala estava cheia mas muitas pessoas, que assistem á peça d'abertura, retiram ao começo das *Proezas*; os aplausos que houve, foram *dignamente abafados*. E Castilho congratula-se, solitario, nas columnas tristes da *Revista*.

Mas nenhum grande nome, nenhuma corrente artificial podiam detér a marcha do theatro romantico que a Rua dos Condes inaugurará. Juntamente com as grandes peças de Victor Hugo, Feuillet ia surgir, Lamartine ia consagrar, no livro, o que o drama com tanta vehemencia começára. O theatro da Rua dos Condes breve mergulharia n'uma decadencia que terminou miseravelmente em prestidigitadores de terceira ordem — mas foi o iniciador. A abertura do theatro de D. Maria II matou-o sem remedio. Doux fugira para o Ginasio em 47 deixando lá uma sociedade de actores que, na sua quasi totalidade, foi depois, para o Normal. O velho theatro, como diz a bella expressão, tinha vivido. Esperava agora, obscuro, morto.

para sempre, o camartélio que o abateu em 82. Em cento e trinta annos percorreu o seu cyclo. Vibrou com todas as paixões, iniciou, triumphou, decahiu e, volvido em poeira, foi juntar-se á poeira mysteriosa do passado.

---



POLITICA



## POLITICA

Costa Cabral, volvido ao nada, é hoje uma poeira impalpável — mas tem, ainda, detractores. O tempo, porém, vae-o remindo. Mais do que nenhum outro, conheceu as tendencias e as neccessidades do seu paiz; foi poderoso e forte porque reuniu em si o que faltou á maioria dos seus contemporaneos: methodo, plano e fim. A agitação do tempo em que agiu, favoreceu, singularmente, a sua prodigiosa expansão. N'uma nação tranquilla, constituida já de longos annos, no progresso d'uma organisação politica secular, o seu caracter ousado e fogoso ter-se-hia dispendido em inutil actividade. Assim, baloiçado entre todas as paixões, tão depressa foi considerado o unico salvador do seu paiz como acusado de ilimitada ambição de poder, manejando criminosas intrigas. Teve a sorte de todos os dirigentes supremos: viveu entre a calumnia e o louvor. Nem uma nem outro podiam, todavia, perdurar na sua época. O tempo é que julga, indo quasi sempre buscar o justo equilibrio entre o bom e o mau. O tempo julgou-o. Pode, com desafôgo, ser compa-

rado a Thiers; ha, em ambos, a mesma comprehensão rapida das coisas, mobilidade activa, regosijo na lucta, volupia na contrariedade. Mesmo no seu aspecto phisico, Costa Cabral pôde comparar-se com o ministro de Luiz Philipe: estatura baixa, face macilenta, olhar constantemente fiscando com desusado fulgor, palidez terrosa que denuncia uma intima ebullição de todos os instantes. Foi um apaixonado tumultuoso da sua ideia, um inspirado, eloquente com frequencia, arrebatado sob o aguilhão do seu entusiasmo bem meridional. Circunspecto, — não teria razão de ser em Portugal. Com o fleugma de La Peyrolade, seria de larga envergadura. Aqui, a terra foi pequena para elle. Em França, talvez tivesse um logar entre Guizot e Casimir Périer.

Em volta d'este homem gira toda a politica do seu tempo. Desde que os burguezes do Porto desceram com o dôrso envolto em briche e a mão enclavinhada em redor d'um rôlo de papeis, — nasceu uma agitação que durou trinta annos. Um regimen novo é um regimen instável. Uma ideia tem cohesão e disciplina quando combate outra ideia opposta: desde que se dilacera entre si, é uma ideia perdida. O principio de liberdade era irresistivel perante a politica anachronica dos ministros de D. João VI e toda a intolerancia febril de D. Miguel, apenas conseguiu radical-o mais intimamente no espirito dos portuguezes; mas uma vez essa ideia em marcha, fulgurando, triumphante, a sua pureza manchou-se como se mancham todas as abstracções a caminho da realidade. A Revolução Francesa partiu dos principios immortaes e humanitarios de

89 para resvalar nos massacres de setembro e na sanguinolenta loucura do Terror; tambem a sinceridade ingenua dos homens de 20 perdeu a sua grandeza depois de 24 de julho. Sonho realizado, sonho desfeito; em quatorze annos evoluui, brilhou e morreu. Uma vez affastado o espectro de D. Miguel, o ideal fragmentou-se, toda a disciplina desapareceu, se dispersou em mil ideias diferentes. Convinha ao espirito portuguez, aventureiro e ousado, o impôr o seu crêdo politico, fazel-o dominar por uma propaganda intempestiva e brutal, que o havia de esmigalhar. A organização dos *Carbonarii*, reunindo entre médas de sobre, que tentára o irridentismo da Italia e morrera pelo drama formidavel de Vanina d'Ornano, ainda mais do que pelo caso dos quatro sargentos da Rochélla, teve uma extraordinaria influencia em Portugal quando já lá fôra, deperecia, irradiou em centenas de chóças, volveu-se em sociedade secreta politica, quando fôra, nas provincias do Veneto, caracterisadamente nacional; a nobre agremiação sonhando e preparando uma patria italiana, estragada já pelos de França, serviu, entre nós, unicamente interesses de seita, iniciando e conduzindo, na maior parte das vezes, todos os movimentos comprehendidos entre a Revolução de Setembro e a expansão da Maria da Fonte — porque havia grupos de todas as còres políticas, frouxos uns, vivazes outros, constituindo nucleos de Setembristas, Cartistas, Moderados e Republicanos.

Em seguida, a Maçonaria complicou os factos; todos os grandes vultos se apoiaram n'ella. Passos Manuel, tribuno e patriota, Rodrigo da Fonseca Magalhães, orador

e parlamentar, o proprio Costa Cabral, foram lá buscar o apoio aos seus elementos, já então inumeraveis. A cincoenta annos de distancia, sob a influencia da Grande Revolução, todavia ainda mal conhecida e muito pouco estudada, resurgem, aqui e acolá, os *clubs* politicos; em cada um pontifica um innovador. Os homens da Gironda e da Planicie, os Jacobinos, renascem em Portugal, com a mesma violencia de paixões. Ha os apaixonados de Desmoulins, os devotos de Mirabeau; uns teem a politica de Chénier ou de Fabre d'Eglantine, outros são gelados como Collot-d'Herbois, brutaes como Couthon, inflexiveis como Saint-Just. Uma minoria entra, decididamente, na ideia republicana, que logo abandona para se tornar francamente setembrista; a maior parte, tenta subordinar os principios de 89, e mesmo os de 93, a uma realeza constitucional. É a Convenção adaptada. Mas o halito sangrento d'essa hieratica Convenção, parece, tambem, ter chegado até nós; e é no *club* dos Camilos, desvairado, arrastado pela sua propria eloquencia, que o mesmo Costa Cabral, que, mais tarde, havia de sustentar a monarchia com todas as suas forças, sóbe acima d'uma meza e perante um auditorio incandescido, frouxamente alumiado a azeite, reclama, n'um largo repto oratorio, — a cabeça da Rainha.

Todas as cástas politicas se odiavam com entranhado rancor. De paes para filhos, de irmãos para irmãos, jogavam-se as mais crueis estocadas moraes. Nunca liberaes e miguelistas se abominaram com tanta intensidade como, mais tarde, cartistas e setembristas. A imprensa, mal usando da sua liberdade, muito recente, tomou no insulto

uma acuidade, uma violencia taes que se deshonrava na infamia, descendo á calumnia mais vil ou á lisonja mais grosseira. As grandes massas não eram, então, dirigidas por ella mais do que o são nos nossos tempos mas as facções prodigalizavam, todavia, os processos de persuasão mais torpes. Na alma irrequieta dos portuguezes, não podia existir indiferença política. Todos tinham a sua ideia, sempre variada, todos tentavam impô-la, mais pela violencia do que pela justica das cousas, ignorando que as ideias são como as bolas de borracha que, com quanto mais força se arremegam ao chão tanto mais saltam e se elevam no ar. A politica foi, então, em Portugal, de um consideravel empyrismo, qualquer cousa sem base e sem preparação que odiava em globo os adversos e acolhia sem reservas os correligionarios. Sobre a Constituição travaram-se todas as luctas, umas de interesse, outras de doutrina. A Carta foi rasgada, menoscabada, repellida, mystificada constantemente, arremeçada, hoje, ao lixo inutil pelo braço de trinta parlamentares, resposta, ámanhã, pela força de cinco mil bayonetas; e em volta d'ella, sobre ella, uma grande vozearia contradictoria e facciosa, retalhava e dispunha — ao sabor da conveniencia pessoal.

A exhuberancia meridional desconhecia o pudor. Nos dias mais agitados da monarchia de julho, o palacio Bourbon conservou, sempre, uma sisudez placida; os pares de França, raramente maliciosos, nunca chegaram á offensa; havia ali todo o caracter d'uma nação altamente civilizada; os seus debates urbanos, esmaltados de espirito permitiram sempre a Thiers conservar-se sereno e manter-se

respeitado. O sorriso agudo, a resposta breve e correcta, eram desconhecidos entre nós. E era no Parlamento que Costa Cabral perdia a sua linha severa, assediado, vergastado pelas oposições tumultuosas. As camaras usavam mal os direitos novos que possuiam, desconhecendo ainda os deveres, relegando o cuidado de polir. Na palavra se afundava a ideia. S. Bento era infinitamente mais um *club* revolucionario do que uma sala de côrtes. «Não se trata aqui de phrases assetinadas nem de ostentações de cortezia. Está-se como no meio da rua; atiram uns aos outros com lodo e pedras de calçada; enfeitam-se os discursos com as mais grosseiras injurias. Um membro da oposição diz a um ministro da coroa: — *Sob a tua administração é tudo concessão e simonia!* O ministro levanta-se e interrompe: — *Quando tu estiveste no gabinete, roubaste com muito maior atrevimento!* E o outro clama: — *Não! Tu és o maior dos ladrões!* O presidente faz, em vão, soar a campainha com toda a força do seu braço; ninguem faz caso, ninguem ouve o que os outros dizem; levantam-se, agitam-se em torno dos seus logares, peroram simultaneamente, ao passo que as galerias fazendo tambem descer á sala os echos do seu tumulto associam-se a esta scena de orgia.» (Lichnowski)

Era assim. A descortezia invadiu tudo que pertencia ao domínio da politica. A máscara de boa sociedade cahia imediatamente, como esmalte mau, tão depressa o assunto d'uma conversa despertava paixões politicas. Todas as classes sociaes tinham a sua intolerancia, a propria rainha não se exceptuava d'esta regra geral e algu-

mas vezes se intrometteu na politica, organisou em pessoa a *Belemzada* por odio a Passos Manuel. Usava d'uma energica intimativa, sem notar que lhe oscilava o throno. Escrevia a Terceira: — *Duque da Terceira «eu quero» que se faça isto...* A Palmella: — *Duque de Palmella, já lhe disse tres vezes que «quero» que assim se proceda.* E esta singular soberana que, com tão franca virilidade, pretendia governar as ideias do seu tempo, morreu, todavia, com a sua corôa bem assente na cabeça.



A ASSEMBLEIA LISBONENSE



## A ASSEMBLEIA LISBONENSE

O palacio do Manteigueiro, na rua Horta-Sècca, foi edificado nos fins do seculo XVIII por uma curiosa personagem que Lisboa em peso conheceu, um certo Domingos Mendes, gallego, enriquecido no Brazil com géneros de mercearia, que transitára de criado a merceeiro, volvido depois em grande negociante de manteigas: d'ahi a alcunha. Este homem, d'uma sordidez tão engenhosa que fazia servir o jantar dentro d'uma gavêta para a fechar rapidamente se alguém aparecesse, levantou, todavia, um palacio maravilhoso com incrivel prodigalidade. Foi a sua criação. Morreu deixando toda a fortuna a Antonio Pereira Coutinho, da velha familia dos Pereiras Coutinhos, a favor de quem, desde muito, fizéra testamento, com a condição de este se deixar tratar por primo — e o palacio veiu a pertencer a João Fletcher, inglez de tanta preponderancia na sociedade portugueza do seu tempo.

A Assembleia Lisbonense installou-se em 1836, no palacio do Manteigueiro; quando para lá foi, mutilou-o de cima a baixo. Mandou arrancar os tectos d'excelente ma-

deira de téka, todas as portas e hombreiras de magnifica madeira do Brazil e vendeu tudo a *ferros-velhos*: o estuque egalitario destruiu, de vez, a preciosa concepção do velho Altronochi, architecto que ali puzéra o melhor da sua arte. Ficou um casarão incaracteristico, de gosto duvidoso, mobilado á feição de Poisignon, com todas as chinesices então muito em moda no *boulevard* dos Italianos.

Por ahi passou, todavia, o que em Lisboa pesava e orientava. Logo de principio a Assembleia Lisbonense imprimiu ás suas reuniões o cunho da mais alta elegancia; lentamente, o supremo dandysmo do seu nucleo irradiou, impôz o tóm, o gosto litterario, o sentir que fôsse elegante exprimir, a idéa que fôsse de requinte desenvolver. O romantismo entrou em Portugal trazido pelos imigrantes — mas installou-se na Assembleia Lishonense; no grupo reduzido, mas exclusivamente culto, o grande movimento francez do tempo era conhecido nos seus mais vagos cambiantes. Foi na Assembleia que o musico Manuel Innocencio Camacho, já então compôndo o *Cerco de Diu*, revelou Meyerbeer, que, de concerto com Scribe, librettista, revolucionava e preparava a opera ligeira; Nicolo e Dalayrac vieram, tambem, pela mão d'elle. A conferencia, essa expressão elegante da arte moderna, teve noites brilhantes, de incomparavel fulgor n'aquellas mesmas occasiões em que, na rua, a multidão tempestuosa e fremente, se debatia entre grosseiras agitações politicas. Garrett fôra, então, critico d'arte; pela sua palavra fluente Lisboa culta conheceu e amou a obra do regicida David, de grandes linhas concisas e severas, desde a *Morte de*

*Marat* até ao *Retrato de Madame Récamier*. A grande tela de Gericault, a primeira afirmação definida do realismo romântico, apaixonou os frequentadores da rua da Horta-Sècca, que melhor conheciam a *Jangada de Medusa* do que os nomes dos ministros que então governavam, a dois passos d'ali, nas arcadas do Terreiro do Paço. De Dechamps, Delacroix, Vernêt se curava como se os trez grandes mestres da pintura franceza vivessem e produzissem em Portugal; todos tinham uma agua-forte de Tony-Johanniot ou uma estatueta de Buigny-Jourdain; e o formidável Berlioz, que só agora Lisboa começa a compreender e a admirar, foi ouvido, discutido e endeusado, debaixo dos tectos do Manteigueiro, sessenta annos antes das classes burguezas imaginarem que elle existia; collectivamente a Assembleia Lisbonense vivia da França.

Os *snobs*, que copiavam de Tackeray, ao mesmo tempo garrulos e petulantes como as figurinhas de Mathew Arnold, enteiriçados no *cant*, á maneira das personagens de Beaconsfield, *panachés de bêtise*, como então dizia a velha Flahaut,—não se limitam, com tudo, a demonstrações abstractas. A melhor obra da Assembleia Lisbonense foi a Academia Philharmonica de Lisboa; antes de serem ouvidos na Academia da rua do Alecrim, no palacio do *Manuel dos Contos*, na rua Nova do Almada, antes, mesmo, de se vulgarisarem um pouco mais na Melpomenense,—Beethoven e Mozart soluçaram nos violinos da orchestra Saint-Martin, Händel vibrou magestoso e largo, Haydn evocou anquinhas de seda Pompadour, archiduquezas sorrindo, com um grão de belleza na face. E quando Weber irrom-

peu, pensativo e severo, romântico, húmido e fresco, com toda a humidade, toda a frescura das florestas da Alemanha, traduzida em *pizzicatos* de violoncello, os *snoobs* compreenderam, fremeram e, com a vehemência de apóstolos, espalharam, enternecidos, a doce e bondosa obra.

Essa multidão, vinda do exílio, vira, como n'um sonho, em Paris, os formidaveis bailes das Feuillantines, em Londres, as reuniões fulgurantes do Gloucester-Club. E imitou. Imitou com um explendor, uma expansão de luxo e de requinte que nunca mais foi igualada. Os bailes da Assembleia Lisbonense foram soberbos, a elles assistiu tudo quanto de grande vinha a Portugal. Lisboa aristocrática realizára, na sua terra, o que lá fôra entrevira de relance, entre duas revoluções. Fardas constelladas, decotes a branco e a perola enlaçam-se ás centenas, arrastados nas valsas ingenuas de Chavannes ou de Gorion. Os *pince-néz* de prata marchetada refulgem no clarão vacillante das vélas, rebrilham botões de ouro em casacões verde-bronze, d'abas estreitas, forradas de seda branca e os mancebos de superior elegância abandonam, com dolencia, as largas capas azuis, forradas de velludo carmezim. Havia no detalhe um minucioso rigor, havia na linha uma graca desordenada. Soprava um vento d'epicurismo. Eram apetites que o desterro aguçára. O *inroyable* tinha já passado, mas o *petit-maitre* estava por nascer. Essa elegância romântica, que não tardaria a vulgarizar-se, era, então, um privilegio de cásta que trazia consigo um gosto muito seguro e decidido, fazia dos bailes da Assembleia a expressão condensada de uma ideia e de uma sociedade novas.

Eram, todavia, os filhos d'aquelles que tinham conhecido e cultivado a mais ignorante intolerancia. Mas entre duas gerações passára uma ideia agitando um facho, latejára um conflito de paixões no socêgo secular de Portugal. Foi uma janella aberta sobre a Europa: um largo sôpro francez entrou, tão violento e tão subito que, de repente, uma sociedade que a custo chegava, aqui e além, á *Encyclopédia* e a *Diderot*, se achou mergulhada em Dorivert e em Jules Janin. O nucleo que viera do exilio, aguilhoado pela revolução de Julho, esse tremendo grupo de *deroristas*, onde irrompeu, mais vivaz, o eterno espirito d'aventura que dorme no coração dos portuguezes, quiz transformar o Portugal lethargico do seculo XVIII, remover o Portugal abjecto do Principe-Regente. Para isso, os politicos trouxeram a constituição de Luiz XVIII e os artistas as calças de *lord Grey*; mas se as calças foram aceitas com agrado geral, para a constituição de Blacas houve euergica resistencia: comtudo estas duas cousas tão diferentes eram irmãs; os primeiros ajuntaram-se n'uma antiga abadia benedictina e d'ali bolsaram calumnias, paradoxos e infamias, citando Polignac e Martin-Duplessis com gravidade e segerança; os segundos foram, muito simplesmente, para a rua da Horta-Séeca vulgarisar Schubert, contar Lamartine, analysar Winterhalter. Em S. Bento expõe-se, entre gritos, uma theoria que acha logo contraditores — é que poucos comprehendem; na Assembleia Lisbonense revela-se o ultimo termo d'uma civilisação muitas vezes secular — e todos, lentamente, a vão assimilando.

Foi a Assembleia Lisbonense uma das poderosas ala-

vancias que deslocaram a sociedade do seu tempo. Um paiz não se transforma pela facundia governativa d'uma casta politica, sempre pouco numerosa e intellectualmente inferior. A *Assembleia Legislativa* estabeleceu os principios de 89 — mas foram Voltaire, Rousseau, d'Alambert, todos os encyclopedistas que fizeram a *Assembleia Legislativa*. As nações prosperam pela sua sciencia, pela sua arte, pelo potencial superior da sua cultura moral, — nunca pela sua politica. A polenica de Cartistas e Tembristas apenas transmudou o Portugal taciturno e freiratico n'um Portugal mal educado, incaracteristico e intolerante. Foi pouco. Mas de toda essa época ficou aquillo que vulgarmente se chama a nossa elegancia romantica, ficou Garrett poeta, ficou Palmélla *grand-seigneur*, ficou Farrôbo *dandy*. E estes trez, fizeram incomparavelmente mais pelo seu paiz do que toda a multidão ululante, rancorosa e anonyma que fez correr o saugue em prol d'uma causa de que não estava muito certa e de que não colheu outro resultado que não fosse exarcerbar o desejo de viver com requinte, por todos os sentidos, por todas as agitações, por todos os receios d'un futuro incerto. Por isso, assim que Portugal, aplacadas as paixões politicas, mergulha n'uma somnolencia de que ha de despertar sessenta annos mais tarde, todo o movimento litterario e intellectual desapparece, tambem, gradualmente. Nunca mais voltaram as tardes das Laranjeiras nem as noites da Assembleia Lisbonense. Reuniões d'uma élite desocupada? Clubs de snabs sem actividade? Talvez. Mas foram elles que vincaram o seu tempo.

## OS ACTORES DE 1840



## OS ACTORES DE 1840

Os actores de 1840 são, na sua quasi totalidade, da mais modesta extracção. Ha n'elles, porém, um caracter essencial; eram homens. Pailleron não inventára ainda o termo que os designa, não eram ainda cabotinos. A sua adolescencia foi temperada nas guerras civis, quasi todos se bateram e em todos ficou um pouco do soldado que um dia viu o fogo. Foram soberbos exemplos de tenacidade e de energia. Sahidos do povo — permaneceram no povo. Nem um renegou os seus começos, raros trouxeram para a rua a máscara que usavam na scena. Conservaram o supremo bem das criaturas de eleição: Deus deu-lhes a lagrima e a gargalhada. Sofreram. A miseria passou por todos elles, tocou-os e transfigurou-os; a fatalidade que vergon toda a vida de Epiphanio deu-lhe a augusta e magnifica serenidade que fez d'elle um actor admiravel, magnifico e sômbrio. A fome dominou Sargédas: e como Sargédas teve fome, foi pintor, caixeiro, guarda-livros, alfayate, pintou mônos de barro, talhou pares de sapatos, sempre com o seu riso aberto e largo — e só chorou, no-

bremente, com enterneceda emoção, no dia em que Garrett lhe deu um abraço. Theodorico tio, teve a bemdita alegria de viver — e contudo a desgraça não o poupou. O Tasso, perdido na vida, orphão aos cinco annos, deveu unicamente á força irresistível do seu talento o logar que talhou. Era um forte. Foram, quasi todos, ingenuos e cren tes, foram os mais apaixonados amantes da sua arte, antepunham-n'a a tudo, de muito se privaram por ella. E o que Julio Cesar Machado disse, a proposito do Tasso, deveria dizer-se de toda essa pleiade esplendida. Eram actores de raça. Nunca ninguem fez mais sabendo tão pouco. Tinhiam coração. Tinhiam alma. Eram homens.

Appareceram, todos ao mesmo tempo, n'uma scena sem tradições e sem glorias. Não copiavam ninguem nem fizeram evocar ninguem; surgiram com o Romantismo e com elle desappareceram. Não existiam, com effeito, actores antes de Doux ter fundado o seu ensino; nem no genero tragico, nem no alto comicò havia uma figura de destaque. Com o novo theatro ia, todavia, florescer a nova escola. Doux vira representar *mademoiselle Mars*, já então longe da mocidade, admirára Saint-Firmin, era discípulo de Frederik-Lemaître. Os recentes processos, que tinham tido a sua mais bella modalidade na interpretação do *Didier*, da *Marion Delorme* e do *Saint-Mesgrin*, do *Henrique III*, inflamavam-n'o. Em Doux havia o mesmo instineto de novidade que fazia brilhar os olhos de Talma, quando da leitura do *Cromwell*. Era, abertamente, pela nova orientação, abominava o theatro indeciso de Casimir Delavigne; que ousava o meio termo e não occultava uma formal ten-

dencia para os auctores do *Antony* e da *Lucrecia Borgia*. Atraz de si não havia passado a esborrar; no seu caminho não existia um processo a combater; a materia plástica, tinha-a soberba e admiravel. Teve logo de entrada, Vannez, Meyrelles e Sargédas. Depois os outros vieram em multidão e, ou na sua escola ou seu theatro, todos lhe sentiram a influencia. Doux foi, sem duvida, o creador do actor romantico, em Portugal.

De começo estes actores não foram perfeitos — mas havia n'elles vehemencia e convicção. Costumados a declamar em verso, porque em verso eram, então, quasi todos os dramas do seu tempo, os nossos artistas usavam uma melopeia monotoná, uma enfadonha cantilêna que não expressava nem verso nem prosa. A miudo remontavam a voz a pontos agudos, cousa que reputavam de grande belleza porque era esse o gosto do publico que os aplaudia. Lentamente, a infiltração da verdade foi-os possuindo. O baixo comico desligou-se, a pouco e pouco, do habitual nas comedias italianas, nem já o tragico tinha, por sombras, o enfatuado de Nicoléne ou de Dupin-Parvis. Assim Azór se afasta de Ruy Blas. O theatro era ainda um composto de circumstancias quasi inverosimeis, um theatro interessando mais pelo inesperado do que pela acção conceituosa que podia envolver; a realidade, porém, ia transparecendo. A dieção desordenada e tumultuosa desappareceu devagar e todas as paixões, que de principio se admittia deverem ser vincadas com exhuberancia, foram temperadas pelo soberbo sôpro de lyrismo correcto e delimitado que dianava do theatro francez. A mais alta expressão d'esse

lyrismo residia, então, em Hugo e em Lamartine — e elles irradiavam, impunham com tal violencia, que não transformaram apenas a litteratura do seu tempo, modificaram tambem, a sociedade em que viveram e formidavelmente a abalaram, n'um tal arranco, que toda a celeuma que elle causou ainda hoje perdura.

Este grupo, porem, era homogeneo e compacto. Completavam-se uns pelos outros. As mulheres não tinham ainda a *pruderie* grotéscas das actrizinhas de theatriculos. Todas marcavam um gosto muito vivo e muito pronunciado pela sua profissão, uma grande probidade dentro da sua arte. Foi o tempo em que Emilia das Neves entrou no theatro pela mão do actor Ventura, para quem Garrett escreyeu o *Frei Luiz de Sousa* e que, formosissima, esculptural e pobre, atirou o seu talento ás mancheias, gastou o seu divino dom por oito mil réis por mez; era o mesmo fôgo sagrado da Dejazet n'uma outra magistral modalidade de Rachel; tinha a linha d'uma cortezâ de Bolonha, hieratica no seu brocado de Florença, com a alma transbordando de soluços, lagrimas, paixões, e delirios, ululando, abraçando, implorando por todas as grandes dôres dos homens e por todas as grandes alegrias dos homens; era uma parecélia de Deus scintillando n'uma bocéta de barro. Era tambem o tempo em que Carlota Talassi representou, em Portugal, o desusado brilho de *mademoiselle Georges*, *grande-dame*, senhoril, enorme, usando, depois de reformada, a magna inconsolavel de se sentir sobreviver a si propria.

Em redor d'ambas volteavam Delphina, a encantadora

Delphina Perpetua do Espírito Santo, sombria, triste, pensativa, uma silhoêta de Lamartine, vago composto de lirio e de papoila, que n'um palco quasi nascera e um acaso feliz revelará, a Talassi mãe, com uma fama nascida e creada no velho theatro de S. João, no Porto, aquella outra, com um nome de balada, Florinda de Tolédo, de tão débil corpo e de tão forte coração, Maria da Luz, que fôra talvez gentil, sonhadora, parecendo esfolhar, atravez dos dramas de Mendes Leal, o *forguet-me-not* piedoso das heroínas de Walter Scott... E sobre todas, enchendo-as a todas d'uma bella alegria de viver, enorme como um boi, saltitante como um pintasilgo, vestida de chita, com um vasto lenço d'Alcobaça em guisa de toucado, a velha Bárbara abatia, aqui e alem, o seu punho forte, symbolisava a antiga graça portugueza, pesada, grosseira por vezes, e onde, apesar de tudo, um bello humor tinha, a miudo, um conceito penetrante e melancolico, exhalando docura, como exhalam perfume quatro rosas metidas n'un copo d'água fresca...

Mundo morto? Ainda não. Um ou outro, de velhice adeantada deve lembrar-se do Marrare das Sete Portas e do bolequim do Gonzaga. Deve lembrar-se do grupo d'actores que ali se reunia. Evocará Epiphanio, de face vincada e pensativa, como que farto das cousas humanas, parecendo debater o eterno problema d'Hamlet, negro, philosophando a sua negra philosophia, com uma figura de Romano, sevéra magestosa, olympica e dura; ha de recordal-o vergado por fatalidade mysteriosa, parecendo considerar melancolicamente o seu habito de Christo, au-

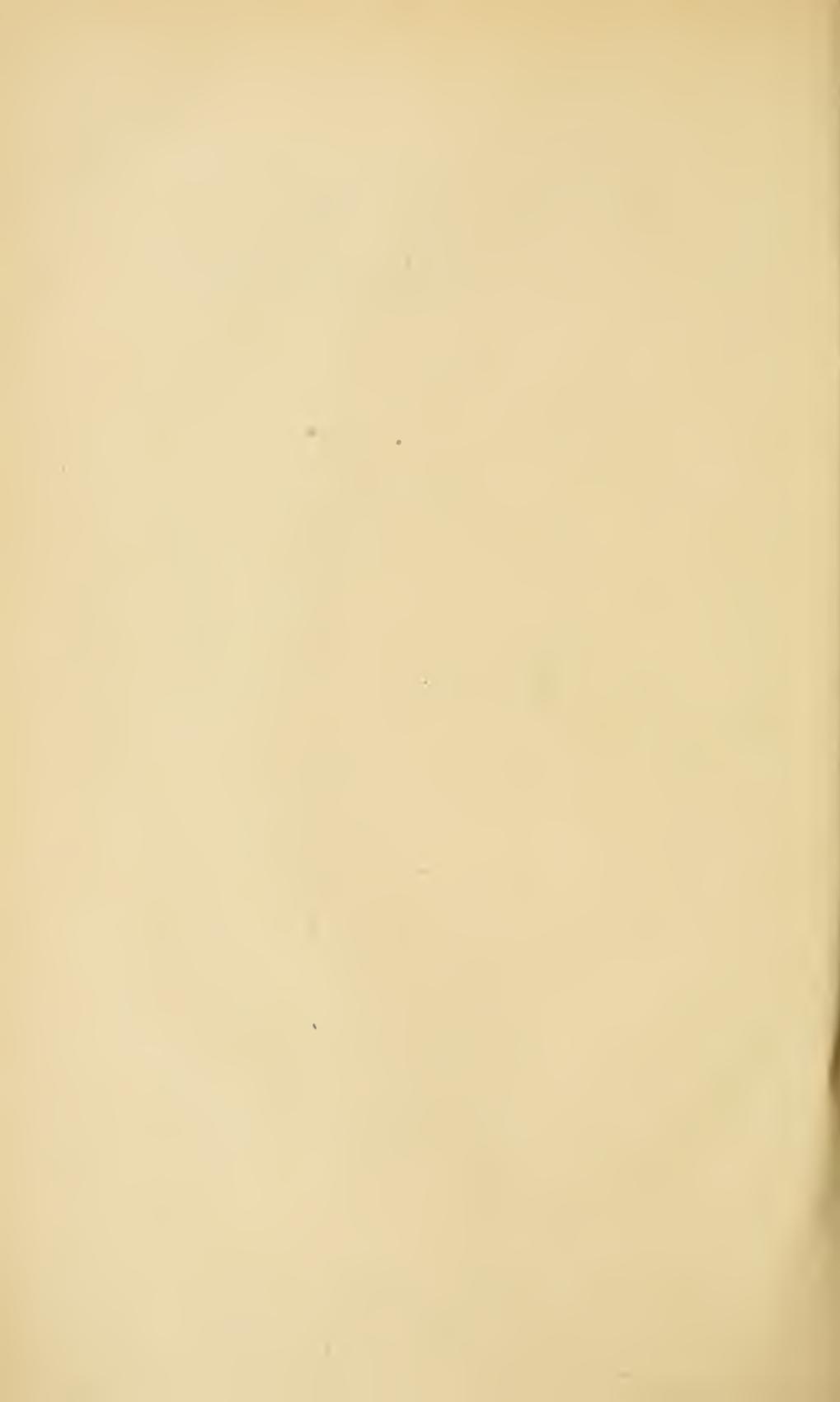
tevendo, talvez, a febre amarella que havia de levar-lhe um filho e que havia de leval-o a elle. Em volta da chavena de café d'Epiphanio, outras chavenas se juntavam, muitas alegrias penetravam uma existencia sombria. Ali clamava, em bérros estridentes, aquelle homem enorme e bom, de grande alma e de nariz ridiculo, o vozeirão de Theodorico tio, que abalava as paredes com as rajadas da sua eloquencia picara, percorrendo, atravez do seu riso, toda a escala dos sentimentos humanos. Era ali que um outro homem, amarelinho, miudo, com uma figura de Pantalone, todo em cabeça, alegre por entre todos os seus avatares, dizia versos e cantava modinhas de Moura; era Chrispíiano Pantaleão; era Sargèdas. Ali reuniam Ventura, Lisboa e Victorino, una trindade que fez rir e fez tremer, rugindo, sem descanço, os melodramas de Méry, uma trindade éstranha, acolytada por um mancebo obscuro que havia de ser, mais tarde, o actor Isidoro Sabino Ferreira. E ligando todos estes elementos, um rapaz esbelto, bello como Fortunio, uma romantica mistura de Werther e de Manfredo, Joaquim José Tasso, fazia perpassar a sua elegancia byroneana, leão da moda enquanto não era leão da scena, de boa vontade Apollo, perturbando a alma inquieta de todas as mulheres pela verdade irresistivel do seu talento e pelo córte extraordinario da sua casaca...

Mundo vivo. Tumulos? Não. Fâchos. É assim que a alma popular os quer. Foi ella quem os julgou — e quem os tornou grandes. A miseria vibra na pintura da miseria. Em certa noite o Tasso representava o *Cégo*. Plateia suffocada, absorta. E de subito, no silencio religioso da

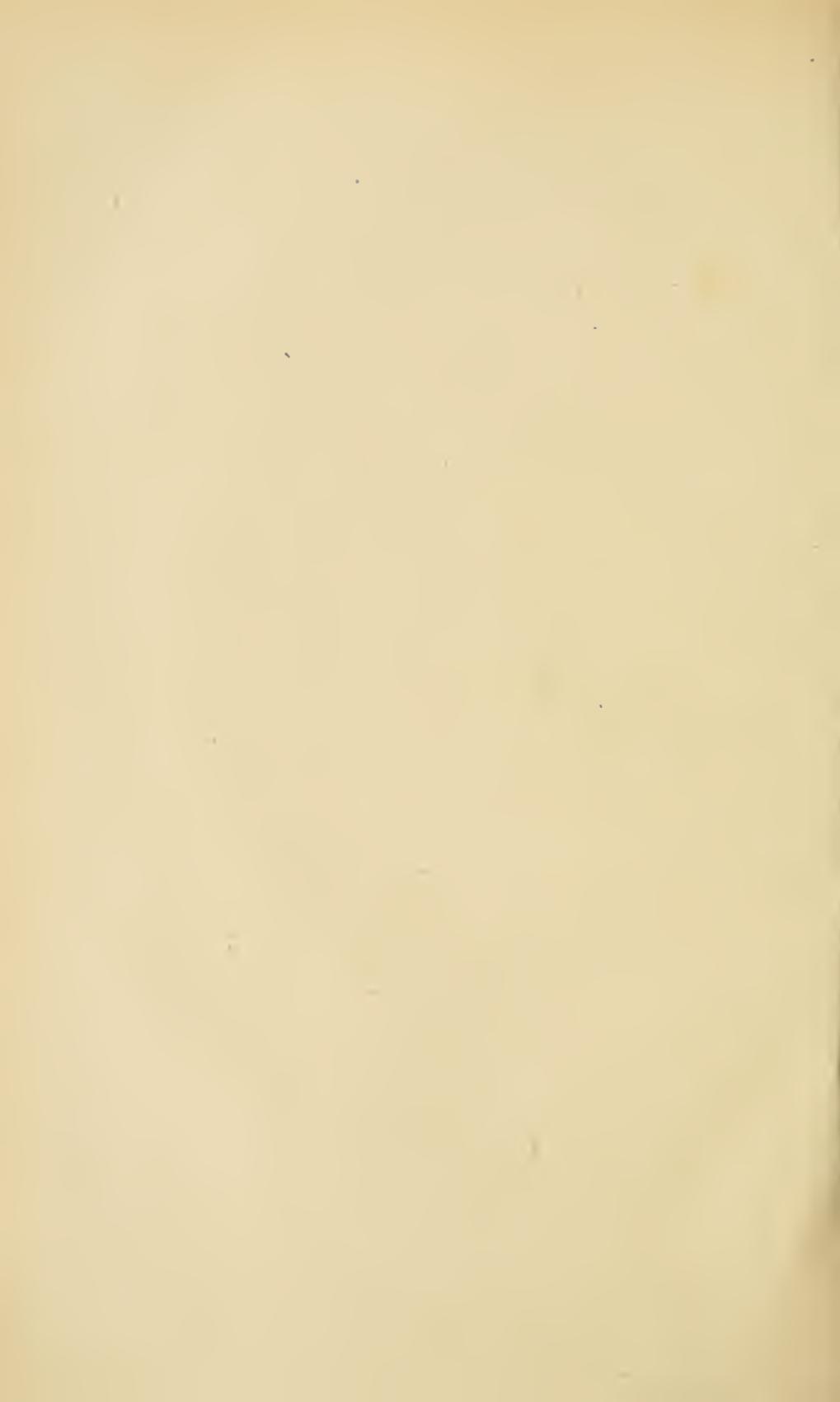
sala, uma velha debruçou-se nas varandas, de vestido negro, coçado, enrodilhada n'uma mantilha preta. E, banhada em lagrimas, a creatura exclamou, fremendo toda:

— Abençoado seja o pão que aquelle homem ganha !

---



AGONIA



## AGONIA

O Paço das Angustias fica situado n'uma altura que domina o Funchal e o Oceano. Lá de cima, parece que o mar de ramagem termina, sem transição, no mar de epopeia. Toda a ilha tóma a fórmia de um cesto de verdura emergindo da vaga. O espinhaço da serra, esburgado aqui e além, irrompendo em rochas ponteagudas, figura a aza d'aquellea immensa corbelha. A perder de vista a ondulosa fronde, crescendo entre rochas de erupção, debruça-se, em tres quartas partes do horizonte, no espelho inquieto das aguas. No horizonte, uma ou outra escuna de Cadiz singra, devagar, para as Canarias, coberta de panno e de esperança. Quando o vento de leste sopra com mais intensidade, o ramalhar tumultuoso dos jardins agita os perfumes que embalsamam as clareiras dos valles. A olencia sóbe até á altura, arrastando o murmúrio monótono e doce d'uma cascata occulta entre a folhagem. Nas noites soe-gadas, quando a cidade se envolve em silencio e o homem se encontra face a face com o seu Deus, sob a poeira luminosa do espaço, o uivo plangente da vaga, cobrindo a

falaria de espuma, vêm expirar nas hobreiras solitarias da casa vasia. No fundo de sombra as palmeiras vergam as folhas em cadencia, desenham claridades fugitivas, esbatidas em pedaços de céu onde espreitam astros palpitan tes. O rumor cicia, o perfume desmaia; Deus preside. É um scenario formidavel da Mãe-Natureza, desenrolado entre a escuridão e o silencio, vibrando em soluções misteriosos. E no tópo, com a apparencia desolada das casas sem vida, o velho palacio, com todas as janellas fechadas, permanece indiferente e mudo.

Ficou, talvez, assim, espectral, desde que por alli passou uma agonia angustiada. Houve um tempo em que, a cada uma d'aquellas janellas, assomou uma cabeça pensativa, interrogando o horisonte n'um grande gesto lento e desprendido. O dêdo de Deus marcára aquella face formosa d'onde irradiava uma profunda doçura, nascida de feições ao mesmo tempo graves, insinuantes, vulgares nas raças finas da Baviéra. Tinha uma certa semelhança com a rainha D. Estephania. No olhar absôrto havia todos os grandes pensamentos da philosophia e toda a ingenuidade atonita de um sér que morre sem conhecer a vida; por vezes eram dois abysmos enormes, sem fundo, transbor dando de angustia; eram olhos que, ao espelho, contemplavam o indizivel horror da caveira porque n'aquelle corpo débil se debatia uma forte e amorayel alma de mulher. O andar indeciso e hesitante media a terra a mèdo. Ao olhal-a, advinhava-se que a morte cogitava junto d'aquelle vida. Serenidade. Resignação. Auréola. Em volta d'ella, mordendo soluções, supplicando Deus mudamente, a mãe

uma outra mulher, nova ainda, vestida de negro, com o olhar secco e brilhante de quem devora lagrimas, — encaminha, ampára e consola. Essa foi na vida a que chamaram Imperatriz-duqueza de Bragança. À outra, á que morria, chamavam os homens a princeza Maria Amélia ; os corações simples e enternecidos chamavam-lhe uma triste doentinha.

Foi em Caxias que a princeza teve a primeira febre de mau caracter e que a deixou muito abatida. Mezes depois, no palacio das Janellas Verdes, onde vivia com a mãe, caiu doente, com outra febre, acompanhada de angina. Era o primeiro aviso d'uma tuberculose que se desenvolveu com violencia depois que a princeza, na volta d'um passeio, ao jardim das Necessidades, se queixou de um resfriamento. Aconselharam-lhe os ares do campo ; foi para o Calhariz de Bemfica mas o mal inexoravel alastrava com rapidez n'um corpo fraco, que vergava ao peso do espirito. Foi então que usou do ultimo recurso : a Madeira. Quando chegou ao Funchal ia meia morta ; não ignorava o seu estado ; havia n'ella a fatalidade das coisas que enrugou, precocemente, a face do Rei-Soldado, seu pae. O lado sólido era Leuchtenberg, com a vivacidade intelligente do avô Eugenio de Beauharnais. Pouco do pae que, de resto, quasi não conhecéra ; tinha a silenciosa e impassivel alma germanica, doce, sonhadora e passiva. Como esteve na Baviéra mais de metade da sua vida, doze annos, formou-se em sciencias physico-mathematicas, sob a direção da avó, que lhe deu uma educação de ferro ; fallava quasi todas as linguas da Europa. Só no verão de 1859, quando

voltou para Lisboa, orientou a sua atenção para assumtos propriamente portuguezes, guiada por Francisco Freire de Carvalho, que foi seu professor. A sua eclosão de mulher estava terminada: estava prompta para a morte.

Esta princeza havia de figurar bem nos contos de *madame Desbordes-Valmore*. Era uma figura de romance recertada das novéllas de Lynn Linton ou de Léon Bóst. A sua vida foi um exemplo de trabalho ordenado, a sua morte um modelo de piedade christã. Depois de ler Fichte, ficou a mesma creança e a mesma virgem. Era d'aquellas raras frontes juvenis onde não ha uma sombra de pedantismo, que descançam da escura philosophia d'Erasmo de Rotterdam lendo os commentarios nebulosos de Spallanzani, dedilhando, com recolhimento, as largas e severas páginas de Gluck — e que não perdem nunca a sua fórmula infantil e candida, largando o livro para consultar o malmequérr, seguindo com alegria uma borboleta d'azas sarpintadas, pousando, aqui e alem, em arbustos frageis que vergam sob as résteas de sol. Era das mulheres que resgatam as outras mulheres. Materia delicada e débil que o espirito doirava com imperceptiveis, fugitivos cambiantes d'uma infinita nobreza d'alma. N'aquelle corpo de creança, habitava uma alma de Romano. Soube chorar, soube perdoar — e soube morrer.

No paço das Angustias desenrolou-se, então, uma angustia de seis mezes. Foi no explendor d'agosto que a princesa Maria-Amélia desembarcou. A ilha transbordava de verdura fresca. No jardim, defronte das janellas, das suas janellas, um plátano maravilhoso estava triumphalmente

coberto de folhas. E foi logo um grande dialogo mudo entre a arvore e a moribunda. Na hora crepuscular, tiritando n'aquelle atmosphera quente e voluptuosa, envolvida em sonhos que não tem fórmula e não tem nome, nascidos no momento em que as Cousas começam o seu magestoso adormecer, a doente descansava da amplidão do Oceano, pousando a vista nas folhas frementes. Setembro cobriu o plátano de tons amarellos; outubro transformou-o n'uma arvore d'oiro. No dia em que a primeira follia se desprendeu, cahiu mollemente no chão, esvoaçando, a filha voltou-se para a mãe dolorosa e com a sua voz fresca e grave murmurou:

— Parece-me que chegou o principio do meu fim...

Agora as folhas cahiam todos os dias, cada vez mais rápidas, cada vez mais precipitadas. O estalido sêcco e subtil echoava lugub्रemente na alma que se preparava para a tenebrosa viagem. Cada folha que se desprendia, era um pouco do seu sangue que, para sempre, gelava. A arvore adormecia — adormeciam as duas, ao mesmo tempo; uma para toda a eternidade. E de tanto contemplar o plátano impassivel, cada vez mais desnudado, ella propria se imaginava arvore tambem, analysando o horror de se sentir morrer a pouco e pouco, suspirando com o mesmo frémito dôce das folhas que cahem. Colloquios mudos, anciiedades dolorosas, dois olhos enormes, já cheios de noite, extinguindo-se lentamente, afogados em sombra, observando, contando, agora, os dias da sua existencia pelo numero de folhas que uma haste, mais vigorosa, conservava ainda. No inverno, accidentalmente rude, o plátano

rijo, resistia. As rajadas subitas que traziam a frialdade da Mancha, vergavam milhares de cópas, uma vaga vegetal, envernizada pelos chuveiros, ondulava de tópo a tópo da ilha. Janeiro vestiu a sua capa cinzenta; os crepusculos foram de chumbo. Deslumbramento de despedida; phosphorescencias de prata velha em todos os cantos do horizonte; sombra, mysterio, recolhimento. Lethargia nas coussas eternas, morte nas cousas transitorias. Com o mesmo desprendimento lugubre da folha que se solta, o espirito que partia esvoaçava tambem, toda a vida dos olhos procurava a luz infinita de Além-tumulo, a Causa Final que rége, na mesma imperiosa lei, os astros e as hervas. Seria a luz alva e limpida de Platão? Seria a luz divina do pobre de Galileia? Onde estaria essa verdade suprema? Talvez n'uma symphonia de Beethoven, talvez n'un conceito de Confucio, talvez na propria terra fria, evolutiva e eterna, que transforma a carne em flôres vermelhas e transmuda os musculos em rebentos tumidos de seiva. Mas fevereiro brumoso responderia, leval-a-hia, no seu manto gelado, até debaixo d'aquellea vastissima mão de Deus que peza e accolhe e ampára e determina a ordem do Universo, por detraz das suas grandes estrellas. A luz perpetua estava ali, junto d'Elle. E quando fevereiro chegou, todo plátano se recordava nitidamente, no espaço, esguio, sècco, espectral, sem uma folha, de longos braços trémulos, unidos e supplicantes. Ella era transparente: era tambem uma arvore despojada. Morreu, como morre a chamma d'uma vela, n'un ultimo e subito lampejo. Na quinta madrugada d'esse mez revelador, sentou-se, bruscamente, no seu leito d'agonia:

— Vejo! — exclamou ella, com a face transfigurada. —  
Vejo!

E cahiu, sobre o travesseiro, como cae um corpo morto, com uma grande e grossa lagrima bailando-lhe ainda nas pestanas geladas. Pobre pequena! Tinha vinte e um annos!

---



## AS LARANGEIRAS



## AS LARANGEIRAS

Um grande párque arranjado á maneira franceza. Salgueiros debruçados sobre filêtes d'agua, um labyrintho decalcado no famoso de Fontainebleau, áleas ensaiadas, correctas, solitarias, debruadas de plátanos, com largos e pensativos chorões aqui e além, estufas monumen-taes, n'um estylo rebuscado, singular. No lago, emoldurado em pinheiros, vögam, com nobreza, cysnes pretos, a ponte pensil é um fio suspenso sobre o cristal. Extensas ruas, profundas, delineadas com sábia perspectiva, capricham, por vezes, em meandros sombrios e recatados; ao lado dos bancos de pedra sussurram fios d'agua. Silencio. Solidão. Verdura. É um parque talhado no estylo do Pequeno Trianon, jogos d'agua, como em Vaux, grande *parterre communum*, aos castellos Luiz XIII, uma multidão d'estylos e de épocas, amalgamada na mais vagabunda das phantasias. Ao lado dos jardins classicos, á Le Nôtre, surgem os processos de planta, habituaes nos *cottages* da Alta Escossia, o conciso estylo inglez aborta, bruscamente, n'um pinhal selvagem, as placas á Champnanceaux

terminam, sem motivo, a sua relva aristocrata e severa, debandando em campos d'amores perfeitos, de goivos, d'envolta com herva da fortuna e musgos nos recantos sombrios e humidos. No pomar, as arvores de fructo estylisam-se, espalmam-se, como no Luxemburgo, com arrebiques de jardinagem scientifica; só as laranjeiras crescem á portugueza, por toda a parte, de fructos enormes, incontaveis, tão espalhadas que se diria que o pomar é a base do jardim. Nas encruzilhadas mais espaçosas, jaulas de grades douradas abrigam o bocéjo desolado de leopardos, tigres, leões, uma fauna collectuada que bramia de quando, agitando o silencio pautado do jardim luxuoso; no logar d'honra, um leão cégo brincava com uma bôla enorme, esbarrando contra os varões da prisão onde o conservavam. E o jardim que se animava, que se transmudava em bosque de mil e uma noites, exhudando luxo, conforto, phantasia cára, que vivia formidavel de surprezas, devorando catadupas d'ouro, -- conservava, todavia, a sua aparencia placida, silenciosa e grande, tão placida, tão silenciosa que provocava o sonho a quem passava fóra dos muros e facilmente se suppria ser ali um dos lucos sagrados onde os deuses descansam, na terra, da uniformidade do Olympo.

No palacio, vivia um homem, o mais curioso homem do seu tempo, d'uma actividade prodigiosa, perdulario, artista, *dilettanti*, agindo n'uma febre dissipadora, subsidiando regimens, alimentando revoluções, innovando, inventando, deslumbrando, endoidecendo d'assombro a Lisboa de 40 com excentricidades que ella julgava inspiradas

por Satanaz, perdendo fortunas, reconquistando-as. Pintor, poeta, empresario, musico, commerciante, industrial, um Frégoli d'actividades, mordendo em todos os fructos, impaciente, ávido de novidade, largando o violoncello em que decifra Händel ou Mozart para correr á barra da Figueira, onde sonha immensos trabalhos d'açoreamento. Enredado nos vidros da Marinha Grande, na fiação a vapor de sedas, correndo ao laboratorio dos productos chimicos da Verdelha, enfarruscando a *ulster* preciosa nas minas de carvão que explorava, e onde descia,— era o *talon-rouge*, a elegancia romantica de Luiz Filipe, o *beau fatal* á maneira de Vigny, dolente como Fortunio, sceptico como Musset, distinto e léve como Morny, parecendo-se, physicamente, com Walter Scott, com os caracteristicos da geração de 30, amostra d'outra gente que ha de vir para transformar e revolver a terra. Tem o furor do progresso, anima a formação das mutualidades, que então despontavam, preside companhias de seguros, lança rèdes ferroviarias, institue pescarias, carreiras d'*omnibus*, fabrica louças, artefactos, gaz, vinhos, vive n'um turbilhão de dia — e abre, á noite, os seus salões, engravatado como o duque d'Orleans, cingido n'uma casaca á Dumoustier, em verde negro, com botões d'ouro, palaciano, requintado de fidalguia, *grand-seigneur* até ao sabugo, atirando o seu dinheiro n'um vôo largo, com a grandeza descuidada d'um Colonna ou de um Médicis. Atravanca a sua sociedade. É conde, é barão, alcaide, commendador, gran-cruz, inspector geral dos theatros, coronel de cavallaria. Foi tudo no seu tempo, é tudo na sua geração. O rasgão de luz

n'esse manto de sombra entre as duas revoluções — é elle. É o élo que liga o Portugal antigo ao Portugal moderno. É o traço d'união entre a auróra romantica da França e a sordidez classica da vida do seu tempo. O seu arrojo é benéfico, magnifica a sua influencia. Foi util como poucos, grande e liberal como raros. Passou, como um bolido, n'uma exhuberancia de luz e de força — para ser hoje um nome meio sumido n'uma lapide meio gasta — Joaquim Pedro Quitella do Farrôbo.

Mas este homem foi, sobretudo, um *homme-à-femmes*. Punha ao serviço da sua galanteria a mesma ardência com que desfazia a confusão dos seus negócios. Todos os saraús das Larangeiras são o fundo, a decoração explendida da sua sensualidade. A festa mais brilhante era a moldura d'uma paixão sempre viva e veemente. Pôz o gaz no seu palacio, entre o assombro do mulherio espavorido, — que lhe dava relações com o diabo. Mandou vir dez candieiros, de Inglaterra, dez preciosidades pesadas a ouro, que a imprensa cantou, dithyrambisou em columnas compactas; eram os primeiros que Lisboa, estarrecida, contemplava. No seu theatro, copiado nos moldes do de Saint-Germain, a branco e lilaz, desvairando de luxo, gorgearam a Boccabadati e o Colletti, as arias, repetidas até à saciedade, da *Musa di Portici* e do *Marina Faliéra*. Foi ali interpretado Mozart antes da Sociedade Philharmonica se lembrar de que elle existia; o rancho das filhas, Maria Joaquina, Maria Magdalena, as outras, cantava, representava, chalrava, dando uma nota inconfundivel d'elegância e de frescura. Os *bals-de-têtes* sucediam-se, os salões

iluminavam-se á *giorno*, as ceias absorviam caudaes de libras; são os «bailes europeus», como lhes chama um contemporaneo. Alegria, mocidade, beleza, brilho de beldades, fulgor de diamantes, uma *élite* moça, servida por uma centena de lacaios, agindo n'uma suprema alegria de viver, reverenciando, fazendo a sua corte á Rainha, a D. Fernando, á Imperatriz que boamente se misturavam á multidão dos convidados. Garrett léva, constantemente, á Laranjeiras o explendor da sua casaca impecável e até Passos Manuel, rude e contrafeito, esquece, por vezes, a agitação do seu grande sonho politico, na malicia do *Dominó Noir* ou na garotice do *Duque d'Olonna*. Fletcher conta as suas anecdotas, João de Lemos diz os seus primeiros versos; ha, nos salões, arômas de Lubin, ha, nos jardins, *frou-frous* de saias amarrotadas. Cythéra. Voluptuosidade. Amor. E, n'esta atmosphera sobreaquecida, saturada de goso, tendendo com todas as suas forças para o prazer, para o requinte, os officiaes desembarcados da *Piemonti* sussurram, na sombra dos tritões e dos satyros de pedra, os velhos sonetos de Petrarcha e de Gavazzi: cita-se Piron, lembra-se Crébillon, ha curtos suspiros sob um docél d'estrellas, silencios enleados que contrastam com os cantos de luz onde estoiram as rôlhas do *Champagne*. As figuras são quasi de Watteau, são quasi de Marivaux as conversas e dura dez annos, quiuze annos, entre *lambris* de carvalho e ruas de buxo, a vaporosa galanteria dos *Jeux de l'amour et de l'hasard...*

Entre as Graças e as Musas o amphitrião dispende a sua intensa sède de prazer. Não lhe basta o amor para

elle ; quer o amor para os outros. E como os *flirts* se não desdobrassem rapidamente, os casamentos, apesar de numerosos, iam lentos,— foi necessário activar, decidir em magna quantidade as consciencias renitentes. Inventa-se então, uma formidavel machina para comprometter. É o *labyrintho de noivar*. Quintélla Mephistopheles manda construir esse celebre labyrintho de ruas de buxo, habitual nos jardins d'então, mas enorme, emaranhado, tortuoso, d'onde se não poderia sahir sem fio d'Ariadne. Na entada, um alabardeiro grave, perfilado, marcava o começo— mas não havia outro que mostrasse uma saída ; e quando um par amoroso, dolente e distraido, ella esfolhando o seu ramo de camélias ou de raynunculos, elle envolvido na sua capa á lord Byron ou no seu albornóz em estamênhha d'Argelia — desapparecia nas ruas traidoras que torcicolavam, riam as nayades de marmore, á beira das fontes, riam as nymphas de pedra nos cantos discretos, ria o magistral alabardeiro grave e perfilado... O jardim era cumplice, rainhalhava com furor, abafava os passos hesitantes. E o *labyrintho de noivar* compromettia com mutismo e com decencia.

Mas o pé, o pé feminino, fonte primeira das desgraças do homem, alueinou o bizarro hospedeiro. Davam ali *rendez-vous* os pés de Bérnerette, de Mimi Pinson, de Musette, de todas as heroínas de Murgér. Sobre a meia branca cruzavam-se as fitas do sapato de baile, em setim branco, revolteavam na agitação da valsa, entrevia-se o tornezélo, entre rendas, a saia curta desmascarava-o. Catalogo. Havia os pés á Malibran, os pés á Cendrillon, á Si-

card, á La Violaine. E, para o triumpho retumbante do pé, fez-se o *pavilhão dos espelhos*, forrado d'alto a baixo com vidros de Venêza, mobilado com *fauteuils* de cristal, onde os pés se multiplicavam ao infinito, no tecto, nas paredes, no chão, compromettendo, irrefragavelmente, uma mulher que lá entrasse. O *pavilhão dos espelhos*, onde pontificava o estranho homem, teve uma fama colossal, foi o paroxismo d'uma volupia incandescente. Foi o apogeu. Em breve Farrôbo irá morrer no seu palacio do Alecrim, com a sua enorme fortuna fragmentada, espalhada aos quatro ventos. E de todo esse mundo ligeiro e vaporoso, que antecede o de Compiégne, ficou apenas um jardim abandonado, decahido — e uma recordação que é como uma réstea de sol n'esse enublado céu, impassível, eterno, immenso, que vê os homens nascer, viver e morrer, caminhando para um destino — que ninguem saberá nunca.



## O EXERCITO



## O EXERCITO

A influencia de Beresford, e a reunião bastante frequente do exercito portuguez ao britannico, tinham já dado, no primeiro quartel do seculo, ás nossas tropas, uma fórmula essencialmente ingleza. Em 38 o fardamento quasi se parecia, inteiramente, com o do exercito inglez, sobretudo no padrão e no corte; a còr, todavia, permaneceu nacional. Foi a época em que, por quasi toda a Europa, os exercitos regulares, ainda firmados nas ordenações do primeiro Imperio, transitaram lentamente do velho estylo francez, d'abas vermelhas e gólas á Polignac, para a fórmula cossaca d'entre Dôn e Dniester, com especialidade na cobertura que se vulgarisou logo na Prussia, adoptando, sem rebuço, a *czapka* poláca. O general Schwalbach, barão de Setúbal, e o coronel Eschwege, allemão ao serviço do exercito portuguez, fizeram as primeiras modificações sensiveis na organisação do conde de Lippe, talháram, á maneira dos exercitos do Hanovre, (que tanto valia dizer inglez) um fardamento proprio que teve o raro mérito de aproveitar o lado pratico do equi-

pamento extrangeiro, conservando, todavia, as caracteristicas nacionaes, pouco variaveis desde Schomberg e d'Entrecastries.

Em 40 fazia o exercito portuguez um formidavel contraste com o hespanhol, entao desorganizado por completo, miseravelmente equipado, votado ao abandono desde a capitulaçao de Cadiz. Entre nós havia o garbo que a antiga ordenança favorecia; os dragões de Chaves constituiam uma *élite* ciosa da sua elegancia puramente militar; sempre irrequietos, favorecendo, mais de que nenhum outrò corpo, todos os pronunciamentos do tempo, tinham a *morgue* insolente, a altivez desdenhosa dos mosqueteiros de Luiz XIII; os lanceiros que forneciam os serviços de guarnição, em Lisboa e Cíntia, não lhes cediam o passo, tinham o aprumo dos uhlanos polacos, montados unicamente em cavallos inglezes, de cabeça bem erguida sahindo da alta gola encarnada, envolvidos em inumeraveis galões amarellos, com os *bonets* de um escarlate estridente. Posto que já entao os homens de cavallaria não recebessem pága dobrada, como anteriormente, a tradição mantinha-se — e por conseguinte a cásta. Os cuidados mais especialmente dados á cavallaria, favoreciam a diferença, de resto inmat, entre o cavalleiro e o peão e a remonta, por completo ingleza, custosa e dificil, dava-lhes, dentro da linha, uma aristocracia que os outros invejavam: todavia esses disvelos mingoavam: antes das invasões, as remontas faziam-se com escrupuloso cuidado nos districtos raianos, na Beira, em Traz-os-Montes e, com muita frequencia, na Andalusia. Fóra o

tempo aureo das coudelarias nacionaes; em 1840, a remonta era de quatro mil cavallos, proximamente — e quasi todos ingleses.

A infanteria — e com especialidade os caçadores — tinha uma larga e justificada fama. Era a mesma de hoje, resistente e soffredora, uma raça d'homens pequenos, bem escolhidos, de membros proporcionados, lembrando, na estatura, os japonezes e tendo, como elles, uma agilidade maravilhosa, uma inconfundivel mobilidade; a barba, entao muito commum, dava-lhes um aspecto sombrio e decidido, concordando com a elegancia concisa e sobria do uniforme: fardetas quasi pretas, com gólas e carcellas pretas tambem, cordão e dragonas da mesma cõr, barretinas conicas, de couro recosido, espingardas britannicas curtas e manejaveis, patróna e borital ligados ao cinturão. Poucos botões—nenhum tom claro; uma distincão que era um meio termo justamente apropriado entre o *rifte* inglez e o *chasseur* de Vincennes, do duque d'Aunâle. A complicação, sempre crescente, dos trens regimentaes compensava-se pela tendencia a tornar o equipamento simples — e a mobilidade provinha, sobretudo, da ausencia de peso inutil.

Eram excellentes os soldados — eram péssimos os officiaes. Não lhes faltava, contudo, a competencia profissional mas simplesmente a politica absorvia-lhes todos os cuidados. Quasi todos os officiaes em serviço activo pertenciam a um *club* politico ou a um systema de maçonaria e todos, quando o acaso os dividia, eram irreconciliaveis. Eram os officiaes que fabricavam ministerios para logo depois lhe

provocarem a queda, dirigiam agrupamentos, exerciam as mais desencontradas pressões — e a elles se deve todo o periodo de sublevações militares que vae desde a *Villa-francada* até aos movimentos moribundos da Regeneração. A intriga tomou uma amplitude nunca vista; qualquer, mesmo da mais obscura patente, com serenidade fátua, imaginava, pelo seu raio d'acção, ou proteger os designios da corôa ou oppôr-se a elles; e era admiravel vér-se, aqui e alem, um modesto alferes ou tenente franzir um sobrólho terrivel quando Costa Cabral restabeleceu as relações diplomaticas com as potencias do norte, declarando, peremptoriamente, que em tal não consentiria. Como cartistas *propriamente ditos*, cartistas dissidentes e setembristas se degladiavam com forças proximamente eguaes, a lucta tinha todas as apparencias de se eternisar, prejudicando uns e outros, provocando transferencias em massa de regimentos inteiros, reformando e afastando, sem hesitação, um numero avultado de officiaes. Um momento houve em que se pensou em desligar todos os quadros sob o pretexto especioso de serem setembristas na sua quasi totalidade os individuos que os compunham. E ainda em consequencia das revoluções, sempre renascentes, nunca aquietadas, havia, então, tres ou quatro vezes mais officiaes do que o exigia o serviço do exercito, mesmo em tempo de guerra, porque todo o partido que triumphava demittia os que lhe eram reconhecidamente adversos, preenchendo todos os postos, sobretudo os de subalternos e de capitães, com elementos que lhe fossem sinceramente affeçoados, afim de poder contar com o exercito nos momentos deci-

sivos. Os officiaes demittidos e tambem quasi todos os de D. Miguel, licenceados depois d'Evoramonte, ou não tendo emigrado ou voltando do exilio em virtude da amnistia, formavam uma classe sempre reclamadora, sempre exigente, prompta a todas as audacias, dando-se a si propria o intolerante nome de *retirados*, manifestando clara antipathia por toda a ordem de cousas permanente. E toda a agitação se exarcerbava com a miseria porque o estado magrissimo das finanças não permittia o pagamento de soldo a reformados e *retirados*.

No entanto a unidade estabelecia-se. Com quanto prevalecêsse, accentuadamente, o criterio inglez — para o que não era estranho o coronel Page, especie d'enviado do seu governo, com a missão secreta de seguir, de perto, a questão politica, — o numero de officiaes estrangeiros ao serviço de Portugal era quasi nullo. Tudo quanto a tradição conservára sobre os velhos regimentos do *Royal Emigré*, da infanteria de Castres, de Dillon ou de Mortmart — desapparecera com as invasões. Apenas o conde de Lippe era lembrado e o proprio Beresford fôra uma vaga administração que passára. Dos mil e quinhentos homens estrangeiros, na sua maioria normandos, com que D. Pedro desembarcára ao norte do Porto, muito poucos existiam, seis annos depois. Com a vinda de D. Fernando e, anteriormente, de D. Augusto, os bávaros mantiveram-se — mas sses mesmo foram desapparecendo lentamente. Integrados ficaram o barão de Setubal, com o commando do Algarve e o barão d'Eschwege, encarregado da edificação do palacio da Pêna.

Se, todavia, os officiaes envolvidos em negocios de politica, não constituiam, entre si, uma unidade e uma cohesão indispensaveis, o soldado conservava uma inteira e céga obediencia áquelle que o tinham levado a todos os feitos de brilho; o duque da Terecira tinha em cada um um devoto, exercia sobre todos uma influencia quasi ilimitada. N'um periodo de guerras civis em que o exercito frequentemente interveio, foi, comtudo, rara a manifestação expontanea do soldado. Levavam-nos. Um grupo de fardas chegava, ordenava e era obedecido sem hesitação; mas de resto, individualmente, a praça estava já em via de preparação pela actividade dos *clubs* revolucionarios e pelo *meeting* publico que então começava a tomar incremento. Era, como sempre foi, uma excellente materia prima de soldado; soffredor, paciente, humilde — e, em se lhe falando ao coração, capaz, com toda a simplicidade, dos maiores heroismos; pertencia áquelle rara especie de homens que faziam o encanto e a satisfação do velho coronel Pégo, d'estes que a um tempo arrastam brutalmente uma espada e podem ainda córar quando um superior lhes faz qualquer observação com um modo sevéro. Fazer rebentar as lagrimas ao soldado, evocar o que a sua intelligenzia em bloco melhor pôde apetecer, desejar dentro das coisas naturalmente humanas, — era ainda a melhor maneira de o ter na mão. Era o processo que não deixavam nuncia de usar os agitadores; por isso o estragaram, sim — mas não lhe deformaram a alma. Depois de ter sido a alavanca da liberdade, foi o joguete dos ambiciosos, mas não se deshonrou nunca — nem mesmo nas

luctas fratricidas. Em Almostér e na Asseiceira recrutas d'entre liberaes e miguelistas deixayam cahir lagrimas, grossas como punhos, por terem de marchar contra irmãos — e apesar d'isso batiam-se. E velhos veteranos de 34, sessenta annos depois, rouquejavam ainda um soluço na garganta sècca, borbulhavam um pranto nos olhos áridos ao relembrar os dias de cláro sol em que luctaram pelo seu Portugal pequenino com a simplicidade das almas limpidas e com a bravura das almas grandes. Tinhão nobreza, tinhão piedade, tinhão amor. Eram soldados !



S. CARLOS



## S. CARLOS

A plateia de S. Carlos foi sempre um oceano revolto. Na historia d'este theatro lyrico, mais do que em nenhum outro, surgem, a cada passo, tremendos conflictos, patadas infernaes, um tumultuar ardente que se escapa pelas portas do theatro, alastrá nas mezas dos cafés e ruge nos semanarios de segunda ordem. Duas mulheres formam dois partidos que se degladiam. Houve, em 1827, a guerra dos *Siccardistas* e dos *Pietralistas*, quebrando lanças, com o mesino furor descabelado, a favor da Siccard e da Pietralia; em 1841 rebentou, com ira, o conflicto dos *Barilistas* e dos *Boccabadattistas* e 51 renovou as furibundas manifestações d'outros tempos, já degeneradas, na polémica entre *Stoltzistas* e *Novélistas*. Entre estes trez grandes conflictos, está toda a historia tempestuosa do theatro de S. Carlos.

O mundo que se diverte teve a mais alta expressão da sua descuidosa elegancia no velho theatro. Todos os elegantes do tempo, todos os leões do romantismo patearam em S. Carlos e amaram em S. Carlos. Era a época em que

todas as mulheres da sala affectavam a intriga espirituosa de *madame Du Deffand* e todas as mulheres da scena tinham os requintes livres da Camargo ou de Sophia Arnoult. O romantismo, em Portugal, vasou-se um pouco nos móldes d'aquelle outra sociedade que viveu nos fins do seculo XVIII, saboreando a *philosophia sensual* de Condillac entre os arremègios dos *encyclopedistas*, gravitando em torno do cadiño Richelieu, sem presentir os primeiros estremeções d'uma revolução formidavel. Eram uma exhuberancia de vida, uma exhuberancia d'alegria, proprias de quem tem um futuro incerto. S. Carlos foi a grande artéria onde a cidade sentiu pulsar o seu irrequieto sangue; nas primeiras, nas noites de conflicto, Lisboa contava-se no velho theatro, reunia na sua maxima força, afirmava, estrepitosamente, muito mais as suas ideias sobre barulho do que as suas ideias sobre arte. Definir a guerra dos *Boecabaudattistas* e dos *Barilistas* é defenir a Lisboa leviana de 1840. O palco e a sala tinham afinidades intimas e ambos viviam da mesma vida. Os homens passavam a existencia nos camarins das cantoras, os tenores cantavam para determinados camarotes e a todos os envolvia uma espessa nuvem de pó d'arroz, de onde sahiam gritos confusos, entrecortados, rugindo, uns, pela Boecabaudatti, ciciando, outros, pela Barili. Os pelotões formavam na sala, enfileirados nas cadeiras de pallinha, irreconciliaveis, jogando as ultimas, impacientes pelo fogo. Foi o bello tempo do Fidié, enleado nos seus amores com a Fabricea, de Domingos Ardisson, do Saléma, um estranho capitão da guarda nacional, que entrava no theatro, de botas altas, rangedouras,

e de espóras tilintantes, esperando a occasião da Barili gorgear, expressamente para a pôr fóra de si — porque era um *boccabadattista* intransigente ; foi então que fulguraram, pela sua insubmissão, Luiz Mendes de Vasconcellos, que tinha amores com a famosa Luiza Mathey, a mais extraordinaria *Norma* que Bellini jámais poderia desejar, Lopes de Mendonça, o brilhante folhetinista da regeneração litteraria portugueza, o marquez de Niza, o irrepreensivel *avô dos janotas*, D. José Coutinho de Lencastre, girando já em torno dos cincoenta, mas ainda elegante como Byron e amoroso como Musset. E sobre toda esta gente preparando, em hostes cerradas, as turbulencias mais delirantes, agitava-se um homemsinho baixo e calvo, o capitão Lemos Bettencourt, indiferente a todas as Barilis do mundo porque tivera uma paixão pela Siccard, quinze annos antes, trazendo sempre consigo um sapato da cantora, que mostrava a toda a gente com os mais fogosos transportes de entusiasmo.

Aquella que foi a mãe de Adelina Patti e rival da Malibran, a Barili, era um abril miraculoso ; a Boccabadatti um setembro explendido e doirado. Farrôbo, entre homens, pretendia que eram ambos dois magnificos agostos ; abril desafinava mas setembro tinha uma voz divina — e decotava-se ás avéssas. O Salema capitaneava os *boccabadattistas*, Freitas Jacome dirigia os *barilistas*, com um luxuoso estado maior onde figuravam, entre muitos, Lucotte, o visconde de S. Luiz e o relojociro Plantier. Estes ultimos individuos planeavam os «crimes» que à noite cometiam, no Marráre das Sete Portas — segundo affir-

mava a *Revista Theatral*, orgão dos *bocca badattistas*; mas o *Entreacto*, que era *barilista*, chamava-lhes os unicos homens de gosto «que havia n'este desgraçado paiz.» (Portugal era, já, um paiz desgraçado em 1840!). À noite, com efeito, as pateadas rebentavam furiosamente, sem pretexto, reforçadas com uma Babel de gritos discordantes, imitações de vozes d'animaes, ladrido espantoso de cães, miar plangente de gatos, sobrelevando a todos um estrepitoso coaxar de rãs de pantano, fornecido, com vivacidade, pela bella garganta de Pimenta Araujo. Em scena, os artistas esperavam, estoicos, e Coletti aproveitava esses momentos de furor — para namorar com descáro, interrogando, com os seus olhos aveludados, os camarotes onde havia sussurros abafados, rumores que ciciavam: — *Aquelle Colletti!... Que beleza... que maravilha!...*

A pateada fôra, de facto, elevada ás alturas d'uma religião. Havia profissionaes. Pouco antes, para deitar abaixo o emprezario Antonio Porto e substitui-lo pelo seu fiador, o Farrôbo, o marquez de Niza e outros «discolos» tinham organizado a mais formidavel de todas. «O grupo do marquez teve artes de metter no theatro a tripulação da fragata *Diana*, préviamente disfarçada em algibebeis e adélos e de collocar, em plena plateia, a bigórna do Daniel, ferreiro da rua da Figueira. A meio do espectaculo, rebenta uma pateada infernal, applicada pelas botas d'água dos marinheiros, malhava-se furiosamente na bigórna e das alturas das torrinhas viam-se apontados, fôra dos peitoris, enormes bancos, enquanto vozes cavernosas, mas convictas, gritavam: — *Guarda abairo!* — Uma companhia da

guarda municipal, no salão, contemplava em silêncio este transe angustioso».

Entretanto Farrôbo fazia prodígios; em dois annos perdeu quarenta contos de réis. Foi o apogeu. A musica allemã, banida de S. Carlos desde 1806, reapparece com *Roberto o Diabo*, de Meyerbeer e o *D. João*, de Mozart. Um gosto d'artista muito arguto e muito emprehendedor presidia. Vieram as duas Ferlotti, a velha e a pequena. Tamberlick e Frondoni vieram — este ultimo em competencia com Verdi que, felizmente para elle, nunca se decidiu a expatriar-se; Manuel Innocencio Camacho vê brilhantemente cantado o seu *Cérco de Diu*: o corpo de baile deslumbrou uma geração inteira e os bailados mais phantasticos offuscavam pelo luxo prodigo com que eram apresentados. Por entre a barulheira dos irrequietos o velho theatro remoçava. O branco e o ouro das antigas paredes reflectiam as innumeraveis luzes do grande lustre d'azeite, que pendia do tecto, de entre o sistema planetario, pintado em lona. Os bancos tóscos de madeira, com as costas verdes, que então existiam nos camarotes, foram substituidos lentamente pelas cadeiras de largo espaldar, servindo de fundo aos cabellos negros das lisboetas onde se emaranhavam raymunculos e rosas-chá. A costumada negligencia dos portuguezes, nas salas d'espectaculo, corrigia-se devagar — mas o clamor das ruas pairava muito carregado, no ambiente, para deixar expandir-se qualquer tendencia comedida. Dentro do seu requinte, brigando singularmente com elle e, todavia, completando-o, o velho theatro viu scenas deploraveis. S. Carlos, theatro da côte

—foi uma praça de touros. Em quanto a plateia, bracejando, evocava os *partèrres* delirantes do antigo palacio de Borgònha nos tempos do *Cid* ou da *Astarteia*, nos camarotes, fileiras de cabeças miudinhas, inclinavam-se, attentas ao rumor de baixo, um ou outro dedo apontado forçava a attenção, as exclamações trocavam-se — e a grande sala decorativa e soturna tomava o aspecto desleixado d'uma assembleia de moços de forcado onde, por anthitese, as expansivas almas de campinos se recobriam com a casaca irreductivel de Tom Olivier e com a gravaça flammejante de *lord Sandrick*. Ainda em S. Carlos como no Paço, como na rua, como no Parlamento, se encontravam as mesmas caracteristicas de intolerancia e de insubmissão. A polidez estalava, como um verniz mal posto, no conflicto das paixões e uma brutalidade espessa era, a custo, contida por uma delgada camada de dilettantismo. Nem este publico se podia comparar áquelle outro que fizera, annos antes, as temerosas noites do *Antony*, do *Henrique III* e do *Hernani*; ahí — era o facciosismo ao serviço da arte; entre nós era má educação pura e simples. Ha mysteriosas afinidades entre certas noites de S. Carlos e certas manhãs do *Collete Encarnado*. Eram os mesmos homens, com os mesmos gracejos e com os mesmos processos. A velhice, educada nos placidos saraus de D. João VI, não comprehendia aquillo, repudiava, com tédio, tamanha exaltação. O velho juiz Martins Nogueira, que foi depois um dos muitos barões que fez D. Maria II, não ia a S. Carlos desde 1818, desde os remotos tempos de Luiz Chiari. Voltou lá a ouvir a *Muda di Portici* em

39 ou 40. Ouviu zurrar, grunhir, coaxar, ouviu rugidos selvagens, uivos dilacerantes, roncos estrepitosos — e sahiu anniquilado. Ao outro dia encontra um amigo :

— Diga-me lá, barão, que tal foi encontrar S. Carlos ?

O velho homem deixa cahir os braços com desanimo, alça um dêdo com severidade — e resume :

— É uma arca de Noé !

---



## O BOTEQUIM DO GONZAGA



## O BOTEQUIM DO GONZAGA

Foi em torno d'uma cerveja, no fundo dos botequins sombrios de Heidelberg ou de Francfort, que se fizeram os vastos systemas de philosophia, como foi nas tabernas lóbregas de Hampton-Rêd, debruçadas sobre o Tamisa, que os puritanos do coronel Price, entre medidas de hypocrás, agenciaram o parlamento purificado; Danton, Marat e Robespierre reuniam-se, no inicio da Revolução, n'um restaurante modesto do cemiterio dos Innocentes, onde se distribuiam copinhos de vinho de Scéaux e salchichas do Nivernez, em mezas de marmore fingido. A géneze das revoluçõescontra-se, quasi sempre, em volta d'uns bancos de café. Entre nós, foi no botequim do Gonzaga que se prepararam os pródromos do movimento da Regeneração.

O botequim do Gonzaga não era o maior nem o melhor de Lisboa — mas era o mais popular. Estava no centro de operações, arrumado no Rocio, proximo do antigo Mattos Moreira, onde hoje é o *Gelo*, e tinha a apparencia incharacteristica dos *estaminêts* Luiz Philippe. Por dentro era funebre. Logo de manhã, ao arejar, quando a porta se

abria, um cheiro a bafio escapava-se, de roldão com pontas de charuto e cascas de laranja envoltas em serradura suja. As mesas de freixo vinham, então, a limpar junto da valéta, e o casarão, desembaraçado, tomava o aspecto d'um corredor soturno, encaminhado entre dois roda-pés de azulejo, d'altura d'homem, esbotenados pela phantasia destruidora dos clientes. Tres enormes candieiros de petroleo, dependurados, um outro d'azeite, no topo do balcão massiço e negro, entornavam, de noite, uma luz escásssa e desbotada, reflectida tristemente nas paredes de escaiola, manchadas, aqui e alem, pelo lapis delirante dos freguezes. Os bancos extensos de palhinha enfileiravam as mesas polidas pelos cotovelos dos ociosos, riscadas pela sarapilheira indolente do moço que as espanejava. Tudo aquillo tinha o ar vetusto e desalentado d'uma ruina. Por detraz do balcão, o Gonzaga ia amontoando, com serenidade descuidada, todo o lixo do estabelecimento, entre guardanapos que nenhum barréla desencardia e garrafas vasias de licor de tangerina. Elle proprio, nadando n'um oceano de destroços, tinha — desde que lhe partiram um grande espelho, nos tumultos de 39 — enfeixado toda a grandeza do seu café em duas gravuras enormes, dispostas com symetria onde, n'uma, um cavalleiro couraçado de ferro, montado n'um cavallo magnifico, decepava varios individuos semi-nus, cõr de chocolate e com pênnas na cabeça, n'uma paysagem de bananeiras, e na outra, no conforto d'uma grande sala um homem, de *tromblon* e de chapeu de chuva, lia um papel, de mão estendida sobre um livro, perante outros personagens, tambem de *tromblon* e de suiças ; a primeira que-

ria representar *Cortéz na batalha de Otumba*, a outra *Luiz Philippe jurando a Carta*.

Estas duas gravuras inofensivas fizeram a desgraça do Gonzaga.

Era um burguez alemtejano, nédio, baixo, roliço, vermelho, com olhos redondos de môcho e pernas talhadas como fiambres. Era uma caricatura á ingenuidade, bondoso, facilmente enganavel, aberto para todas as propostas, enternecidio para todas as miserias, perdoando dívidas, jogando o bilhar com os freguezes, emprestando ás meias-moedas, exuberante e vivo, orador rasgado, falando constantemente em Honra e em Patria, palavras que pronunciava com solemnidade, a proposito de tudo e de nada. Quando lhe explicaram as duas gravuras, a sua intelligencia aguda conheceu outros horisontes; na sua ancia de neophyto lançou-se com todo o ardor na furia do proselytismo — e foi politico. No seu ramo de negocio era eclectico, quasi indiferente: ideias seguras e firmes — só em politica. Os seus discipulos recolhiam, então, a summa synthese das opiniões do Gonzaga. Gonzaga, deante da gravura da batalha d'Otumba, elucidava com voz grave:

— Eis os funestos resultados da oppressão!

E logo depois, inspirado, erguia o déôdo para o guarda-chuva de Luiz Philippe:

— Estes são os fructos da liberdade humana!

E em seguida explicava.

Gonzaga gongorico, hiper-campanudo e theatrical, tornou-se immensamente popular. E como os agitadores sabiam que podiam fazer, no famôso botequim, uma operação

conjuncta de politica e de bolsa — o nucleo do Gonzaga ficou consagrado. A sua clientella era a mais variada de todas. Na confusão arrebatada das noites de procélla política, o seu café tinha a apparencia de um oceano encapelado. O Marrare do polimento, o das Sete Portas, mesmo o Casibossi, tinham o seu publico definido. O Gonzaga teve de tudo. Foi, nos tempos da Regeneração, o que tinha sido, cincuenta annos antes, o Nicola, tão frequentado por aquelle moço palido, de compleição fraca e de modos excentricos, como Beckford channava a Bocage. De manhã a escumálha de Lisboa perpassava, fugitivamente, pelo Gonzaga, uns a devorar o almoço dos pobres, outros contemplando-o de longe, como uma causa chimerica e inverosimil. Ai poussaram aquella monstruosidade que alegrou a mocidade doirada do Niza, do Vimioso, do Casusa, com as partidas à Sevéra e as pateadas de S. Carlos, o *Anão dos Assobios*, uma creatura millimetrica, de sobrecasca de briche e de chapéu alto, felpudo, pobre disformidade constantemente perseguida pela vaia; o barão de Catanea, vaga mistura de Gilles de Rêtz, com pedaços de Nicolau Flammél, Althotas mysterioso, rodeado de pretos, offerecendo a panaceia universal, indicando específicos nos jornaes, montado n'uma mula arguta e teimosa, que elle animava com as formidaveis pontoadas do seu guarda-chuva escarlate; o cambista Manuel Luiz, o *Pão quente*, que, do outro lado do Rocio, na esquina do Ampáro, vendéra, em tempos, aquelles extraordinarios pãesinhos quentes que a pobreza da cidade conhecia tão bem; todos os typos que a necessidade acossáva á rua em busca de sustento, contando as refeições por ou-

etros tantos milagres, o *José das Caiçinhas*, pobre tonto maniaco, as manas *Acerta-o-Passo*, predecessoras das *Periquitentes*, que tinham pelo inconcebível chocolate do Gonzaga a mais humilde veneração; o *Escaládo*, degenerado repleto de táras, intermediario de proxenetas, o *Francisquinho-dá-cá*, coberto de ulcerações, o *Roberto Pim-Pim*, em quem todos malhavam, por méra distração, coiso em centeio verde, o *Paixão-siel-de-seitos* a quem trinta annos de fome não tinham conseguido alterar a alegria nativa, o *Morgado das Cebolas*, um ente deplorável, rido pela avariose, quasi hemiplegico, de dentuça arreganhada, voz estridente; e estudando as pustulas, commentando e observando a miseria humana, ouvindo o interminavel Gonzaga, bebia a sua cerveja habitual aquelle que foi o mais vigoroso e o mais brilhante dos folhetinistas do seu tempo, o jornalista Lopes de Mendonça...

Pela tarde, o *facies* do botequim alterava-se. Uma outra miseria entrava, misteriosamente, no antro do Gonzaga, embuçada nos superiores interesses da nação, observando com methodo as disposições politicas do botequineiro para regular, por ellas, a intensidade da sua colera. Era a hora dos conspiradores de *madame Angot*. A miúdo, um homem de *mac-farlane* cossádo, voz lugubre, olho cavo, assomava, lançando em derredor o olhar suspeitoso:

— Gonzaga, um gró!

E logo o Gonzaga redemoinhava, apressava o moço:

— Gibatelho, um gró! Um gró para o sr. Silva. E forte hein! O sr. Silva é dos bons!

E elle proprio, titubeando sobre os fiambres, de face orgulhosa e incendiada, levava o gró, por entre as mesas, a trautear :

E eia ávante  
Portuguezes !

— Magnífico ! — redarguia o homem do *mac-farlane*, mastigando a casca de limão. — Está a chegar a hora dos verdadeiros patriotas. A Patria reclama-nos ! Gonzaga, outro gró.

Pela noite adeante outros *mac-farlanes* iam chegando e os grós succediam-se, abundantes como os lumes do ceu. A aguardente transmudava o cochichlar lugubre do concilio n'uma gritaria de posséssos. O botequim era, n'esses momentos, tão agitado, tão tumultuoso como uma reunião do club dos Jacobinos em noites de peroração de Couthon ou de Robespierre. Gonzaga esquecia a sua qualidade de proprietário ; abancava e rugia—sempre nédio e roliço. Gibatambo, o moço, entornava, então, os licores pelas guélas insaciaveis, sein fundo como o tonnel das Danaides. A confusão crescia, por entre o fumo as ameaças vinham morrer na chamma amarellada dos candieiros, junto dos trucidados exangues de Fernão Cortéz. Havia urros, havia silvos. Era a orgia politica em toda a sua amplitude. No canto dos parceiros do dominó a embriaguez da palavra alastrava, as pedras placidas voavam com trajectorias de projectil. Era o paroxysmo, una tempestade de vozes desencadeadas :— *Basta ! — A elles, pois ! — Vamos ! — Gloria ! — A Patria d'Albuquerque ! — Arranco-lhe a vida ! — Constituição ! — Quero beber-lhe o sangue ! — Patria livre !*— E, n'uma acal-

mia, entre duas rajadas, o botequineiro Gonzaga, com a appereencia desconcertada de Silêno, com a alma forte de Camillo Desmoulins, berrava, exasperado :

— Eis os funestos resultados da oppressão ! — Mas, filhos, eu tenho de fechar a porta !

A grita continuava no passeio. Gonzaga levava a freguezia até á valeta. Depois entrava, de novo, solitario, no seu campo de Pharsalia, cogitando na marcha que a revolução havia feito pela palavra quente dos seus consumidores. No enlèvo arrebatado do seu ideal politico, Gouzaga desejava ser guerreiro, ter a espada de Marceau, porque sentia em si a pura integridade de Pichegru. E só voltava á realidade das coisas com o riso diabolico de Gibatanho, Gibatanho Lucifer, Mephistopheles, que levantava os braços ao ceu e, sobre os destrócos da peleja, gritava com voz de stentor :

— Ninguem pagou !

---



# OS JORNAES DE LISBOA



## OS JORNAES DE LISBOA

Desde o *Espectator*, d'Addison, os jornaes mudaram muito. O nobre e conciso papel foi, nos tempos do rei Guilherme, uma especie d'almanack muito breve, muito sóbrio, tendo sempre uma conversa espirituosa e um conceito judicioso. Depois, em França, em todo o seculo XVIII, atravez d'escandalos e de intrigas, os jornaes foram lentamente preparando os réptos inflamados do *Père Duchêne* e do *Ami du Peuple*. Em seguida á Revolução, não houve censura que os segurasse. E entre nós, multiplicando-se com teimosia e sem cansaço, espalharam-se, profusamente, por um paiz — que não sabia lér. Em todos os cantos, grupos de individuos com o papel e tinta, tres caixotins e uma imprensa, preparavam-se para *deseascar meia duzia de marioas*. Era o que, então, se chamava fundar um jornal.

A preocupação da maior parte d'estes jornaes era a política. A maioria das facções que se entrechocavam tinham o seu representante na imprensa, ás vezes mesmo mais do que um. Toda esta gente, n'uma sala de redacção,

perdia logo a sua pacifica indifferença, progredia d'excesso em excesso, accumulava o insulto sobre a injuria, n'uma escala tão colossal, tão formidavel, que a propria exageração obstava a que se produzisse o effeito desejado. Os jornaes conselheiraes, como os jornaes bohemios, n'um dado momento, arremessavam o seu farrapo ou a sua luva — e vociferavam sem pudor e sem grammática. Posto que, por volta de 1840, houvesse em todo o paiz perto de trinta e seis, proporcionalmente quatro vezes mais do que em Espanha, tinham, todos, os seus leitores convictos, irreconciliaveis, que provocavau questões ao milheiro, com antagonistas, nas mesas dos cafés e nas plateias dos theatros, rasgando os papeis adversos n'um delirio de intolerancia e de má educação. Era nas bancas de trabalho que se preparavau ministerios e se exaltavam competencias duvidosas. A *clique*, que os franceses conheceram, muito depois, em toda a sua amplitude, com as cabálas desordenadas de Gambetta e do duque de Broglie, installou-se em Portugal, muito cedo, em volta de um tinteiro, e n'uma noite se constituiam estadistas incomparaveis ou se afogava n'um mar de lama qualquer incapacidade transviada. Comprava-se um homem publicamente: — *Manuel Maria de Freitas Semedo requereu para ser nomeado recebedor de concelho em Barcellos. É preciso, porém, que Freitas Semedo combata pelo nosso triunpho e nos faça ganhar as eleições em Villar-do-rei. (O Expositor, passim!). Incita-se ao crime: — ...esse miseravel (um nome obscuro), que bem merecia uma bala na tégla, prefere, ás círes da Tereira, o azul e o encarnado da antigua ordem de coisas... (O*

*Chega-a-Todos, semanario, passim!*. Aponta-se á vindicta popular: — *Por traição e deslealdade aos seus amigos politicos, por affronta ao collegio eleitoral da Extremadura, por coadjuvação e serviços ao mais damnoso de todos os governos, é exposto ao desprezo publico João Antonio Rodrigues de Miranda, juiz de direito de Thomar.* (A Revolução de Setembro, *passim*). A imprensa politica era isto.

Ao lado dos polémistas que queriam enviusar a nação, existiam, com a mesma abundancia, os criticos que pretendiam regrar a arte, os propagandistas que desejavam divulgar, os mais simples, que commentavam a vida e riem d'ella. Nunca, como então, os jornaes que se ocupavam de coisas de theatro, pulularam. Eram quasi todos de vida curta mas dura, renascendo, como a Phoenix, das proprias cinzas, com uma tiragem inverosimil e uma duração ephemera; o *Desenjoativo theatral*, recreativo e moral, como elle proprio se intitula, *O Entreacto, a Sentinella do Paleto*, impresso em quatro paginas, cada numero de cõr diferente, (o primeiro, excessivamente verrinoso, era em papel cõr de rosa, suave) tiveram uma áura mais dilatada porque exploravam o escandalo com apêgo e os dois ultimos porque foram os orgãos oficiaes dos *Boccabadattistas* e dos *Barilistas*, que, então, se degladiavam em S. Carlos. Havia os que se contorciam em esgáres, para provocar a attenção do publico, o *Xocálho*, satyrico, cynico, epicurista, o *Anómalo*, litterario e somnífero, o *Asniberodezus-nador*, sobre tachygraphia, raro, inverosimil e estupendo. Por todos os cantos, a sacudir o torpôr molle dos lisboetas.

tas, que imaginavam o mundo á semelhança do Passeio Publico, surgiram os de viagens, contando a péscia da baleia, a caça ao leão, o engenho dos castores e a laboriosa pachôrra dos groûs, emparvoecendo as quarentonas da travessa dos Remoláres, sugerindo pavores ineditos á mincalha que ouvia, ao serño, a leitura d'aquellas maravilhas, o *Recreio*, o *Muséu Pittoresco*, a *Biblioteca Familiar e Recreativa*, o *Jornal de Viagens* e tantos outros... A temperar o terror d'estas excursões longinhas e desconfortaveis, rindo e mostrando os dentes agudos, appareceram os similares do velho *Punch*, do *Tu voilà, tui?* cultivando a pilhória, abrindo muito a bocca e dando formidaveis dentadas, o *Suplemento burlesco do Patriota*, de Martins da Silva, um elegante com a maria do *brie-à-brûlé*, ajudado por um caricaturista triste, doentio, tuberculoso, a quem chamavam o *Piata-mônios*, o *Ramalhete*, do jornalista Franciseo Xavier Pereira da Silva, o *Xavier dos Touros*, e sobrelevando todos, o *Periodico dos Pobres*, do Porto, que era sempre recebido, em Lisboa, com alvorôço, porque lá escrevia aquella excellente creatura, immensamente popular, que se chamou o jornalista José de Sousa Bandeira, muito mais conhecido pelo sobriquet pittoresco de *Bráz-Tizana*. O publico simples que se deleitava n'estas leituras, guardava, todavia, o melhor da sua attenção para a mais seria e mais conspicua das revistas do seu tempo, o *Panorama*, onde escreviam as melhores inteligencias do tempo e onde apareceram, pela primeira vez, muitas das formidaveis recomposições historicas que são, na sua maior parte, os romances e novéllas de Ale-

xandre Herculano; este *Panorama*, feito com gravidade serena e cultura magnifica, ficou constituindo um excelente repositorio de informações e de dados sobre coisas da nossa terra portugueza. Como, porém, os factos elegantes da vida precisavam, igualmente, o seu anotador confortavel e que dësse a nota d'arte e o diapasão do que fosse de bom gosto exprimir e sentir, funda-se a revista que apparece negligentemente aberta sobre as mesas dobradas de todos os salões de Lisboa e que era, realmente, a voz de que se servia a aristocracia para comunicar e sensibilizar, *L'Abeille*, um periodico faniosamente pedante, que publicou o seu primeiro numero em francez, de principio semanal, depois quinzenal para obedecer a uma determinada lei de imprensa, vivendo do favor e do ampáro de um grupo reduzido de marechálas. E para que a móda não fosse esquecida e sempre se debatessem os graves problemas do toucado e do vestido onde quer que houvesse meia duzia de mulheres, apareceram tambem, com profusão, os jornaes especiaes que revelaram áquelle *perpetuus infans* os mysterios do penteado á Sévigné, a flexibilidade da *Royale-Brésiliennne*, a graça das cambraias amarfanhadas em prégas sabias, calindo mollemente, entre rendas e flôres, velando com galanteria a argilla ideal de Baudelaire... .

A época, abundante em jornaes, foi, comtudo, avára de jornalistas. Um ou outro espírito vigoroso remexia, com tenacidade, no caldeirão da politica e de lá tirava, de quando em quando, uma catilinaria assustadora, inverosimil e desarticulada; ao tempo traduzia-se Carrél e Sal-

vandy, (porque Rochefort ainda não surgira) com muito pouca habilidade e incomparavelmente menos talento. Os jornalistas brilhavam na oposição, que era o clamor mais fácil e que melhor podia desenvolver a rajada campanuda, patriotáça e irritante — de que tanto se abusou: uma vez no governo, emmudeciam lamentavelmente. O trabalhador culto, methodico, cheio de espirito e de vivacidade, abatendo os seus linguados com galhardia, pensando constantemente no publico, contorcendo a pobre cabeça para atrahir e fixar a vagabunda attenção dos leitores, -- era raro. Só o jornalista Lopes de Mendonça teve essa maravilhosa organisação d'artista; a *Revolução de Setembro* ficou esmaltada do seu talento e é, hoje, mais conhecida pela scintillação dos seus folhetins das segundas-feiras, do que pela babugem fétida com que enlambusou as melhores e mais nobres energias do seu tempo. O jornal era a transição: nunca o modo de vida. Era-se jornalista como se era cavador. *Vamos a isto!* Em ambos havia o mesmo gesto de arregaçar as mangas, agarrar, com decisão, na enxada ou na pénna. A excellente, a mais pura facultade do homem — o pensamento — apenas servia para desancar, arrazar, deitar abaixo, varrer desapiedadamente, deixando aridez e nada, porque, sendo imperiosa a necessidade de reconstrucção — ninguem sabia reconstruir. Quanto odio desenvolveram e accordaram os jornaes de ha oitenta annos! A imprensa usava mal as suas novas liberdades, esquecera o sangue que ellas tinham custado. Por isso entileirou logo entre as mentiras convencionaes, foi a grande Mentira, apenas saboreada pelos que se deleitavam

com ella. A sua grande lépra foi a sua propria levian-dade. O animo leve e irreflectido com que tratou tudo e todos, matou-a nos espiritos ponderados. — Foi uma arma; nunca um meio.

Certo grupo de birbantes preparava e planeava uma immensa maroteira; discutia-se a fórmula de a fazer vingar, punham-se, successivamente, de lado os alvitres apresentados até que um, mais arguto, lembrou, com a approvação estrepitosa dos outros:

— Se nós fundassemos um jornal?...

---



A SEVERA



## A SEVÉRA

Na hora em que a noite desce, o Bairro-Alto povoava-se. Em cada porta assomava um vulto de saia de chita, meias azues, chinéllas de polimento e vasto lenço de raiagens, na cabeça, trocando ápartes nas viellas lôbrègas, descompondo com alacridade qs transviados distraídos. Entre as cousas habituaes, aquella permaneceu imutavel ; a baixa cortezã da nossa época não differe da sua congenera de ha oitenta annos nem na forma d'acolhimento, nem no seu modo de ser, — nem mesmo no trajo vulgar. Sómente o seu convivio era mais procurado na Lisboa adormecida da rainha D. Maria II por motivos que o progresso e os caminhos de ferro removeram, depois, para um gráu mais elevado de Venus mercenarias. Hoje o prostibulo popular tem uma clientélla propria e caracteristica ; não era assim n'outros tempos. A *jeunesse dorée* do romantismo não desdenhava, procurava mesmo, entre o tumulto dos bolieiros de S. Paulo e dos faias d'Alfama (com quem adregava ás vezes) a patuscada nocturna, quer nas tabernas dos altos da Graça, quer nas hortas suburbanas de que a cidade foi sempre povoada. Foi essa juventude

que, por reflexo, deu brilho e notoriedade a criaturas que se não distinguiam pela originalidade dos seus prazeres e ainda menos pelo excesso dos seus escândalos. A própria Sevéra seria hoje menos conhecida se esse estoira-vergas delirante que se chamou o conde de Vimioso, para a elevar, não tivesse descido até ella e, sobretudo, se não tivesse sido ressuscitada com excellente mestria no romance populíssimo de um dos nossos escriptores contemporaneos, que a fez reviver, na alma popular, com a mesma intensidade com que Cinq-Mars, quasi um seculo antes, renasceu da pêna inconfundível de Alfréd de Vigny.

A Sevéra, com efeito, distinguiu-se immenso pela paixão que o Vimioso teve por ella. Nem sequer era bella. Tinha feito parte d'uma horda de ciganos que bivacaram durante muito tempo na Carreira dos Cavalos, esfarelando negócios vágos. Havia n'ella alguma coisa de nómada insubmissa, de bohemia fatalista, lembrando, de leve, a Carmen, de Mérimee, a Borgunda, de Saint-Réal. Era d'altura regular, magra, nervosa, excessivamente moréna, d'olhos negros, rasgados e petulantes, ademanes altivos, possuindo o mais completo, o mais formidavel dos vocabularios regateiraes, insolentissima e desbragada. Na ira os olhos incendiavam-se-lhe, tinha um modo de pôr as mãos na cinta que esfriava os mais ousados — e nunca nenhum carrejão, tocado pelo vinho, apontou para ella a lâmina aguda d'uma navalha, que não fosse surrado, desarmado e vilipendiado, quasi louco pela gritaria que acompanhava sempre o mínimo dos seus gestos. Batia o fado com a verdadeira e mais flagrante expressão da alma popular, dengosa e ar-

rojada, mortiça ou provocante, de gesto lascivo, d'olhos limpídos, correndo todos os cambiantes da voluptuosidade, forçando o mais indiferente a escutal-a e a aplaudil-a. Mas estes talentos eram, todavia, communs na sua classe. Tinha um fundo naturalmente ironico e trocista, erivava de chistes tudo e todos, não poupando até as proprias collegas que não tinham, para a sua loquacidade, uma só palavra de desforra, colhidas no assombro d'aquelle fluxo interminavel e devorador. Para ella não houve nunca nem passado nem futuro; nenhuma incerteza, nemlium receio. O presente absorvia-a. Pertencia bem áquella classe de criaturas qne terminam, bruscamente, a existencia n'uma scena de sangue ou n'um catre d'hospital. Era uma cigarra.

A paixão doentia e inconfessavel do Vimioso não a transformou. Procurava-o, decerto, mordida deante d'elle por uma secreta fraqueza, dominada a ponto de o acompanhar por toda a parte, cantando a seu lado as mais tristes canções da saudade portuguesa. Mas o amor não lhe refez uma virgindade. O que havia de degenerado e de pouco são no feitiço do conde gangrenou-a ainda mais. A vida de ambos, quasi commun em certa época, era uma continua rajada de discussões, e de prazeres grosseiros, madrugadas barulhentas no *Colete encarnado*, batidas destrambelhadas pelos arrabaides, arrebentando pilécas, itinerarios vagabundos pelo Bairro-Alto, com repiques de violas e de guitarras, provando o vinho em todas as adegas, ocupação muito a gosto dos dois — e a que os frequentadores chainavam *depemar a perua*. Nas espéras de toiros, o Vimioso e a Sevéra eram infallíveis. Era o

tempo do fidalgo toureiro; aquelle prazer nitidamente portuguez quadrava bem no acampar perpetuo que foi a vida dos dois, acordava-lhes adormecidos sentimentos, atavismos confusos, no ar fresco da manhã, quando a longa fila dos animaes levantava, pela estrada, uma nuvem de poeira manchada aqui e ali pelos jalecos vermelhos dos campinos. Então a Sevéra resplendia, batia as mãos n'um entusiasmo crescente, fallava, cantava, dispendia-se n'uma exhuberancia de vida, papagueando inverosimeis discursos, esmaltados pelas expressões mais pittorescas — e mais energicas. O Vimioso não arredava pé, grullava tambem e no regresso, por muitos dias ainda, o fugitivo espectaculo da madrugada fazia a base de interminaveis conversas, na propria casa da Sevéra, ao Campo de Sant' Anna, onde o conde se instalara quasi por completo e a tal ponto que era frequente irem-n'lo ali procurar por motivo de negocios.

Mas a Sevéra, com a descuidosa indifferença das criaturas do seu officio, enfastiava-se, por vezes, terrivelmente, do Vimioso. Fugia-lhe então, com requinte, com precauções maduramente tomadas e sempre pueris, gargalhando já com a ideia da partida que ia pregar. Sumia-se em antros infectos da Mouraria, nas casas das amigas, nas tabernas de Alfama ou nas estalagens immundas do Outeirinho da Amendoeira. O conde procurava-a sem descânço, inquieto, afficto, vendo constantemente suicidios nas decisões onde havia apenas o irreprimivel instincto d'um sangue nómada e irrequieto. E como ella não podia passar desapercebida em qualquer parte onde chegasse, gralhando

e descompondo onde quer que encontrasse dois mariolões, de viola, sentados deante d'um copo de vinho,—havia sempre amigos que elucidavam o Vimioso em pesquisa e lhe indicavam uma ou outra taberna da rua da Rosa, onde a foragida comia pastelinhos de bacalhau, gorgeando canções de Montedôr, batendo o fandango alemtejano com grande convicção, já de todo esquecida da sua fuga e da sua partida. Elle ia, então, buscal-a, fechava-a cuidadosamente á chave, para que ella lhe fugisse de novo, em evasões cheias de detalhes picaros; d'uma vez sahiu pela janella, com o auxilio de um lençol, atirando-se para cima das trouxas d'uma carroça de lavadeiras, que passava na ocasião: e n'uma outra, depois de movimentada contenda, refugiou-se n'uma taberna do largo dos Inglezinhos, d'onde amotinou o Bairro-Alto, simulando ataques de nervos e crises d'epilepsia.

A Lisboa hypocritamente pudica tinha, porém, uma secreta sympathia por esta abjecção do conde de Vimioso. Estava nos costumes do tempo. Ou se amava ein S. Carlos ou no bordél; de preferencia no bordél. Estes amores pela corteza baixa representavam apenas una das muitas facetas da mocidade estouvada e elegante; eram coisas tão simples, tão banaes e tão geralmente aceitas como uma espera de toiros ou uma pateada em S. Carlos. Se o Vimioso e a Sevéra fizeram época no seu tempo, não foi por serem casos unicos, mas, simplesmente, porque elle era o typo d'essa raça de fidalgos lavradões e cavalleiros, de que já vão desapparecendo os ultimos réstos, e ella porque resumia em si propria a rameira popular, com todos os vicios

e todas as originalidades, um extracto concentrado de toda a inquieta agitação das viélas da cidade. Eram dois typos-modélos que um grupo de *dandys* copiava com furor e um nucleo de meretrizes invejava secretamente. Sómente, havia n'essas duas criaturas a immarcessivel belleza das cousas verdadeiras; aquellas duas almas que não podiam nunca ter-se comprehendido, eram, todavia, semilhantes, n'ellas se condensou todo o espirito portuguez, aventureiro, leviano, imprevidente e sentimental. A litteratura tem-nos dado uma resenha de todos os amores: deu-nos o amor transcendent, com Romeu e Julietta, deu-nos o amor casto com Paulo e Virginia, mostrou-nos o amor mystico no amor de Santo Antonino pela Virgem, offereceu-nos, mesmo, nas paginas immortaes de *La Térre*, o amor natural, fecundante e creador que une um ao outro, no mesmo scio brutal, um macho e uma femea. No dia em que nos quizer dar o amor animal alumiado pela luz do entendimento, confuso mixto de razão e de instincto, obscura tentativa do espirito sempre dominada pela rudeza grosseira da materia, dar-nos-ha, n'um grande quadro de vicio, esse mysterioso e insatisfeito anceio dos homens e porá de pé, vividas e palpaveis, as figuras do Vimioso e da Sevéra. Dentro d'elles não houve, talvez, abjecção, — porque havia formosura. Outro tanto não sucedeu aos que imitaram; dos émulos do Vimioso nem quasi nos lembramos hoje e das collegas da Sevéra, apenas dispontain, aqui e ali, referencias vagas á *Scarnichia* e á *Joaquina dos cordões*, porque ella as abominava cordealmente e lhes fazia versos; apenas tiveram reflexos. Por isso, quando a

Sevéra desapareceu houve, um rumor de sympathica pena ; desaparecia, com efeito, alma de todo um mundo. E o lance soube-se depois d'uma ausencia do Vimioso que surgiu um dia, d'olhos marejados, devorado d'immensa máqua, com tanto impudor que nem já era impudor, a contar a derradeira partida. A Sevéra, com vinte e seis annos, em todo o vigor da sua mocidade, tivéra um apetite, um apetite fatal. E elle, Vimioso, fôra culpado ; ace-dêra e colaborára ; tinham-se sentado ambos deante d'uma immensa travessa de borrachos assados, haviam bebidc innumereveis quartilhos de vinho. Depois, existia uma lacuna nas recordações do Vimioso. E só se lembrava de que, subitamente, encontrára a Sevéra desfalecida e sem acordo e que ao vél-a melhor reparára que se achava morta — morta por uma congestão.

---



# O PASSEIO PUBLICO



## O PASSEIO PUBLICO

O Passeio Publico teve tres periodos brilhantes. O marquez de Pombal mandou-o fazer, logo depois do terramoto, n'um sitio lugubre, frequentado por ladrões, na Horta da Céra, ao tornejar o Palacio Cadaval. Foi obra do architecto Reynaldo Manuel, em 1764. Tinha o aspecto d'uma quinta fradesca e fidalga, rodeado de muros altos e espessos, onde, de quando em quando, se abria uma janella gradeada, com poyaes de pedra, interiores. Servia-lhe de entrada uma cancella verde, musgosa e sempre pôdre, para além da qual ramalhavam, com gravidade, os enormes freixos e os carvalhos frondosos que Ratton transplantára da Barroca d'Alva, proximo de Alcochête, onde instalára uma fabrica. Tinha banquetas de buxo tosquiado, um velho relogio de sol, meio gasto pelo tempo, junto da praça do Verde, bancos de pedra nas curvas das áleas, todo o aspecto do jardim portuguez do seculo XVIII, muito policiado, muito aristocrata, inacessivel aos homens de capote e aos maltrapilhos inapresentaveis, que uma lei rigorosa não deixava lá entrar. Era o jardim do tempo do Señhor Intendente Pina Manique — e foi este o seu primeiro

periodo. Mais tarde, no anno em que foram extintas as ordens religiosas e abolidos os frades, tratou-se de o modificar. (1834) Deitaram-se os muros abaixo e substituiram-nos por um gradeamento de ferro, interrompido, de quando em quando, por grossas pilastres de pedra, mais civilisadas e menos pittorescas; o jardim perdeu o seu recolhimento delicioso. A cancella verde foi, tambem, arrancada, transformada em dois portões de ferro e todo o largo que, antecedentemente, estava desaproveitado, ficou fazendo parte d'elle, tornando-o mais comprido. Uma vereação delirante construiu, na entrada, um grande tanque que, de combinação com Malachias, um architecto selvagem, ornamentou com varios tritões e sereias de pedra, trazidas do antigo jardim do Paço dos Estaós. Como deitou abaixo, raivosamente, os velhos freixos de Ratton, sem ouvir, sequer, os protestos de Herculano, no *Panorama*, teve de plantar uma fileira d'arvores miudinhas, abriu, com o espaço adquirido uma larga rua central, poz-lhe, no topo, outro tanque, com mais sereias, mais nayades de cantaria — e uma complicação d'escadas que davam acesso á praça da Alegria de Baixo. Depois d'isto a camara, arquejante, descançou. Foi o segundo periodo do jardim, o periodo romantico. Só mais tarde, depois da Regeneração, com o neo-romantismo e o gáz, teve, finalmente, o Passeio Publico a sua terceira e ultima época d'explendor.

O Passeio Publico não brilhou, talvez, na sua segunda transformação como, mais tarde, na terceira, mas no periodo romantico a sua existencia foi soberbamente lamarquiniana. Quando Lisboa sahia da sua vida rotineira e avas-

salada, precipitava-se no Passeio. Ali matava a sua saudade de verde, o seu vago anseio para as coisas espirituais d'este valle de lagrimas. Já então, aos domingos, a familia lisboeta, compacta e interminavel, apparelhava o seu maximo luxo, tirava das arcas o *tasselás* e o chapéu de pêlo de seda, para ir arejar, espairecer debaixo de um rènque d'árvores rachíticas, entre duas praças immundas. A cidade não tinha, em torno de si, uma floresta, como Berlim, não era, como Londres, uma aglomeração de fachadas esmaltada de parques, manchando com nódoas de verdura as cantarias cinzentas e tristes. As bellas quintas eram vedadas, o jardim publico uma neccessidade que todos sentiam e que nenhuma vereação realizava. Movidos pelo mesmo desejo e pelo mesmo instincto, os lisboetas procuravam *sub tegmine sagi*, a parte deleitosa da sua vida obscura e assoberbada. Mais pelo impulso do que pela móda, a sociabilidade desenvolveu-se, prosperou. Sob as frondes acanhadas esbóçam-se relações, congregam-se famílias. O vendedor ambulante, tolerado no Passeio, vendia já, em 40, o *barquilléro* das cidades da Galliza, o *pain-d'-épice* das feiras de Courbevoie ou de Puteaux; nas tardes quentes de domingo o *capilé*, esse xarope tão acutuadamente lisboeta, fazia devastações sem fim: Lisboa consumiu enormes porções de *capile*. O publico mesclou-se. Para seguir as carinhas miudas que desciam dos casarões da Baixa, de grandes olheiras negras e de vastas saias côn de rosa, despovoavam-se os esquinhas do Rocio e da Betesga. E havia sempre, pelos cantos mais copádos, um elegante a namorar de *estafermo*, á antiga maneira

portugueza, perseguindo, com ar dengoso, qualquer beladade assustada que escondia o fulgor dos olhos pretos debaixo das sêdas d'uma capota á Marie Cappelle. Nas tardes d'elegancia o velho Passeio tinha apparencias de salão onde tambem houvesse arvores e as *toilettes* tomavam a forma de complicados e graves vestidos de baile. O sol, indiscreto, espreitava, d'entre os carvalhos, caprichava nos *pince-néz* reluzentes, nos léques de metal ou de prata esmaltada, marchetados de xarão, de madrepérola, de marsim arrendado ou palhetado d'oiro, brincava nas ventarólas de pénas brancas, nos ramos de camelias, de raynunculos, de rosas de musgo ou de rosas do Japão, reflectindo-se, indeciso, nas gargantilhas de perolas falsas, nos cordões á duqueza d'Uzés e nos altos pentes de tartaruga loira. Nas áleas ensaibradas, onde até as folhas cahiam com elegancia e galanteria, perpassavam, com a leveza de *sylphos* da Escandinavia cabriolando n'un raio de luar, as formosissimas Elviras que ennegreciam de doido ciume o coração dos Antony's. As bottinas de polimento quasi não pousavam na terra, arrastando em passos ondulosos as mulheres vestidas com o *grós-de-Naples* còr de castanha, então muito em moda, resguardadas pelas capas de flanella estampada, còr d'opala ou còr de cinza, forradas a seda verde para que a mão, enluvada n'un tom de pão torrado, com sabia applicação produzisse, na linha, cambiantes bem definidos, cortantes e nitidos. Para as verduras do Passeio se fizeram os penteados á Fatima, os penteados á *polka*, á Isabel, á ingleza, sustentando os vastos chapéus de plumas que Gainsborough tanto afiei-

çoava nas suas damas escocezas e que a moda d'hoje ressuscitou com o nome de chapeus á mosqueteira. Na doce Lisboa, sob as claridades tépidas que desciam dos plátanos rumorejantes, cahindo, moribundas, sobre as banquetas de buxo, entre a praça da Alegria de Baixo e o largo do Camões, accenderam-se paixões tumultuosas que terminavam, ás vezes, na floresta de Cintra, junto de um salgueiro triste, debruçado sobre uma poça de sangue. Houve Werther's sinceros, houve Carlotas garrulas, mancudos d'olhos marejados, que acabavam de se pentear no Andrillat, no Jacques Plane, no Julien, caminhando pausadamente, sem que fizessem uma préga ás calças de casimira preta, *meia-cossaca* ou de lemiste, justas do joelho para baixo e formando meia pála sobre o sapato de verniz. E os apaixonados moviam, com lentidão, a cabeça, presa na alta gravata ou no lenço de setim, agitando os *cubochons* d'agata e de cornalina vermelha, seguindo, com interesse palpitante, o fallar complicado dos lenços arrendados que adejavam, febrilmente, nas mãos femininas — e que se chamavam *das quatro partes do dia*. Quando o sol descia para lá dos telhados do marquez da Fóz, as flanelhas aconchegavam-se mais e nas sobrecasacas d'inverno, em verde-bronze, verde-florentino, verde escuro ou preto *invisivel*, tomavam uma apparencia mais confortavel e mais appetecida, as guarnições de pelles, escuras, pesadas e luxuosas, de onde surgiam amplas cabelleiras á *san-simoniense* e as barbichas petulantes e grotescas que já o Mercurio, de 38, chamava *barbichas de bôde e peras imitando os pinceis de pápo de pern velho*. A meiguice da atmos-

phera preguiçosa poetisava a multidão que, para o fim do dia, na hora intima do crepúsculo, pousava os olhares cansados nas cópas altas, que a tarde escurecia, com mais abandono e mais recolhimento; as valsas banaes da banda militar tomavam rithmos perturbadores, ennobreciam, viajando pelo ar, áquellea hora indefinivel em que as coisas vivas se dobram sobre si proprias ao sentir a passagem da alma adormecida d'uma natureza sem tarde e sem manhã. Era a hora dos vagos desejos, dos sonhos que não tem nome, quando o Planeta espreita, como um grande olho curioso, e o azul dos ceus todo desmaia n'um assombro e n'uma préce. O mancebo que namora *d'estafermo* tem, agora, toda a melancolia do dia que foge e desaparece tambem, suspirando um *Lebewohl* de Beethoven, seguindo a sua Carlota garrula. O jardim despovoa-se. Nas ruas que torcicolam, já cheias de escuridade e de solidão, o homem dos bolos compõe a sua trouxa e faz tenir o seu cobre. Ao longo do Passeio as janellas illuminam-se frouxamente é que em roda d'um grande candieiro d'azeite os pratos de sopa rescedem e exhalam o seu perfume em sumositos leves. Os portões fecham. E elle, agora, está solitario e vasio; ramalha lentamente, baloiçando-se em cadencia. A sua voz é grave; a sua alma é doce; é a alma dos que aliamaram. Velho passeio da nossa velha Lisboa! Fluetua ainda, no sitio onde elle existiu, qualquer coisa mysteriosa e intangivel que paira nas tardes luminosas, muito baixo, ainda agarrada á terra, contemplando, na sua forma invisivel, a fresca e transitoria forma com que brilhou e cinciou. Que diz ella, a velha alma? Olha sombriamente as

coisas que não voltam mais e lamenta, talvez, não ter mãos para as poder juntar n'um grande gesto desesperado e mudo que fosse, ao mesmo tempo, uma lagrima, uma saudade e um sorriso para todas essas figuras esfumadas de um velho mundo — morto.



A MODA



## A MODA

A moda veio sempre de Paris — e nunca foi traduzida. Foi, como o é ainda hoje, um circulo vicioso. A grande e mais rapida modificaçao que teve, deu-lh'a a Revolução Franceza. Para os homens, os *sans-culottes* iniciaram a primeira calça; para as mulheres, as *merveilleuses* do *Palais-Royal* e do *Tivoli* crearam os primeiros rudimentos do aspecto geral da *toilette*, durante quasi todo o seculo XIX. O golpe foi tão profundo, apesar do meio termo ensaiado pelo Directorio e pelo Imperio, que nem a propria Restauração conseguiu fazer surgir o *jabot* arrendado do senhor de Buffon ou as anquinhas arrufadas de *madame* de Nangy. O que, sobretudo, caracterisou a moda feminina de 1840 foi a saia larga, cheia de fólhos, a manga comprida ou até ao cotovelo, mas sempre muito justa, os chapeus côn de lilaz e os tecidos côn de borra de vinho, cortados por estólas escocézas, mosqueadas como as faxas dos *highlanders*. O chapeu de palha, que fôra excluido quasi por completo desde a queda dos Bourbons, reapareceu mais pequeno, mais íntimo, lembrando ainda o chapeu

afunilado de Luiz XVIII, mas aberto sobre a testa, apertado nas fontes, seguro por uma fita que passava, vulgarmente, por debaixo do queixo, simulando uma ressureição do antigo toucado á Fontanges, que fez as delicias das elegantes de Luiz XIV. Era o que então se chamava em França, como entre nós, um *bibi*. Estes *bibis*, lançados pela Dejazet, apoiados na pena entusiasta de *madame* de Girardin, grassaram com descabelado furor, evoluíram, lentamente, para o chapéu *Paméla* e para o *demi-Paméla*, muito simples, onde se espetava, por via de regra, uma pluma de avestruz, côn de ócea, cahindo com graça sobre o ombro direito. Depois a phantasia desvairou — como hoje. Uma das filhas de Farrôbo introduziu em Lisboa o chapéu á *Buridan*, manifestamente adoptado em Paris depois do sucesso de Dumas, com a *Tour de Nésle*, uma formidavel machina esguia e ponteaguda, peculiar aos astrologos do tempo de Margarida de Borgonha, muito incommoda e muito ridicula, dupla evocação das mulheres livres de Nînive e das castelãs feudaes do seculo XII. Sobre estes aspectos fundamentaes se bordou sempre a moda, nas mulheres, durante o Romantismo. As caricaturas de Gavarni e os artigos de Nestor Roqueplan, desenham-n'a em quatro traços.

Os homens diluiam a politica no vestuário. Os setembristas, á semelhança dos democratas franceses, usaram o chapéu encarnado, os coletes á *Camille Desmoulins*, com rebuços enormes, de côn cinzenta, que, por motivo inexplicavel, era considerada uma côn sedicosa. As calças á *lord Grey* abriram horizontes novos, em quadrados bico-

lores que cada qual coloria segundo o seu *crédo* politico, como os Caledonios das Terras Altas, para honrar e distinguir o seu *clan*. A elegancia requintada usava, de preferencia, nos salões doirados, a casaca negra e na rua, no torvelinhar da poeira, galgando charcos de lama, vestia-se, garridamente, de branco. Um alfayate polaco, n'um esforço tremendo que meia Europa encorajou, inventou o fraque de duas côres. De um lado era preto, do outro azul: bastava voltal-o. E para contrastar com a linha rigida e coleante que era, até então, o *facies* geral do fato do homem, usaram-se, com profusão, os *bournous* arabes, de prégas innumeraveis, os capotes vastissimos, á *lord* Byron, em estamenha da Argelia, forrados de seda, bordados a oiro por dentro, grosseiros por fóra, n'um luxo que se tornava insolente pelo seu proprio recato. Foi o periodo heroico dos bigodes e das barbas terriveis, das grenhas cerradas e densas, esculpidas em rostos de mascula virilidade sobre troncos largos, desenvolvidos ainda pelos chumaços nas omo-platas, pendulando com a mais elegante isochnoria em cinturinhas de vespas, que os *godets* favoreciam, forcejadas pelos cós excessivamente apertados, formando espartilho com tiras grossas de tarlatana mantida por barbas de baileia. A arte de alfayate era, então, uma confusa e complicada arte. Chauvanny pontificava no *boulevard* dos Italianos, sexagenario e soberbo, n'um luxuoso *atelier* onde todos os grandes alfayates da Europa iam sorver conselhos e implorar lições. Os minimos detalhes da moda de França foram conhecidos e apreciados na placida Lisboa que via, tristemente, irem-se, em farrapos, os ultimos ves-

tigios da sua elegancia vintista. Os *deroristas* tinham trazido do exilio o bom-gosto parisiense, inconfundivel e harmonioso, que preconisavam Alphonse Karr, Alfred de Musset e Dephina Gay. Em summa, os homens tendiam a feminisar-se enquanto as mulheres procuravam, involuntariamente, attingir o necessario, pondo de lado o superfluo, sem, todavia, enveredar na moda do Directorio — que as puzéra nuas e deselegantes.

A copia sem adaptações traz, quasi sempre, o exagero. De facto, o bom-gosto estrebuxava por vezes. Começaram a aparecer os phenomenos que Durivat chamava, com tanta graça, aberrações da natureza femenina. Em 1840, a marquez de Niza, n'um dos saraus que deram os marquezes de Vianna, ostentou, pela primeira vez em Lisboa, as *roupinhas ou jalécos á grega*, em velludo violeta, fechados por presilhas de torçal e em que os letrados pretendiam vér o trajo diario da albaneza Haydée, filha do famoso Ali-Tebelen; era, fundamentalmente, o *boléro* que a moda de ha vinte annos espalhou com tanta intensidade. A saia de balão, cujo uso se generalisou um pouco mais tarde, na época do parto da imperatriz Eugenia, assomou timidamente, já enorme, não figurando ainda o balão inteiramente redondo, antes aparentando uma tulipa invertida, de curvas largas e móllas, que dava ás mulheres a conformação da nebulosa lyra d'Amphion — voltada ás avés-sas. Constantemente a moda foi um *revenez-y*, um *leit-motif* bordando variações sobre o mesmo fólio e sobre o mesmo chapeu de palha. Nos homens apareceu de novo o *bolívar*, ligeiramente modificado, com fóros de recente,

de inedito; e nas mulheres desenvolveu-se, com furia, a *charlotte*, em rendas, em sèda, até mesmo em papel, um toucado que a maioria imaginava da mais flagrante modernidade e que era apenas uma copia servil da cobertura das mulheres de Caën, usada por Carlota Corday, cincoenta annos antes, no dia em que apunhalou um demagògo dentro d'uma banheira. As modistas e os alfayates ressuscitam francamente as modas do passado, refugiam-se com delicia no gosto da Regencia do duque d'Orleans; as damas usam o sapato de *madame de Prie* e a gargantilha hirta da duqueza do Maine; até os grãos de belleza reaparecem, tres na face, em triangulo equilatero, um no seio esquerdo, discreto e provocante, meio velado nas *blondes* e nas flores do decote. A meia branca, a meia das heroínas de Murger, modelando em neve os tornezellos finos, como a usavam as *lionnes* e as *lorettes*, era a unica meia aceitável, contrastando mal com o sapato preto que, na rua, era, d'uma forma commun, o sapato á Carlos IX, ou com as bottinas de duraque que o luxo caprichoso e sensual transformou, vinte annos mais tarde, no calçado á Benoiton. E as primeiras meias pretas que surgiram nas áleas do Passeio causaram, em Lisboa, um intoleravel escandalo, eram quasi um attentado á moral, attentado que *Bráz-Tizana* verberava com infinita ironia, retirando ás extremidades inferiores das damas o nome correntemente usado de pernas par lhes chamar, com sarcasmo, *inverossimeis membros africanos...*

Entretanto, já como hoje, os tecidos tinham uma nomenclatura delirante, para atrahir, susestionar as bolsas

indefezas. Consumiam-se, prodigamente, a *Real-Brazileira*, uma seda macia e forte, parte assetinada, parte sem lustro, em que brilhavam, sobre fundo pardo, desenhos cōr de oiro, muito recommendavel para vestidos de baile, de mangas curtas e corpēte decotado, o *Camaleon-Câchemire*, elegante, admiravel, composto de varias cōres que produziam um ondeado brillante, o *Lampas-Regencia*, tecido abrillantado a oiro e prata, o *Chiné-Vesuviano*, o *Chiné-Altona*, o *foulard Zélia*, a *Melania-Ondeada*, o *Real-Balbeck*, o *Canevas-Lamēgo*, o *Grōs-Santarem*, a *Cymida*, muito commum, muito usada, mais particularmente preferida nos vestidos de passeio. A tolice humana, como hoje, como sempre, envolvia-se na rēde da especulação intelligente. Todavia, a moda do Rōmantismo manteve e conservou um caracteristico proprio, sobretudo no atavio masculino; teve a expansão desordenada da cōr, como os mestres de Veneza, e foi a ultima que não amortalhou os homens nos cheviotes de tons neutros que transformam as multidões de hoje n'uma larga mancha cinzenta e suja. Havia a preocupação da harmonia com as cousas subjacentes; cada individuo contribuia, por assim dizer, para uma obra de conjunto, ideia que já hoje não existe, hoje, em que cada qual se completa por si proprio e se imagina centro e fulero da vida que o rodeia. Os homens, destacados, eram, talvez, explendidamente ridiculos, mas a sua reunião tinha um encanto inexprimivel, originado, sem duvida, pela alegria que a profusão de cōres amalgamadas traz, sempre, a quem a contempla. E a moda, que é, afinal, um esforço continuo, tendo por fim

estylisar e corrigir o feio animal que tomou conta do mundo, conseguiu, com a elegancia romantica, alguma coisa, com effeito. Deu uma ligeira nobreza a essa raça de creaturas que, vistas d'alto e de longe, parecem larvas hediondas arrastando-se, viscosamente, por sobre a face da terra.

---



LISBOA NA RUA



## LISBOA NA RUA

Só por volta de 1855 é que um tal Gomes, empregado n'uma officina de carruagens, começou a fabricar *caléches*, *tilburys* e *coupés*. Até então, o meio de transporte, dentro e fóra da cidade, era constituído pela traquitana e pela vella, velhissima sége. Já, em 1812, tinha aparecido em Lisboa um *landau* do negociante inglez João Fletcher, que o mandára vir de Londres pela preciosa somma de quatrocentas libras; mas este *landau*, que durante longos annos estardeceu a cidade, não se viu reproduzido, nem mesmo imitado. Reinavam, antes da Regeneração, as séges do Coqueijo e do Barateiro, guiadas por bolieiros vestidos de niza asul, botas altas, amarellas, com monumentaes espóras e chapeu de pêllo de lebre, tendo a forma d'un sino de bocca para cima. Restavam tambem algumas das vellas traquitanas do *Assembleia* (dos fins do seculo XVIII) guinchando, gemendo lamentosamente, puchadas por cavalos quasi transparentes, guiadas pelos imitadores do *Facareño* que trabalhava com o *rato* e o *polaco*. O que vulgarmente se via nas ruas de Lisboa, como meio de trans-

porte, era ainda a sége immemorial dos portuguezes, que atravessou seculos, quasi sem soffrer deformações sensiveis, veneravel amostra d'antiguidade — e que era uma capoeira infecta, ligada aos eixos das rodas por cordas duvidosas e onde chovia com tanta abundancia como no meio da rua: esta caixa desconjunctada, balanceava violentamente entre duas rodas enormes e era, no dizer do principio de Lichnowski, uma especie de termo medio, muito desagradavel, entre o *droschke* berlinêz e o *fiaere* parisiense do tempo de Luiz-Philipe: puchavam-n'a dois machos, um entre varaes, outro á ilharga, servindo de montada ao bolieiro. Por detraz, um poiso exiguo, que obrigava a prodigos de verticalidade, constitnia a *tubula* dos laeaios, trepidando na carreira, oscilando com tanto delirio que obrigava os creados a ensaios preliminares de equilibrio instavel. Quando esta machina formidavel parava, o bolieiro desmontava para espécar os varaes, com um fueiro apropriado, que nunca abandonava a sége, para tornar o peso menos sensivel aos animaes.

Quando a cidade, aos domingos, acordava momentaneamente do seu torpôr, as séges circulavam, mais abundantes, pelas ruas da Baixa, conservando ainda o velho habito de dar umas voltas no Rocio, transformado em *cortejo* na ocasião. N'esse dia, os que não vehiculavam, desdenhando tambem as verduras do jardim, tinham os espetaculos habituaes a que não faltava nunca a multidão, — porque eram gratuitos. Sem se lembrar, já, das obras do Passeio, que durante mezes levaram ali uma incalculavel porção de curiosos, outros panoramas despertavam a curio-

sidade publica. O palacio da Regencia, que serviu de Camara dos Pares e depois d'Erario, tinha ardido em 1836 ; era o velho casarão onde tinham sido, em tempos idos, os Estáos do Infante D. Pedro, filho de D. João I, onde se instalou, mais tarde, a Inquisição e que fôra reconstruido depois do terramoto. As parèdes calcinadas, que o incendio de 36 deixou ali até se construir o theatro de D. Maria II, constituiam, para os visitantes, um abundante manancial de commentarios, com a particularidade curiosa de ninguem sequer affectar vêl-as nos dias de semana. Por essa mesma época os cemiterios publicos aguilhoaram á attenção ; a Camara tomou posse d'elles em 35, remodelou-os, impôz, com grande protesto dos jornalistas, o nome de Nossa Senhora dos Prazeres, ao Occidental, forcingou, com terraplanagens e muros de cantaria, a curiosidade do populacho que, desde então, começou visitando os campos sagrados onde havia de dormir mais tarde. Por correlação, o cemiterio do Valle Escuro, onde se enterravam os animaes, era, tambem, objecto de excursões, porque nessa época, (1841) pensava-se em removê-lo para sitio melhor, com a febre amorosa de que a vereação se tomou pela cidade, indo até á fundação da Abegoaria da Boa-Vista, no local onde ainda hoje se encontra. Não havia maior divertimento do que uma burricada ; os magotes de pessoas conhecidas atravessavam a Baixa, cahindo, levantando-se, foliando com os pobres bichos, que tiveram a sua época de explendor, muito procurados nos alquiladóres do Poço do Borratém, do Campo de Sant'Anna e da rua do Arco do Bandeira : foi o grande tempo da *al-*

*barda vermelha*, de Cacilhas, quando havia burros celebres, disputados pelos amadôres nas correrias festivas ao Alfeite e á Cova da Piedade. As touradas fizeram sempre, tambem, a delicia dos lisboetas. Na praça de touros, do Salitre, até 1826, deram-se touros de morte ; em cada doze matavam-se quatro, sendo a carne vendida em beneficio da Casa Pia ; mais tarde, a do Campo de Sant'Anna, que era a segunda no mesmo sitio, inaugurada por D. Miguel em 1831, viu, igualmente, magnificas corridas, com o esfusiar da alegria portugueza, já com immensos foguetes e uma incalculavel porção d'agua fresca. E foi tambem por esse mesmo tempo que as corridas de cavalos, no Campo Grande, voltaram a sêr da melhor elegancia depois de terem sido prohibidas, vinte e cinco annos antes, sob pena de prisão e de multa.

Já então o theatro preocupava os lisboetas. Já então os *clubs* d'amadores surgiam por todos os cantos e n'elles revelava o seu talento aquelle que, mais tarde, foi o famoso actor Sargèdas. Os theatros particulares multiplicavam-se, arrastados pelo exemplo do *Thalia*, nas Laranjeiras, o primeiro de todos, onde Farrôbo representara e fizéra representar, pelos seus, muitas das obras contemporaneas ; tornaram-se, logo, muito conhecidos o da rua de S. Felix, o das Escolas Geraes, o da rua da Arrabida, o *Gascão*, onde as primeiras ferocidades dramaticas de Lisboa rugiram continuamente os melodramas populares de Carré e de Saint-Neuvain — péssimamente traduzidos. Alguns, mesmo, tiveram una celebridade merecida, como o theatro do Timbre, onde se cantou a *Lucia de Lammer-*

*moor*, de Donizetti, toda por artistas portuguezes e toda em italiano. S. Carlos não era frequentado pelas classes iletradas que tinham, ao tempo, o seu divertimento favorito no velho theatro do Salitre, inaugurado em 1782, que viu todas as companhias e todas as peças, descendo, lentamente, até exhibir prestidigitadores que faziam jogos de physica experimental com algumas artes magicas e grandissimo descáro. Justamente, em 40, um tal Leroux, charlatão que se intitulava *physico de S. M. o Rei dos Franceses*, fêz abarrotar de gente o velho Salitre, que ia lá expressamente para o insultar e, ás vezes, para lhe bater, porque este homem estranho, apesar da sua polidèz francesa e das suas maneiras suaves, era tido e havido como um feiticeiro dos mais perigosos. Midosi tomou, em seguida, conta do Salitre mantendo-se aos tòmbos com um vago theatro nacional, até á inauguração do theatro de D. Maria II. Os bailes de mascaras, na sala de S. Carlos, resurgiram no Carnaval de 36, treze annos depois de haverem sido tentados no segundo theatro do Bairro-Alto, rompendo finalmente, um seculo depois d'elles existirem na Opera de Paris, chasqueando a oposição da Intendencia que, em 1809, os achára immoraes — e os prohibira. Em 46 o Gymnasio apparece, edificado n'um barracão d'arlequins, onde havia acrobatismos e pantomimas de salteadores, juntamente com a apresentação de danças ineditas, a *cracoviana*, o *pá di du* e a *polka*, que entrou em Portugal precisamente n'esse periodo. Este primeiro Gymnasio viveu seis annos, dando logar ao de Cinatti — que é o que ainda hoje existe. E para coroar o rejuvenescimento-

do theatro, inaugura-se, em plena Regeneração, o verdadeiro theatro nacional, o de D. Maria II, riseo do italiano Fortunato Lodi—e que esteve para se chamar o *Theatro da Glória*.

Lisboa, na rua, não careceu nunca de passatempo. Foi sempre uma cidade de *budauds* que se entretinha em ver morrer um cão ou seguia, durante horas, o preto *Assembleia* marchando na frente das bandas regimentaes que encontrava, quer fossem para formatura em parada, quer para um simples render da guarda, no Terreiro do Paço; este *Assembleia* manejava um pau encimado por um crivo de regador, executando as evoluções d'um tambor-mór, affastando-se, de quando em quando, para apanhar uma bofetada — que consentia em receber pela escassa quantia de déz reis. Lisboa admirava tambem o foguetorio do pyrotechnico José Osti que, mais tarde, assombrou o publico com as maravilhas do *Jardim Mythologico* e da *Floresta egypcia* e que foi o primeiro, em Portugal, a fabricar os phosphoros prompts de céra, adoptando a invenção de Preshel. Para a merenda usava os doces do celebrado pasteleiro do Rato, que elaborava magnificos doces d'ovos — e uma vez por outra, variava os seus prazeres no espectaculo d'alguma execução capital no Caes do Sodré ou no Largo do Corpo Santo, pasmando para o cynismo de Diogo Alves ou confusamente enternecidia com a resignação doce de Mattos Lobo a caminho do seu patíbulo. Os pequeninos gosos satisfaziam-n'a. Ao deitar das noites de domingo havia sempre gente que se tinha divertido d'uma forma descabelada contemplando pedras

queimadas ou vendo estrebuxar homens. Um nada enchia Lisboa de satisfação, forçando-a a arregalar os olhos pasmados, discutindo e apontando com a exhuberância peculiar ás cidades cheias de luz. E alguns, mesmo, ficavam repletos só por vadiar, regaladamente, ao sol, de corpo quieto e de alma quieta — vendo voar as moscas.



UM BAILE NA CÔRTE



## UM BAILE NA CÔRTE

Nas manhãs que antecediam as noites de baile, a corte levantava-se de um humor execravel. Até os *huissiers* da Camara faziam estalar o verniz fulgurante das suas attitudes perfiladas nos gestos bruscos, irreprimíveis de quem sente descer, impiedosamente, a mais afflictiva de todas as convenções. Os bailes da corte empalideciam as faces, vincavam os traços, branquejavam as fontes. A faina principiava, nas Necessidades, quando a tarde enlanguescia e as luzes começavam a accender-se a uma e uma. Iluminava-se, então, a fachada do palacio, já enfeitada com verduras e festões deploraveis de papel pintado. As patrulhas da guarda municipal regulavam o transito; a escada de honra estava adornada de tapetes e de flores. Logo na ante-camara as mentiras decorativas exhalavam um tédio sem fim e sem principio: a guarda real dos archeiros jazia ali, perfilada no seu uniforme pittoresco, com archaismos que ainda vinham de D. José, impunhando alabardas inoffensivas. Os lacaios da Camara, fardados, recebiam os cartões de convite com gesto lento e triste, como se executassem os ritos d'uma cerimonia funerea.

e iam distribuindo, em cabides, os casacos das damas e os chapéus dos homens. Nas primeiras salas, vasias ainda, as mesas de *whist* e de voltarète, fazendo brilhar mais verde o seu panno verde, sob a luz crua das lampadas d'azeite, esperam os generaes indomaveis, de bronchites cavernosas e de decisões ousadas. E, devorando a decoração monumental, o silencio do aborrecimento invade, instala-se nas poltronas, enrodilha-se nos reposteiros pesados e colhe todas as phisionomias na mesma expressão astável, polida e fatigada.

Quando a Rainha entrava nos salões, arrastadamente, pelas onze horas, com o modo grave e circunspecto com que se cumpre um dever penoso,— encontrava já os seus intimos nas habituaes posturas que destilavam o cançásso de quem executa uma *cuvée* palaciana. Na sala dos *marechaes*, onde os retratos de Saldanha, de Palmélla e de Terceira cortavam as vastas parèdes, forradas com o brocado de tres altos, com as linhas coruscantes das molduras dobradas, já o grande-escudeiro, duque da Terceira, encostado ao fogão, mesmo por debaixo do seu proprio retrato, se esmerava em copiar a attitude com que pousára. E não se sabia bem se a tela tinha descido ao nível do pavimento, se era o proprio duque que se evolava, como n'uma *Ascenção* do Perugino, até se pregar, miraculoso e ethereo, no muro vertical, de tal forma a semelhança era flagrante. O coronel de lanceiros dois, D. Antonio de Mello, uma torre enorme, esguia e silenciosa, brincava, n'um gesto machinal, com as dragonas do uniforme, exasperando pela sua impassibilidade immutavel, os se-

dentos d'occupação que chegavam a distrahir-se com o perpetuo rebrilhar das suas franjas doiradas. Só o capitão das guardas, o duque de Palmélla, com a mobilidade da sua face de italiano astuto, se dispendia em graças, borboleteando em torno das damas de honor, D. Maria de Vasconcellos, irmã do marquês de Castello-Melhor, as meninas de Santa Iria, a duqueza da Terceira, a marquezá de Cantagalho, a viscondessa de Rio-Sêcco, as condessas dá Lapa, de Lumiares, de Farrôbo, da Ponte, de Mello... As chamas das vélas subiam hirtas, como que retezando-se para não explodir d'enfado n'aquelle ambiente lugubre. Nos vãos das janelas, o marquês de Niza, relampejando o seu unico olho valido, contava, entre risos abafados pela decencia, scenas orgiacas da *Sociedade do Delírio*, a que presidia e que impulsionava. O conde de Vimioso, continuando no Paço a sua vida sempre atarefada d'alquilador, simulando gestos graves de diplomata em conferencia, vendia, pela decima vez, o seu famoso cavallo d'Altér que ninguem subjugava — e que elle, depois, tornava a comprar. Uma mumia pasmosa, inverosimil, arriscava um passo ousado no espelho dos *parquets*, esboçava, aqui e alem, uma reverencia da corte, agitando as sèdas do seu vestido de baile, de onde se desprendia um cheiro acre e doce de formiga; era a commendadeira de Calça-Pina. Sempre friorenta, a condessa de Vianna instalava-se por detrás dos biombos de laca còr de lilaz, junto de um fogão, contando as suas interminaveis historias; tinha um queixinho de rebéca e a mania dos relogios; usava-os em toda a parte, nas pulseiras, no pESCOÇO,

nos cordões, nas carteiras, no penteado, todos preciosos, todos de repetição, ligeiros e leves como uma porcellana de Saxe, outros formidaveis, rebarbativos, desenhando reducções de mostrador de cathedral, com longos ponteiros de ferro agressivos e agudos. De quando em quando, n'uma polidéz gelada que escondia a ebullição de um enfado sem limites, cinco ou seis pares, de sorrisos convencionaes e de phrases bem medidas, escorregavam lentamente pela téka amarellada dos sobrados, no ritmo d'uma valsa viennense, tão comedidos, tão pautados, que as abas das casacas a custo mostravam o fôrro de seda rôxa e os artelhos cobertos de setim branco, quasi se não viam, velados pudicamente pelas *blondes* das saias hieraticas. Depois, o silencio cahia de novo, mais pesado, mais soturno. Terceira continuava apoiado no rebordo da sua téla, com a vastidão mamuda de um bonzo da Birmania, o cheiro à formiga da cominidadeira alastrava, immenso, Niza embalava, agora, de si para si, uma nova *cochonnerie* para a *Sociedade do Delirio*. E, bruscamente, no torpor que augmentava, as vozes agudas e cristalinas de multiplos relogios, tentando seguir-se umas ás outras, atropellando-se apressadas, plangentes, tumultuosas, cortavam o ciciar ligeiro e abafado. Era a condessa de Vianna que *dava horas*.

Mais tarde, no salão dos deuses, onde o tédio se infiltrava mais tenaz, com a teimosia da humidade, a Rainha e a infanta D. Anna de Jesus Maria ocupavam poltronas dando a direita ás senhoras do corpo diplomatico e a esquerda ás damas de honor. A Imperatriz fazia, então, uma

aparição curta, sempre nova, sempre bella no explendor magnifico da sua belleza do norte, onde as feições acen-tuadas das bávaras se neutralisavam, se fundiam na incomparavel graça franceza herdada do pae e do avô, o general de Beauharnais. No seu vestido de còres palidas, sempre recoberto pelaç rendas d'Alençon, que asfleçoava particularmente e de onde surgia o fulgor de joias dis-cretas, dava una volta rapida pelos salões, desapparecia em silencio, preferindo o jardim de S. Pedro d'Alcantara onde era certo encontrar-se em todas as manhãs bonitas, ao intolleravel supplicio de um sorriso sem expressão, dei-xando escapar phrases de etiqueta, sem còr e sem vivaci-dade. Começavam a consultar-se os relogios pelos cantos de maior sombra; a condessa de Vianna era, então, muito procurada, muito rodeada, mostrador gigante e palrador, onde os inumeraveis pouteiros dos seus relogios cami-nhavam lentamente para a hora bemdita que, com decen-cia, podia aliviar aquelle martyrio solémne. Nem os pro-prios gelados, que circulavam, sacudiam a lethargia amea-çadora, suffocavam bocejos irresistiveis. Só D. Fernando, acompanhado pelo seu ajudante de campo, o barão de Cam-panhã, espalhava, a custo, uma animação ficticia n'aquel-la gente desolada, com a sua apparencia saudavel de forte pinheiro das dumas, irradiando saude e alegria de vivêr. Mas a hora da debandada aguçava as impaciencias. E de novo as faces amarfanhadas se tendiam de regosijo mal contido, ao voltar aos vestibulos onde os lacaios glabros, sempre funereos, iam entregando, com a mesma gravida-de triste, os albornós de casimiras alvadias, os abafoes fe-

mijinhos, em velludos neutros, debruados de *filó illusion*. A guarda real dos archeiros desfallecia, muito palida; as sentinelas apresentavam armas, continuamente, no meio da largada tempestuosa das séges. As largas escadas, onde os tapetes do Khurdistan offereciam um piso suave, canalizavam o fluxo transbordante que escorria n'um impeto para se espalhar, livre, nas ruas desertas. Em baixo, no largo, a nuvem negra da multidão esperava, desde horas, pacientemente, retida por um cordão de guardas a cavallo, a saída d'aquelle mundo longínquo que descia de salões inaccessibleis. Manchas de luxo perpassavam, fugitivas, nos círculos de luz que o reflector dos candieiros desenhava nos mosaicos do átrio; o alívio sahia, em ondas, pela porta ris-cada brutalmente na negrura da noite, coruscante como a quéllea de um forno. Os marechaes constellavam a escridão, destacando, das altas golas doiradas, os perfis duros, mais angulosos, mais rispidos depois d'aquelle tremendo dever palaciano, seguidos pelo dêdo agudo dos espectadores que os apontavam murmurando-lhes os nomes com passmo e admiração. Rolam as ultimas traquitanas, relampajam agora, mais solitárias, as baionetas dos soldados da guarda, a sombra vai-se fazendo por gradações insensíveis no andar nobre, à medida que os lustres se vão apagando véla por véla. O baile finalizou e a multidão dispersa por fim commentando, formulando por vezes um conceito judicioso ou amargo. Embuçados nas golas erguidas, por entre o estridor das rodas que resaltam nas calçadas, os convidados consideram, mentalmente, que tão cedo não haverá outro baile. E respiram. No silêncio da madrugada

que pésa, mais ciumento, só um ou outro dos curiosos, retardado, com os olhos ainda cheios da elegancia caudalosa que viu passar por deante de si, vae cantando pelo emaranhado das travessas, n'uma voz que adormece tambem :

Toque, toque, toque,  
Vamos p'ra S. Roque,  
Para vêr os peraltas  
Que veem de capote !

---



A MARIA DA FONTE



## A MARIA DA FONTE

O movimento — considerável — da *Maria da Fonte* teve o seu inicio na irreflexão d'um grupo de minhotos, em oposição ao governo de Costa Cabral, por questões de recrutamento local e proibição dos enterramentos dentro das egrejas. Nos primeiros dias de maio de 1846 começou a desenhar-se uma agitação que alastrou, aumentou de intensidade, já desvirtuada e fóra das suas primitivas aspirações, exhibindo mais uma vez todos os odios políticos que dormiam, como o fogo debaixo da cinza — e forçando a Rainha a demittir Costa Cabral para chamar o duque de Palmella. Esta decisão, que socogeu certos grupos irquietos, dividiu a revolta da *Maria da Fonte* em dois períodos distintos; o segundo surgiu depois do golpe de Estado de seis d'outubro do mesmo anno, com a formação de um novo ministerio em que não figurava Costa Cabral, mas que lhe pertencia de corpo e alma. NÓVOS movimentos, prisão do duque da Terceira, energica revolta da cidade do Porto, afirmação defendida do genio militar de Saldanha nos recontros que ensanguentavam as terras de

Portugal. Depois, a *Maria da Fonte* extinguiu-se lentamente, mais pelo cançasso dos combatentes do que pela victoria dos governamentaes. E tudo ficou como d'antes.

Todavia a *Maria da Fonte*, antes de se tornar uma simples revolta politica, foi, sobretudo, a inevitavel reacção contra um estado de coisas que era recente e desconhecido; de facto a theoria constitucional levou quinze ou vinte annos a chegar ao fundo dos logarejos do Minho. E em presença das innovações que apresentava e das colectas que impunha, muito diferentes das antigas fórmas de receita, uma resistencia surda, sugerida pelo frade, que não ficára de todo extineto, como de principio se suppunha, começo a organizar um systema fugidio de passividade, de inercia, que se não opunha francamente ás mais aparatosas medidas do progresso mas que, por toda a parte, desde a lareira da barraca até ao ádro da egreja, rumurejava receio e hostilidade. A noção de suffragio unico foi comprehendida, a cäça ao voto, feita sempre com impudor e violencia, um *halali* fogoso que, na sua febre, não respeitava abstinenças e espancava, com furor, oposições, — acabou por matar, na gente simples, a ideia da justica e até a ideia do direito. O parlamentarismo, obra de advogados, sonho de philosophos pensadôres, nascido na agitação das cidades e sempre instrumento de um cerebro mais astuto, não podia vingar entre o camponez. Por isso, logo descrente d'elle e das suas falsas pompas, o homem do campo alheou-se, continuou, absorvido, o seu penar eterno sobre a leiva e só relampejou de franca ira no dia em que lhe tocáram nos dois nervos fundamentaes da raça: a tradição

e a egreja. Voltou, então, a sér a mesma multídão que falava alto e rijo ao Conde, repudiava as medidas astutas do Bispo e, ás vezes, desconhecia o Rei. Debaixo das nucas vergadas germinava, perpetua e formidavel, a semente da *Jacquerie*, desenvolviam-se os tentaculos da fria revolta dos Robinos dos bosques. Mas se ja não havia *outlaws*, os *Jacques* eram ainda possiveis. Levar um filho, inutilizar uma rabiça, sem explicar porquê? Não. Obstar a que os pobres corpos escravos dormissem, junto dos Maiores, sob o lagèdo das egrejas, nos logares sagrados que ensombram os braços gigantescos d'uma Cruz, sem ensinar o motivo? Não. Outróra, das margens do lago Katrine, os supplicantes aineaçavam, n'um clamor de vingança, os sombrios castellos escocézes de Rob-Roy e de How Campbell, outros miseraveis, surdidos dos arvorédos de Poitiers, assediavam barbacãs, pedindo pão n'um longo soluço de fome. E agora elles, outros *Jacques*, novos *Jacques* em que fremiam as mesmas dôres, as mesmas amarguras dos antigos, dos avós, tomavam a foice ségadaira, aperravam a clavina ferrugenta e uma tarde, sahidos da Povoa de Lanhoso, ululando desespero, — marchavam.

Marchavam. Levavam o lar consigo, atravéz das serras. De cada choupana, acompanhando o homem, sahia uma mulher, com o filho pendurado na mama, sobraçando a trouxa humilde, cobrindo a cabeça com o caldeirão de cobre reluzente onde castanholaiva, dentro, a malga vidrada da sôpa. E as mais ricas carregavam o macho. Na rectaguarda da columna sinuosa que escalava as quebradas, torcicolava nas veigas, entre o milho já alto e doirado,

os velhos, cançados, espreitando a terra, guiavam os pequeninos incertos, de fralda ao vento, que sorriam n'um divino sorriso. As pobres riquezas que são a doçura da vida, seguiam atráz, fraternalmente misturadas nas carreiras ligeiras que as raparigas empurravam. Era o mólio das enxadas que, entre gótas de suor, fazem nascer, crescer e doiar o pão, o cestinho de verga que levava o jantar ao homem, além, para lá dos campos lavrados onde elle, curvado sobre a terra, era como que uma mancha escura pousada n'outra mancha escura mais larga, a infusa de barro vermelho, a jaléca de domingo, das manhãs de missa, os sapatos comprados, no Pórtico, para as tardes de arraial, o mantéo das noites de invernia, a gravura encaixilhada de S. João Baptista, que nos tempos de paz, sob a tellha, pende junto da lareira promettendo o Céu aos que viverem bons. Entre a poeira que a columna deslocava surgia, de quando em quando, a nódoa castanha de um boi pensativo, caminhando pausadamente, de grandes olhos humidos, levado no exodo por um mais favorecido que tinha ovelhas no curral e tinha machos na arribana. Bruscamente as faces voltavam-se, todas, para um dos lados do caminho, as pestanas baixavam, os dedos ageis esboçavam uma persignação enternecedora: é que na sombra solitaria de um carvalho ou no recanto humido de um muro arruinado, um alpendre ligeiro abrigava uma caixa tóscia onde se instalava u-na Senhora com o Menino-Dens ao cólo, hirta nas prégas do seu vestido ingenuo, com as contas dos olhos muito redondas, sem movimento, o rosto d'uma palidêz de cera, parecendo contemplar, n'um es-

panto, aquelle estranho desfile de Desgraça e de Miseria. E os olhares desvairados que as mulheres davam á Santa, n'uma supplica muda e afflictiva em que toda a alma se dava, deixavam a imagem fria e silenciosa, n'um silencio que não tinham conseguido quebrar, n'uma frialdade que não tinham conseguido aquecer outros olhares, na frente, os dos homens validos que criam na justiça da sua Causa e derramavam, ao passar, n'um movimento de palpebras, a certeza d'uma fé redemptora n'um mundo melhor onde os homens fossem todos eguaes e a fome fosse de todos desconhecida.

Marchavam. Iam ao acaso, na febre violenta de se baterem, n'um clamor immenso de revolta. E a sua voz, que explodia no anceio d'uma aspiração louca, era enorme, sobrba, formidável como a voz de Deus, *corria de serra em serra, como a agua das levadas*, no desejo irreprimivel de *triumphar ou morrer*. Nas aldeias adormecidas entre vinhedos, os sinos das capellas bimbalhavam um rebate continuo; a columna engrossava, ja dirigida, com um plano ainda incerto, onde já irrompia a neccessidade de um itenerario que a levasse ao Porto. O Minho placido levantava-se por toda a parte; e vinham de Darque, vinham dos Arcos, vinham de Penafiel os magótes sombrios que nenhum clarão de Aurora fazia resplandescer. Já pelas tardes, na hora exausta em que à fita bariolada de còres paráva, na infinita lassidão do seu dia de marcha, junto de um burgo cinzento e quasi deserto, um longo suspiro de fome percorria o bivaque improvisado, que nenhuma alegria animava e onde os homens, rendidos de cançasso,

cabidos sobre a terra, na postura macissa de bois fatigados, olhavam com angustia impotente as creanças que imploravam uma côdea. O côro formidavel da miseria subia, plangente, até aos espaços mudos; nas faces terrosas, por entre as barbas densas e rudes, os olhos dos lavradores faiscavam n'uma agonia desvairada e afflictiva. A alma popular fundia-se n'uma infinita ternura pela sorte dos recemnascidos sem culpa e sem pousada; algumas mulheres de Vianna, mais fortes, na beira dos caminhos, offertavam, n'um impudor sublime, os seios nus ás debeis creaturinhas sem voz e sem direitos, tomavam indistintamente os pequeninos ás mães esqualidas onde seccára o leite, uniam-nos ao peito, n'um largo gesto maternal, transbordante de desespero. A voz que corria pelos moutes como as torrentes d'inverno era, agora, um longo uivo de desgraça, arrastado, lento, triste. E nos adros das egrejas, nos cruzeiros das estradas, batendo furiosamente com a tésta nos braços de pedra da Cruz impassivel, vultos escuros soluçavam com estridor, com os filhos mortos nos braços. Os miseraveis continuavam, vagamente conscientes de que n'outras épocas, n'outros seculos já remotos, antigos grupos ainda mais desalentados, mais famintos tinham, tambem, expendido á face dos céus a amargura da sua vida sem pão e o desespero da sua existencia sem luz. Outros annos sem fim haviam ainda de passar sobre elles, milhares talvez, até que novos *Jacques*, incontraiveis, perdidos no impenetravel mysterio do futuro, alas-trassem immensos e avassalassem a terra. Já a torpeza das cidades desvirtuava aquelle clamor de fome e o adaptava

aos seus interesses; já fardas consteladas especulavam sobre a revolta campezina, derrubando ministérios e armando batalhões; a guerra civil ia nascer, roubando o primeiro impeto dos simples para o transformar n'uma hedionda causa política. Mas elles, vagueando pelas margens do Ave, onde enganavam a fome bebendo nas águas claras, aglomerados por um sofrimento commum, aureolados já pela miseria cem vezes sagrada dos Vencidos, — não comprehendiam nada, não conheciam nada e os seus pequeninos apenas sabiam chorar. Perdidos no mundo vasto, tão pequenos, tão obscuros sob a infinita magestade do céu vazio, eram como que a Esperança morta de um grande ideal desfeito. Eram espetraes, abstractos, transparentes, uma grande Lagrima rolando lentamente sobre a face desolada da Terra. E marchavam !



EM VOLTA DE GARRETT



## EM VOLTA DE GARRETT

O ministro, de passagem, atirou o chapéu e a bengála para cima da secretaria e approximou-se d'uma das janelas. Fóra, fevereiro envolia a terra com longas cordas d'água; o Terreiro do Paço era um lago encrespado aqui e além pelas ventaneiras subitas; a estatua de D. José escorria d'humidade esverdeada, impassível, como que resignada, solitaria na vasta praça debruada d'arcarias. No rio as faluas adormecidas baloiçavam-se em cadencia, esfumadas no véu do aguaceiro. A névoa tornava indecis as margens da Outra-Banda, fabricando uma atmosphera d'algodão sujo, onde guinchavam centenas de gaivotas. E era tudo pesado e infinitamente tristonho.

O visconde d'Almeida Garrett encolheu furiosamente os hombros, indignado com aquella abominação dos céus. Nunca em Bruxellas, no tempo, em que lá déra a moda garrettiana, os días lhe tinham sido tão duros e tão agrestes. E apesar da mingua d'erario, tão parcamente dividido pelas embaixadas, uma miseria negra, uma avarice inconcebivel pelos contos de réis, retidos nos Negocios Estrangeiros, decerto a vida do *boulevard* de Gand,

ás cinco horas da tarde, tinha amenidades magnificas e confortos razoaveis. Com quanto às multiplas condecorações da sua casaca verde-bronze não pudesse ajuntar a commenda de Christo, impetrada com tanta ardencia e sempre fugitiva, — havia compensações n'aquelle terra de belgas que quasi respirava o ar de Paris e a delicia de Paris. E estava agora ali, ministro, n'um casarão indecente e humido, sem um fogão, a vér chover, n'uma tarde de parlamento, n'uma tarde de politica, inutil e desoccupado na hora activa em que a machina governativa mais range e mais se desconjuncta no seu eterno esforço de administrar. Era um d'aquelles dias infelizes em que, para os homens, se mostra mais accentuada e mais teimosa a resistencia bruta das coisas. O Lemos falhára-lhe uma casaca, o Andrillat polvilhára-o demais para o baile da marqueza de Vianna e o seu ultimo sinête, uma maravilha d'engenho, com as armas em meia sinopla sobre fundo doirado, — não estava ainda prompto. Era demais em Portugal. E com aquelle tempo ignobil, ali jazia elle, sem sinête, sem casaca, sem commenda, — e sem ter nada que fazer!

Um suspiro medonho atroôu o vasto gabinete decorativo e solitario. E abandonando a janella, onde a chuva crepitava com a maior impetuosidade, o ministro refugiu-se, moribundo, na monumental poltrona da secretaria. O tecto já se ia afogando em sombra, os *reps* cahiam direitos, hieraticos, das altas hombreiras pombalinas, com as prégas immoveis, adormecidas. O tapete enorme e vermelho sumia-se por debaixo d'un colossal camapé Imperio, esquecido n'aquelle parede desde annos; o ministro notou,

até, que estava no fio, proximo do sophá, provavelmente de tantos pés indecisos e timidos que ali tinham pousado com esperança ou com desvanecimento. Passára por alli o espanador respeitoso e convicto do servente; havia um rigido alinho em cima da secretaria, com as pennas, os lapis arrumados, em roda d'um monte de impressos. O visconde considerou o tinteiro pensativamente, com ar amargo, cogou uma das pernas, aterrado, com phrenesi, pasmou, d'olhos dilatados, para uma ponta de charuto deixada ali desde a vespera por um collega, atirada com negligencia para o vão de uma das janellas. Era aquella infame administração que não tinha um olhar indagador para os pavimentos do ministro! E era dia de despacho tambem! Não tardaria o horrendo Bicker, com a pasta sebacea — que bem se lembrava que era sebacea — a ciciar coisas de consulados e de bachareis, dando a assignar folhas de almasso onde havia borrões de tinta. Jesus! Que monumental, que somnolenta massada! E novamente o ministro jazeu inerte e negro, como a ponta do charuto do collega...

No silencio, com effeito, Bicker assomou, fendeu a amplidão do gabinete, de bellas suíças grisalhas, face leonina e severa, na mais requintada das elegâncias, calças á Morny, sobrecasaca felpuda, debruada d'arminhos, opulenta, rigida e magestosa. O visconde d'Almeida Garrett abriu o olho direito. E o director geral informou-se da saude de S. Ex.<sup>a</sup>

— Murcho, Bicker, muito murcho...

Seria provavelmente o frio... S. Ex.<sup>a</sup>, todavia, ha-

bituado aos frios de Bruxellas, devia resistir bem. Mas com este ceu de Portugal, tão inconstante, tão insidioso...

— Talvez, Bicker, talvez... Vou mandar vir pelles do lago Ontario. Vou escrever para o Canadá...

Sem transição Bicker abriu a pasta sebacea e cravou os olhos no visconde. Do bójo escapou-se uma tremenda papelada e o ministro, resignado, fechou os olhos. Eram nomeações. Portugal novo nomeava com furor para países exóticos, para a California, para a Australia, para a China. Bicker parecia estar seguindo o roteiro do capitão Cook, entorpecendo o seu chefe com aquella geographia tão distante e tão vaga. A chuva fustigava mais os caixilhos das janellas e era bom, era delicioso ouvir aquele excellente homem sussurrar razões de Estado, graves e transcendentes, tão propicias a uma sésta decente, leve e desprendida.

O ministro abriu ambos os olhos. A tristeza do dia aniquilava-o. De novo considerou o tinteiro, a ponta do charuto, enquanto, ao lado, a voz monótona e abafada fallava em *exquator* e em *habeas corpus*. Depois a face amortecida ergueu-se até ás suíças do director geral, toda se embebeu na gravata côn de cereja, picada por uma enorme opála. Mudamente approvou, inspeccionou melhor, com mais attenção. Decididamente Bicker era um funcionario com as raras qualidades conjunetas do traço e da sabedoria. E nas profundidades do seu ser, S. Ex.<sup>a</sup> pensou:

— Gosto d'este Bicker...

Bicker fallava agora em assignar todas aquellas coisas

e com tenacidade empurrava os papeis para defronte do ministro, fallando ainda, fallando sempre, com o mesmo murmurio monótono e doce. Bicker, na egreja, se lá ia, devia rezar assim, com aquella voz aveludada e persuasiva. Mas Garrett, n'esse momento, pairava-lhe na sobrecasaca. E todo se regalava! Com effeito, havia gosto n'aquelle machina consular. Era espantoso! Não vira melhor em Londres, nem mais concisamente britannico nem mais interminavelmente palrador. Havia de cultivar aquelle funcionario! E de subito o dia refulgiu, a chuva cessou, coou-se em claridades cristalinas: o visconde contemplava as formosissimas calças de Bicker, n'um assombro e n'uma amargura. Como aquillo era bem lançado, bem cortado, de summa elegancia e de summa sobriedade! Aquelle subalterno possuia uma coisa que elle, visconde d'Almeida Garrett, não tinha! Nem Lemos, nem Moraes, alfayates da *gentry*, equalavam aquella perfeição. De que servia ser visconde, ministro, um grande escriptor, uma grande cabeça, se não tinha, se não podia ter umas calças assim! Em dois segundos, Garrett, como Shakspeare, tocou no fundo da amargura humana e sombriamente interrompeu, desolado:

— Ó Bicker...

O director geral estacou, encolheu — e o ministro ciciou n'uma admiração :

— Que extraordinarias calças Bicker! Que extraordinarias calças!...

Bicker perturbou-se, refluiu. O senhor ministro é que interrompêra d'uma forma extraordinaria. Santo Deus!

Sem duvida as calças eram perfeitas, mas estava tão longe d'ellas n'esse momento!... Estava, positivamente, em céroulas. Einfim, S. Ex.<sup>a</sup> desculparia que alguns metros de fazenda, cortados com certa habilidade, o pudessem distrahir de coisas tão graves, tão profundas... No dia seguinte vestiria outras calças...

— Não senhor, Bicker, não senhor. As mesmas, quero as mesmas! Ponha ahi os papeis. De onde são ellas? Do Moraes?

Bicker fez um signal negativo.

— Do Leinos?

— Do Right, de Londres, — murmurou elle.

— Do Right? Como, do Right? Como é que elle lhe tira as medidas?

O director geral córou, confessou, modesto, que na previsão do seu afastamento de junto do celebre alfayate, aprendéra elle proprio a medir-se. Era só mandar para Londres, n'uma simples folha de papel, uma serie de numeros — e o correio traria um par de calças impeccaveis e inconfundiveis.

Garrett pulava, agora, d'olhos bem abertos, bem fogo-sos. E agarrou-lhe nervosamente no hombro:

— Ó Bicker, você vae tirar-me as medidas d'un par de calças!

O outro recuou, aterrado, balbuciando... Decerto, no recolhimento do seu *home*, com pachorra e á vontade, laboriosamente media coxas e canellas... Mas ali, no ministerio!... E se alguém entrasse, o visse a elle, Bicker, ajoelhado, medindo com solicitude as barrigas das pernas

do senhor visconde!... — E depois, não tinha uma fita de medir!

De facto, era um objecto desconhecido n'aquelle cortiço de burocratas, onde não existiam medidas lineares. E foi o ministro que sugeriu:

— Um cordel... um simples cordel...

A chuva cahia com mais violencia. Era a hora do Parlamento. O *landau* do ministro esperava em baixo. Bicker, assogueado, media com uma guita vermelha, encontrada no fundo d'uma gavêta, no meio d'uma collecção de *Diarios do Governo*. Garrett pousava-lhe a mão no hombro, acarinhava-o, convidava-o para jantar — promettendolhe *roast-beef* á escocèza e trouxas d'ovos magnificas, que lhe haviam chegado de Vizeu, dias antes. E Bicker, terminando de medir, assoberbado pela gula, refugiou-se de novo, com alacridade, na exposição do seu despacho. À legação do Rio de Janeiro haviam forçado o cofre e...

— Estarão certas, Bicker?

— As contas?

— Não. As medidas.

Que S. Ex.<sup>a</sup> se tranquilisasse. Havia de ver depois, ao receber a caixa do Right. Mas de facto aquelle caso era estranho, urgia demittir o funcionario...

— Em lamiste, Bicker, em lamiste còr de ervilha, clara...

Bicker acquiesceu n'um gesto. A promoção dos segundos aspirantes approximava-se. Elaborava-se a lista; parecia-lhe natural que fosse á assignatura...

— Oiça lá, ó Bicker?...

De novo o director geral se condensou. E o ministro balbuciou:

— Na cintura... aqui em cima... você sabe o que são estas coisas... dê-lhe mais duas polegadas... Tenho um defeito...

N'uma grande decisão, aliviado, arrebatou da pena. E no cantar da chuva áspera, automaticamente, foi assinando: Visconde d'Almeida Garrett, Visconde d'Almeida Garrett, Visconde d'Almeida Garrett...

---

**FIAT-LUX**



## FIAT-LUX

A pachôrra secular dos portuguezes nunca teve pressa e só adaptava ás maravilhas do progresso depois de prudentes cogitações. Em 1841 havia já, em Inglaterra, perto de mil e novecentos kilometros de linhas ferreas quando em Portugal, por essa mesma época, nem sequer se fazia ideia do que isso fosse; estava-se então, no apogeu retumbante da diligencia e da liteira. Todas as innovações pareciam provindas de Satanaz, cheirando horrivelmente a enxofre, com o aspecto carrancudo e hostil de quem tenta angariar almas para os caldeirões de Pero Botelho. A ponte pensil, inaugurada, n'essa ocasião, no Porto, apenas era aproveitada pelos espiritos fortes que o alvoroço popular logo alcunhava de maçons; e a fragata franceza, a vapor, *la Couronne*, que por esses tempos arribou ao Tejo, prendeu, durante dias, nas margens alcanedoradas, uma multidão enorme embebendo-se com pavor n'aquelle prodigiosa obra de malefício que marchava sem vélas e contra o vento. Para arrancar da inercia a indolencia lisboeta os proprios governos pouco ou nada faziam,

segundo, impassíveis, o velho preceito florentino, affirmando que *piano piano si va lontano*. De forma que Lisboa foi positivamente sacudida com a erupção do gáz na iluminação das ruas, acontecimento momentoso e diabólico que teve a sua realização em agosto de 1849, quando em Sidney, na Australia, elle existia d'uma forma comum desde nove annos.

A iluminação de certas ruas de Lisboa datava ja de 1780, frouxa, lugubre, particularmente cumplice dos ratoneiros e organisou-se com lanternas d'azeite que eram roubadas com muita habilidade e una constancia nunca desmentida. O governo da primeira D. Maria não podia estar fornecendo gratuitamente azeite com tanta abundância e cortou cércé as *luzinhas quasi extintas*, de Buciello, devolvendo a cidade á tréva algum tempo depois. Em 1791 reappareceram, porém, novamente, as luzes indispensaveis, utilizando os velhos lampiões de cegonha, com os contornos superiores terminados em bico. Mas este processo continuava a ser desficiente, operando de combinação com o satélite, reduzido ao estado de *meia-iluminação* nas noites em que certos quartos de lua deramavam uma luz intensa; ainda mesmo que chovesse e o astro se conservasse ennuulado, o sistema continuava porque a culpa não era da loura Selene, pontual e obediente e por consequencia ninguem tinha de que se queixar. E mesmo este primitivo arranjo dividia ainda as lanternas no grupo das permanentes e das *semi-permanentes*, que não se accendiam nunca, sob nenhum pretexto, embora estivessem aprestadas para isso. Como, porém, es-

tes modestos sóes portateis innundassem de vergonha os espiritos mais arrojados, que por toda a parte clamavam que Pariz ja tinha gáz desde 1829, foi necessario galvanizar as populações e Lisboa começou bravamente a abrir, nas suas ruas, o corrêgo sinuoso que havia de transportar os conductores de chumbo. O conde de Farrôbo, perdulario e artista, ja se tinha antecipado. Algum tempo antes inaugurou no palacio e theatro das Larangeiras os seus nunca bastante celebrados déz candieiros. E o primeiro léque amarelinho, silvando, dobrado sob o vento, pouco mais luminoso que a veneravel lanterna de azeite, sua antecessora, fèz a sua apparição n'esse anno de 49, na via publica, como um phenomeno milagroso e raro que provocava commentarios sem fim e atrahia, até horas mortas, uma longa fila de curiosos. Só em 1850 o gáz se tornou extensivo a toda a cidade e a invenção de Philipe Lebon, datada ja do principio do seculo, alterou profundamente o aspecto antiquado das ruas de Lisboa.

De facto Lisboa, com o gáz, não se sentia á vontade. Embora Lopes de Mendonça o tivesse dithyrambisado com larga vehemencia, n'um dos seus famósos folhetins, havia contra elle uma grande hostilidade. O gáz, com efecto, quasi matava o lar, trazia consigo um largo sopro de democracia, afogando n'um arranco a aristocratica illuminação dos salões, obtida pelas vélas innumeraveis que deixavam cahir uma luz velada e doce. S. Carlos deixaria, pois, de sér possivel sob a luz crua do gáz e para as meias tintas d'aquella sociedade que adormecia, tantos silvos, tantas claridades brutaes não convinham decerto. Essa abominação

de Parizes remotos, alastrava, agora, em terras portuguezas e parecia que no explendor quente da sua luz um ponco de sangue novo circulava nas veias com outro sangue corrupto e morno. Isto exasperava Lisboa — que só era ousada em politica. Tudo que lhe alterasse, por ligeiro que fosse, o seu ripanço secular, lhe apparecia logo como uma cousa hispida e antipathica que era preciso varrer e aniquilar para socêgo e consolação de todos. Depois de ter pasmado para o milagre d'aquelle luz implacavel e satanica, começou a olhal-a com rancor e a amar com desespêro o candieiro de tres bicos em vetusto latão para vetustos azeites. Durante um momento pareceu que o petroleo iria destronar o Mal, surgindo burguez, modesto e facilmente comprehensivel. Mas não. Metade do *seculo das luzes* tinha corrido já e o gáz havia de guardar, por longos annos ainda, a sua soberania incontestavel que só a electricidade desmantelaria brutalmente.

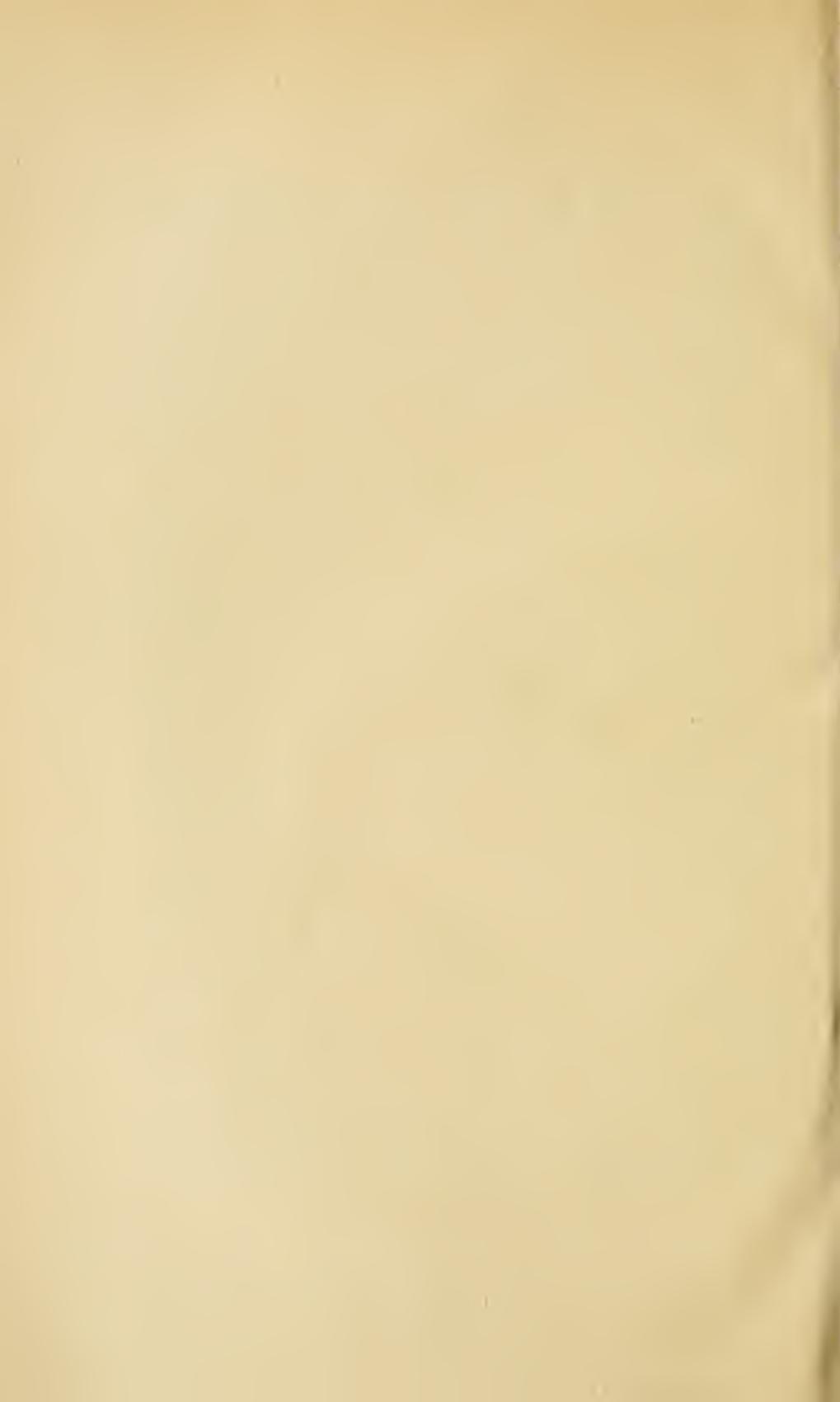
Mas, com essa nova illuminação, alguma cousa, com efeito, desapparecera. A Lisboa de D. João VI, a Lisboa do intendente Pina Manique, de Bocage e de José Agostinho de Macedo, deixára escapar a sua alma subtil na chamma triangular de um bico de gáz. Decerto os *devoristas* tinham trazido do estrangeiro novas ideias e novos costumes que profundamente modificaram a vida da cidade — mas a vermelha luz do progresso veio dar o golpe de misericordia no que ainda restava de caracteristico e de proprio. Existia um antagonismo definido em todos os aspectos familiares; nos armazens, quasi centenarios, da Baixa, soturnos e graves, entre os balcões de nogueira,

polidos pelo continuo perpassar das peças de fazenda, silvava o gáz, logo ao entardecer. Já dentro dos velhos muros do Castello, nos aquartelamentos que o rei D. Fernando preparava com disvelada attenção, o gáz bruxuleava, vergando sob as rajadas as suas luzinhas tristes. Nos salões litterarios da Regeneração, onde as novas *leões* do néo-romantismo ensaiavam, ainda timidamente, os saráus galantes de Compiègne, a mesma luz moderna apurava, com nitidez, as arestas das cousas, dândo-lhes um relevo brutal que lhes tirava toda a suavidade. As canalizações meandrabam indiscretamente, por toda a parte e sempre teimoso, insinuando-se com lentidão segura, o gáz abria o seu léque dominador. Tinhamb-n'o os cafés, já o possuia a vella livraria Bertrand que, por éssa epoca, vendia colossalmente Lamartine e Octavio Feuillet, o boatequim do Gonzaga inaugurou-o com fausto, no barracão do Salitre elle surdiu imperioso e altivo. Aquella famosa illuminação que estava em vesperas de dar a volta ao mundo, conquistava com desembaraço ferrenho, todas as resistencias de Lisboa, instalava-se mansamente n'um silencio pacato. E agora, até as tendinhas do Rocio, microscopicas e desertas, tinhamb o seu bico de gáz solémne e deslumbrante, espalhando claridades nas garrafas refulgentes onde a aguardente de figo esperava o apetite dos consumidores.

Havia gáz no crepusculo dos Romanticos. E enquanto uma sombra de mysterio diluia, lentamente, uma sociedade que fôra tempestuosa, os pontos brilhantes cresciam e multiplicavam-se; como u'um funeral pagão, o morto en-

trava no Esquecimento rodeado por chamas de um fulgor intenso. Para que nada faltasse n'esse occáso melancólico, a mão dos homens incendiava as cidades como o sopro de Deus costuma incendiar os horisontes. Na desolação merencoria das tardes que cahem pesadamente, os velhos contemplavam aquella invenção humana com o desespero resignado dos moribundos que não terão mais sol — porque vão morrer com a aurora. Assim aberta ao desvairo da modernidade, o que não iria soffrer a döce Lisbôa? Os ignorantes, que não pasmam de nada porque tudo para elles é, a um tempo, inexplicavel e corrente, viam, com placidêz, o consideravel melhoramento sem presentirem o seu anachronismo latente. Mas os sonhadôres, os pensadôres refugiavam-se n'um mundo que terminava, vendo, n'aquella luz, fogáchos lugubres, sinistros que, no seu tremular, sarabandeavam em torno de uma agonia. E havia horror, com efeito. Porque motivo aquella medida, aquella que mais lentamente se fizera anunciar, rebolando, escorregadia, na inercia dos governos, se forçava, agora, d'uma forma tão sombria, tão positiva, triumphando no declinar d'uma época? Era a eterna desconexidade das cousas, surgindo semi methodo, atropelando-se na vida ligeira e illusoria da pobre humanidade. O gáz que illuminava a aurora do porvir era um progresso brutal, um dos muitos progressos que apressam o fim de algumas sociedades, um fermento de desagregação, tão forte na sua simplicidade, tão nefasto na sua melhoria. Lisboa não era já a cidade dos avós que dormiam — mas, a Babylonia dos vindouros, dos netos ainda perdidos nos

limbos do nada. E a certeza d'uma cousa differente, apagando, sem rebuço, todo o fulgor dos homens que julgavam as suas ideias eternas como o firmamento, era, de certo, a maior crueldade, a dôr mais violenta que podiam assoberbar os que partiam vergados, aniquilados n'uma infinita tristeza. N'aquelle claridade que, de subito, triumphava, — um crepusculo descia. *Fiat-lux.* E fez-se a escuridão.



## A REGENERAÇÃO



## A REGENERAÇÃO

O movimento da Regeneração não foi um movimento notável, nem pela sua amplitude nem pelas suas consequencias concretas. As classes que o fomentaram, tinham organisado todas as sedições do reinado de D. Maria II. Foi uma tentativa revolucionaria muito menos importante que a *Belémzada*, mais escassa ainda d'effeitos do que ella, com fragilidades, frouxitões em que revelava a fadiga dos agitadores profissionaes. O nome com que se revestiu indicava umá intenção que, de resto, nunca realizou com efficacia. Toda a gente sentia a necessidade de regenerar a Cousa Publica esquecendo-se, todavia, de se regenerar a si propria. A fraude governamental assumiu proporções épicas e na duvida, ainda esbatida, que se levantava, os projectos diminuiam, insensivelmente, de envergadura. Foi uma explosão fria, sem entusiasmo e sem paixões muito tumultuosas. Em summa, o movimento da Regeneração pôde synthetisar-se n'um golpe de estado, mais ou menos necessario, que tinha por objecto derrubar um ministerio e substituilo por outro.

Mas a Regeneração marcou, todavia, dois periodos bem nitidos e bem delimitados na sociedade portugueza. Um antes d'ella, outro depois. Embora os mesmos homens continuassem a agitar-se com as mesmas paixões e os mesmos processos, mesmo em seguida a esse derradeiro arranco das dissensões intestinas, — parece que elle, com esse efeito, alterou o tempo, o modo de sentir e a preocupação vital das multidões. Na primeira metade do seculo Portugal crê na Constituição, bate-se por ella e encontra na sua velha alma entorpecida santos entusiasmos e sagradas effusões que o atiram para a frente com abnegação e energia. Em seguida, brusco, o paiz recae no seu torpôr, alheia-se, desinteressa-se — e adormece n'uma indolencia descuidosa que intimamente o vae roendo, levando-o ao ponto de o deixar nú e arruinado no dia em que elle, de novo, acordou. O regimen parlamentar, baseado na divisão da responsabilidade, feneceu, como de resto, em quasi toda a Europa, quando a sua mentira e a sua inutilidade se tornaram patentes ; hoje, mesmo, subsiste — á falta de melhor. Deu-se, entre nós, uma profunda scisão de costumes, como em França se havia dado depois da passagem da monarchia de Julho ao segundo Imperio, pela ponte fragil da republica de 1848 e como em Hespanha havia de succeder, mais tarde, depois da quēda de Isabel II. As sementes ligeiras que germinavam, desde muito, no sub-solo das sociedades, romperam, por fim, na superficie. A primeira caracteristica que se nota é o cançasso pela politica e a indifferença quasi absoluta que, devagar, ia surgindo por ella ; são os primeiros pródromos d'uma acal-

mação. Depois a vida publica retrahiu-se, os homens de D. Pedro envelheciam, refugiavam-se cada vez mais nas suas occupações privadas e os que lhes succediam, nascidos aqui, não tendo tido a mocidade batida pelos formidaveis movimentos europeus do principio do seculo, não sentindo já como os paes, fecharam a sua actividade em ambitos mais reduzidos, tornando acentuadamente portuguezas ideias quasi mundiaes, adaptando-as e, por consequinte, restringindo-as a um modo de vêr ainda fradesco, quasi cenobitico. Os dirigentes não melhoraram; pelo contrario; nunca foram tão grandes a concussão e a simonia; sómente não havia já sobre elles, vigiando e protestando, os olhos d'uma nação inteira. Toda a gente encolhia furiosamente os hombros — e se fechava em si propria. A Regeneração foi, de facto, um crepusculo, um *gottdammerung* que enterrou melhor uma multidão extinta do que cincuenta pásadas de terra, no fundo de um cemiterio. Uma sombra descia, lenta e triste, envolvendo em esquecimento as velhas dissensões, demonstrando, mais una vêz, a inutilidade flagrante das passageiras paixões humanas. E este desprendimento, quasi absoluto, d'uma geração fatigada, aniquilou a sociabilidade, matou a elegancia e abastardou a arte.

Tudo se modificou, se substituiu sem que os pensadores o comprehendessem, pudéssem seguir, sequer, a marcha insensivel das cousas. Assim uma caravana, estri-dente de cores e de vida, passa por junto de um *oasis* fresco, toda se agita n'uma animação de viver e o deixa depois, devagar, enquanto alguns retardados pretendem

demorar-se e a custo se desprendem do logar de delicias que o seu espirito evocará muitas vezes. O Romantismo magnifico terminará. Já os homens amesquinhavam aquillo que pouco antes fizéra a sua belleza. Os esparsos, que tentavam reviver e resurgir, singularisavam-se, tão deslocados, tão lamentaveis como um franciscano dos frescos de Giotto, arrancado dos velhos conventos de Fiésola e posto, entre caricaturas de Gavarni, n'um salão de moveis de Boule onde houvesse estatuetas de Buigny-Jourdain. O néo-romantisino naseeu com o gáz e com as saias de balão e a sua paléta barrou de cinzento todo o colorido mordente e sensual que adornára a vida dos maiores; foi um filho bastardo d'essa gente, que não deixou successores, como tambem não encontrará ascendentes. Entre a primeira Carta dos Casacas-de-briche e o movimento da Regeneração, Portugal viveu d'uma existencia propria como nunca tinha tido antes, como, verosimilmente, nunca mais terá; dois factos séccos limitam uma época soberba que ficou expressa na Historia. Porque do resto nada mais existe. Onde estão os *snobs* da Assembleia Lisbonense, os irrequietos de S. Carlos, os agitadores de todos os motins da rua? Onde está o mundo elegante das Larangeiras, plethorico de prazer, pairando, com indifferença, por sobre as miserias da cidade? E os que amaram, os que amaldiçoaram, tremulos de odio ou de amor, agitando o fácho do seu ideal, inundando com as vagas da sua cólera, homens, senhores absolutos da terra, onde estão elles? Onde estão as criaturas soberbas que gritavam aos céus o seu desespero e o seu triumpho? Onde estão?

É procural-os, agora, nas longas ruas desertas, debruadas de capellas escondidas na sombra esguia das arvores funéreas. Estão ali, nos Campos-Elyseos da sua cidade, no fundo dos jardins onde apodrece o que na vida soffreu e palpou. E resurgem nos chorões, entre as lapi-des, e rebentam, vivazes, nas selvas frescas e erguem os braços supplicantes nos cyprestes esgrouviados e sombrios. As áleas desoladas abafam o passo dos vivos, extinguem a Vida no mysterio impenetravel da Morte. Só as pedras falam, contam ambições falsas, exaltam doçuras falsas, proclaimam virtudes falsas, correctas, alinhadas, mostrando mudamente, em marmore, a mentira dos homens, a impotencia dos homens perante a morte, enquanto, por debaixo, na sombria noite da terra, uma outra vida renasce impetuosa, indomavel e eterna. *Aqui jaz... Aqui jaz... Aqui jaz...* Caminhar, andar, andar sem fim em torno do entorpecido jardim que, de subito, póde a morte levantar, macabramente, um velho morto, branco na sua branca mortalha, inerte na sua eternidade inerte. Talvez o poeta queira, ainda, innundar as orbitas vasias com o exemplendor de todo o azul dos céus, talvez o politico deseje, mais uma vez, estender o braço dominador que fulminou e vergou... E estão ali — na terra. *Aqui jaz...* As multidões dormem immobilisadas. Farrôbo, João de Lemos, Epiphanio, Passos Manuel, Fonsecá Magalhães... Ali — na terra. *Aqui jaz... aqui jaz... aqui jaz...* Artistas de claro genio, pensadores de profundo scismar, letrados, philosophos, virtuosos, sabios, humanidade inquieta que procura sem fim, no eterno esforço e na eterna imperfei-

ção... Ali — na terra. E os obreiros humildes, os obscuros obreiros, tambem, as manchas indecisas que ondulavam nas tardes de motim, Pedro, João, Antonio, Pedro, João, Antonio... Ali — na valla. Uns na terra evolutiva e eterna, outros na pompa dos seus jazigos sumptuosos, todos eguaes em face do Desconhecido, são a materia imponderavel, gerada no abysmo dos seculos, congregada no decorrer dos seculos, dispersa no seu gotejar sem-fim. Multidão imensa, multidão gelada, sem um gesto, sem um grito, colhida, para todo o sempre, na rigidez da eternidade. Aquelle grande mundo tornou-se um punhado de cinza, leve poeira cinzenta que nem mesmo é agitada pelas brisas ligeiras dos cemiterios, que parecem sussurrar as lamentações de Jeremias, paraphrasear a salomonesca vaidade das vaidades, soluçar versiculos desesperados do Ecclesiastes... E os mortos que regeneraram — são, por sua vez, regenerados tambem, no sonno infinito que nunca mais tem acordar. Só aquelles a quem Deus concedeu o maravilhoso dom de sentir e de evocar, os podem suppôr, tarde, no mysterio negro da sombra, uivando com o uivo do vento, fremendo com o fremêr das folhas, olhando com o olhar dos planetas distantes, arremeçando n'um *sabat* furioso, as ambições que os agitaram ou roçando, lentamente, pelas campas, a extinta paixão da sua vida terrestre. E pensam com desespero ou resignação e ululam, ainda, na febre do seu ideal passado e morrem segunda vez dentro da morte, no insatisfeito anseio dos seus desejos incompletos que não realisarão nunca... Lamentações de Noite que sobem orvelinhando, até aos mysticos umbraes do espaço, para

quê chorar o eterno cyclo humano, nascer, sofrer, morrer? Para quê? Para quê? Que talvez a inutilidade da vida se possa comprehender na eternidade da morte! Velhos mortos, velhos mortos, a noite acaba. Silencio! Silencio queridos mortos... Agora...



ELLA



## ELLA

... agora os phantasmas desappareceram na densa neblina que cérra os horisontes. E o véu que a vela cobre amorosamente o dorso das colinas, espalha-se no rio em flócos amarfanhados, revolteia em farrapos de algodão, silencioso, espectral, gelado. A escuridão coleia a massa indecisa com recantos de mysterio e de negrura mais intensa onde rumureja o arvorêdo dos jardins, entre balsamicas frescuras da terra molhada. Toda ella é uma grande mancha cinzenta com nodoas de sombra. Nem espaço, nem horizonte, nem luz. Nada. As vibrações de um sino fremem, pelo ar, as seis horas da manhã. E emqnanto ella dorme, entorpecida e indiferente, aquelle divino milagre da Força Viva opéra, lentamente, o seu prodigo habitual na nudez desolada da noite, repelle a cerração para os recortes esfumados da ponta d'Oeiras, apodéra-se com tenacidade da terra, espreita o momento opportuno para laçar o seu primeiro dardo. Começa toda a formidavel magia dos cambiantes e é devagar, com lentidão descuidosa que o acastelado de nuvens, no horizonte, abre es-

paçosas alas e enrubesce e se entreabre lascivamente, incendiado n'um clarão de victoria, para que ella, no sonno tepido que finalisa, encontre logo a luz que é a vida e a alegria da sua existencia imutavel. O ar fino amolece e ondula, as virações resaltam carregadas d'olencias, rasgando com infinita precaução os véus cendrados que envolvem a casaria minuscula do Barreiro, a falasia barrenta do Alfeite, os mamelões redondos que se debruçam, enamorados, no Tejo. O astro vae lançar o seu primeiro olhar sobre a cidade e a natureza, no murmúrio immenso da sua immensa força, cicia a *hossanah* formidável que acompanha o cor-tejo de todas as auroras, n'um crescendo divino, explendido, que os homens não ouvem mas que vae, em ondas pelo espaço, inrrorer junto do Creador que nunca teve manhã e que não terá nunca tarde. O ceu espéra, apagando, n'um assombro, as suas ultimas estrellas; as folhas estremecem e as raizes impam de seiva e os bichos de conta, nos muros d'hera, espalmam a sua esphera de azeviche na espectativa serena d'aquelle milagre soberbo, — porque elle vae nascer, assombroso, colossal, infinito, n'um turbilhão de chamas que envolve o Universo n'um incendio sem fim e sem limite. E o primeiro raio do sol é um pincel terno e minucioso que movimenta e anima, accende lumes resplgentes nos vidros de todas as janellas e põe matizes de oiro liquido em todos os zincos dos beiraes, inundando de luz as casarias brancas, cabriolando nas telhas musgósás, impaciente e caprichoso, acolhedor e móço. E ella, voluptuosa, desdobra-se n'aquelle carícia, espreguiça o seu despertar na cadencia mais apressada

do seu arvorêdo e no passo mais vivaz dos que vão logo com o dia mourejar e trabalhar. À medida que o globo rubro vai subindo no horizonte, os planos de sombra fragmentam-se, desapparecem submersidos n'um oceano de luz, como ilhotas de areia que a preamar lambe por todos os lados e esconde, por fim, n'uma toalha d'agua, mais ousada. E é agora, desde a torre de Belem até aos paços da velha Fundição, uma perspectiva luminosa e estridente que se anima no explendor da manhã e aquece na tepidez d'aquella atmosphera, galgando, desordenada, os tópos das colinas para lôgo depois resvalar em traços bruscos até aos valles quietos que parecem dormir ainda no socêgo d'uma réstea de sol. A casaria alva, interminavel, debruçada com segurânciá sobre o Tejo, ergue soberbamente ao ceu os seus telhados ponteagudos e castanhos onde milhares de trapeiras mais escuras desenham milhares de olhos que pestenejam, abertas para o primeiro trabalho e para a primeira e mais bemdita das claridades. Na placidez das cousas longinquas o panorama teir a serenidade eterna dos espectaculos que desafiam o tempo, com todos os recortes flagrantes de nitidez, todas as duras arestas finamente destacadas no ar lento e sensual que increspa as aguas glaucas do rio e baloiça com moleza as falias dispersas caprichosamente ao sabor do acaso e da comodidade. Os arreboes que incendeiam o espaço, os dardos inflammados que levam o fogo aos quatro cantos do ceu, pousam com mais termura, demoram mais a sua caccia triunfante, porque adejam n'ella, porque fremem n'ella, na doce, na meiga, na melhor, na cidade das sete

colinas, na Lisboa bemdita entre as cidades, tão cheia de encanto para os que a amam, tão acolhedora para os que a estimam, tão formosa, tão desejada para os que suspiram longe d'ella, para além dos mares verdes onde existem as terras da amargura e do exilio. É ella que se ergue explendida e eterna no abraço formidável do sol que nasce. A muralha cinzenta do Castello debruça-se pensativa no pendor alcandorado, negro das oliveiras esparsas e acolhe na sombra das suas muralhas tórras o dédalo emaranhado das viellas tortuosas que vão desde Alfama até ás Cruzes da Sé, velho burgo onde sempre rugiu a colera dos homens e gemeu a fome dos pequeninos, velha Lisboa oito vezes secular onde rouquejou gritos d'ira a multidão negra do alfaiate Fernão Vasques, que ouviu ulular de desespero a horda altivamente esfarrapada de Phebo Moniz e onde as mais confrangedoras misérias teem a tenacidade divina que espéra, atravez da miseria e atravez da amargura, o dia radioso em que hão de surgir a bondade, a alegria e a abundância. E são, mais além, as rosaceas incompletas, as paredes esguias das antigas ruinas do Carmo, que o tempo patinou e poetisou, com os arcos botantes transformados em braços de pedra implorando mudamente, com as suas ogivas vasias enquadrando o azul, os seus gigantes, os seus arrendados maineis defendendo, ainda, com avareza saudosa, a alma mystica do Condestavel. E os arvorêdos assomam e murmuram; e as escarpas da margem irrompem e saudam; e os montes desenham-se e sorriem. O zimborio da Estrella morde o espaço, flanqueado pelas suas torres que, na claridade matutina, parecem mais leves,

transparentes quasi, translúcidas, contemplando de longe o cubo do palacio da Ajuda, mergulhado na fronde agitada, mosqueada, por vezes, com o verde mais escuro dos pinheiros selvagens. E ella, agora, mostra-se toda, formidável, bella, nua, a Lisboa do chapeu alto, a Lisboa dos mitchens, a Lisboa do Romantismo, que se agitou com a facundia romana dos casacas-de-briche, que vibrou com Passos Manuel, que rugiu com Fonseca Magalhães, que chorou com João de Lemos e riu com Sargédas. Brilha, agora, cheia de graça, repleta de visões esbatidas em penumbras de sonho, embalando espectros indecisos de um velho tempo extinto, cheia de piedade pelos miseráveis, transbordando de nobreza para os que a humilham, distilando indiferença para os que a não comprehendem. Acórdá fremente de soluços e de gritos, esboçando sorrisos, de pensar amargo ou hilariante, e sob as claridades resplandecentes tóma todas as modalidades coleia todos os progressos, a um tempo preguiçosa e trabalhadora, aventureira e prudente, elegante e desleixada. E na hora solémne em que a vida recomeça e o luxo ainda não desceu á rua, ella é a Lisboa sagrada dos que trabalham e dos que pénam, com as suas calçadas ingremes, as suas escadinhas a pique, de pedras polidas pelo continuo perpassar dos apressados, as suas travessas abafadas onde, de repente, n'um cotovelo brusco, muralhas musgósas abrem um rasgado sobre o rio e sobre o espaço d'uma infinita doçura. A voz d'ella resõa, fresca e aguda, nos martélicos dos caldeireiros da Alfandega, amortecida pela distancia, nitida, plangente e dolorosa. Nos velhos largos, onde adormecem

solares meio envolvidos nas flôres roxas das acacias amaveis, ha grades debruçadas sobre o horisonte, convidando a um pensativo scismar e é junto d'ellas, na beira do passeio, entre a mulher e o filho, que almoça um ou outro operario de bluza, comendo gallardamente a sua málga de sopas. A Lisboa dos humildes triumpha, sob o sol levantando, rigidamente, para os ares as cruzes innumeraveis das suas duzentas egrejas, perpetuamente plantada em face das colinas da Outra-Banda, contemplando aquelles inmontes venerandos, onde se pousou tanta vez a saudade dos que foram a Ceuta, dos que foram á India e que, com a mesma impassibilidade, os viram chegar, em caravelas desmanteladas, subindo o Tejo no momento recolhido em que os sinos de bordo tangiam *Avé-Marias*, quando os corações opressos abençoavam a terra da patria e os olhos rassos d'agua procuravam, ennevoados, os contórnos agrestes da serra de Cintra. Todo o mysterio do nascente desabrocha, agora, n'uma eclosão soberba. E ella é, mais do que nunca, a cidade maravilhosa e sempre joven que remóça todas as manhãs e todas as tardes adormece na certeza formidavel de acordar no dia seguinte. Os homens são para ti um accidente; elles transitam e tu ficas. Nem os que passaram, nem os que vivem, nem os que hão-de vir te pudéram alterar a fórmula primitiva que recebeste da Mâe-Natureza. A secreta auréola que fulge em torno de ti é toda composta pela poesia das cousas para todo o sempre desapparecidas e ha-de adornar-te até ao dia, perdido entre os designios de Deus, em que o teu derradeiro filho vir levantar-se, para ti, o derradeiro sol. No teu

manto de egoismo, ha uma infinita piedade ; na tua apparença frívola ha uma imarcessivel meiguice. Em contemplar-te está a inexprimivel docura dos simples que se debruçam n'um mundo morto — e chegam a esquecer um mundo vivo. Os que vivem de ti amam-te e sentem-se tão ligados a ti que te levam para toda a parte no mais remoto escaninho do seu coração, reservando-te — sempre! — o melhor dos seus sorrisos e a mais sentida das suas lágrimas. Minha Lisboa que me déste, quando nasci, a tua luz matutina, consente que, na minha hora, eu cérre os olhos na melancolia sagrada do teu entardecer. Querida !

*Fevereiro-Novembro — 1916.*

*Laus-Déo*



## INDICE



## INDICE

I — Os «casacas-de-briche» .....	9
II — As filhas de D. João VI.....	17
III — A medalha da poeira.....	27
IV — S. Miguel Archanjo .....	37
V — A cidade do lixo.....	47
VI — Os aguadeiros .....	57
VII — Morrér! .....	67
VIII — Exilio .....	77
IX — O «Remexido».....	87
X — Queluz.....	97
XI — O regresso.....	105
XII — Idyllo.....	115
XIII — A Bua dos Condes.....	125
XIV — Politica.....	135
XV — A Assembleia Lisbonense .....	145
XVI — Os actores de 1840.....	153
XVII — Agonia .....	163
XVIII — As Laranjeiras .....	173
XIX — O exercito .....	183
XX — S. Carlos .....	193
XXI — O botequim do Gonzaga.....	203
XXII — Os jornaes de Lisboa.....	213
XXIII — A Sevéra .....	223

XXIV — O Passeio Público.....	233
XXV — A móda .....	243
XXVI — Lisboa na rua.....	253
XXVII — Um baile na corte .....	263
XXVIII — A «Maria da Fonte».....	273
XXIX — Em volta de Garrett .....	283
XXX — «Fiat-lux» .....	293
XXXI — A Regeneração.....	303
XXXII — Ella.....	313

---

COMPOSTO E IMPRESSO NA  
TIPOGRAFIA DO COMÉRCIO,  
RUA DA OLIVEIRA, AO CARMO,  
10 — LISBOA.



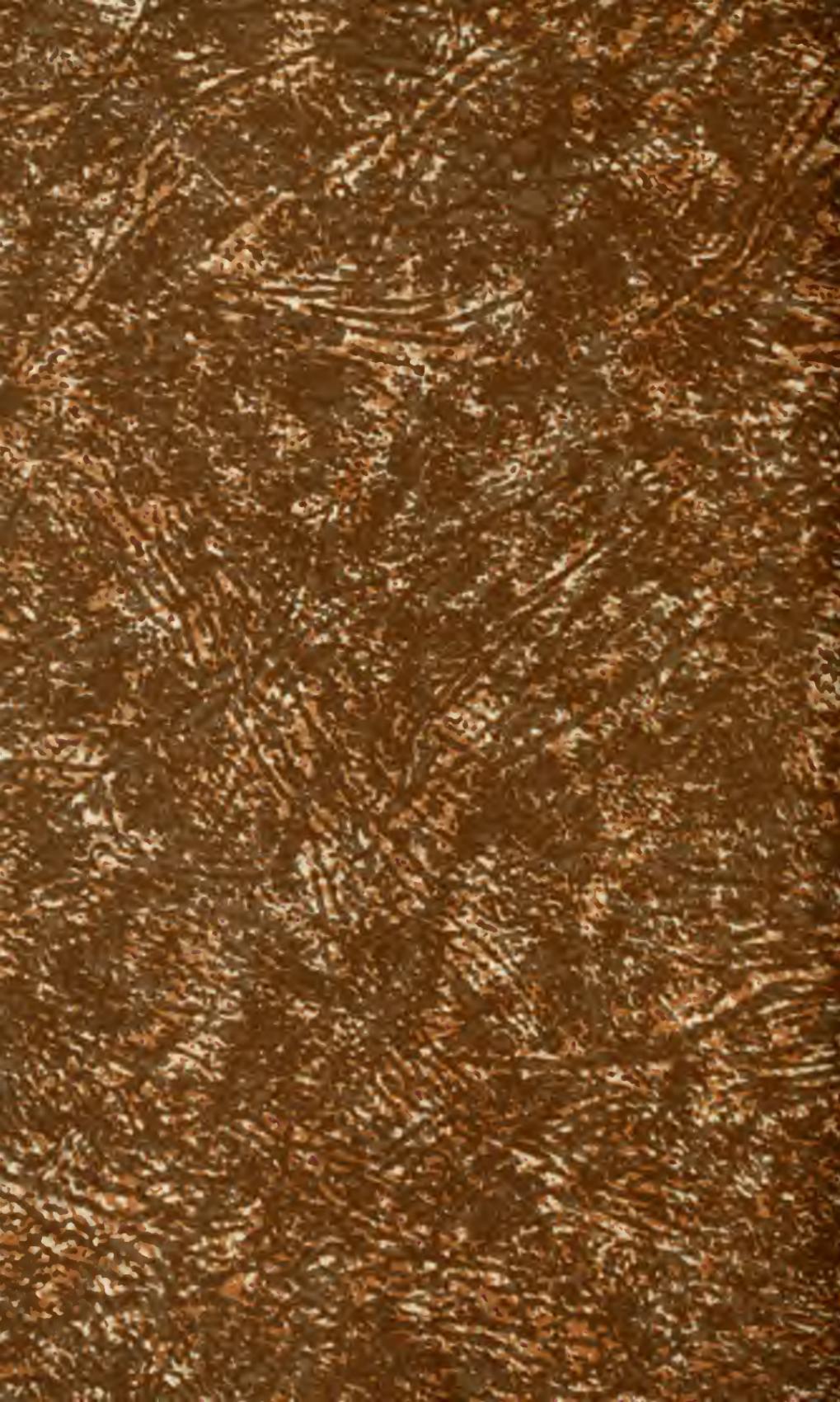












DP  
756  
A4  
1916

Almeida, Mario de  
Lisboa do romantismo

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

